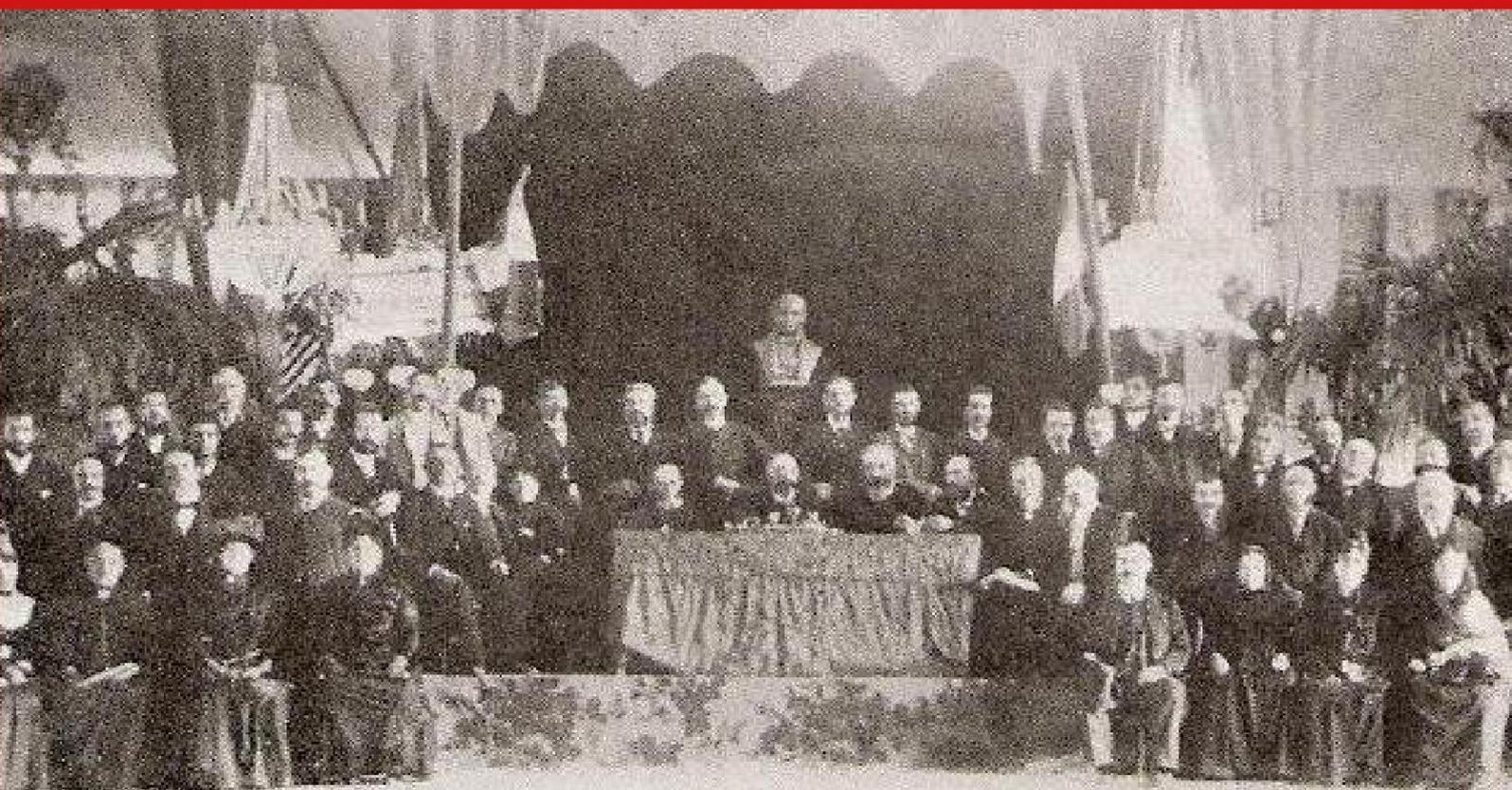


Federação Espírita Espanhola

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA

Barcelona, Espanha - 1888



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA

Federação Espírita Espanhola

Lançamento original:

Primer Congreso Internacional Espiritista

Barcelona, Espanha – setembro de 1888

Imprenta de Daniel Cortezo y C.^a - Editores

Calle de Pallars (Salón de S. Juan)

Tradução: Teresa de Espanha

Compilação: Salvador Martin

Revisão e Formatação: Ery Lopes e Irmãos W.

Versão digitalizada

© 2020

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



Setembro de 1888, Barcelona

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA



REPRESENTAÇÕES

Adesões, Sessões Públicas, Sessões Particulares
Conclusões, Documentos, etc.



RESENHA COMPLETA

Publicada por acordo do Congresso
sob a direção do
PRESIDENTE DA COMISSÃO PERMANENTE

Setiembre 1888 Barcelona

PRIMER

Congreso Internacional Espiritista

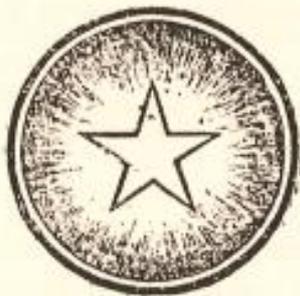


REPRESENTACIONES
ADHESIONES, SESIONES PÚBLICAS, SESIONES PRIVADAS
CONCLUSIONES, DOCUMENTOS, ETC.

RESEÑA COMPLETA

Publicada por acuerdo del Congreso
bajo la dirección del

PRESIDENTE DE LA COMISIÓN PERMANENTE



EDICIÓN ESPAÑOLA - PRECIO: UNA PESETA

BARCELONA

IMPRESA DE DANIEL CORTEZO Y C.^ª - EDITORES

CALLE DE PALLARS (SALÓN DE S. JUAN)

1888

Sumário

Proêmio - *Visconde de Torres-Solanot* – pág. 7

Notas – pág. 57

Primeiro Congresso Internacional Espírita - *Preliminares* – pág. 67

Centros espíritas representados no Congresso – pág. 71

Lista de senhores delegados que assistiram ao Congresso – pág. 77

Sessão preparatória celebrada em 8 de setembro de 1888 – pág. 80

1ª Sessão pública (8 de setembro de 1888) – pág. 84

2ª Sessão pública (9 setembro 1888) – pág. 119

3ª Sessão pública (10 setembro 1888) – pág. 157

Atas das sessões privadas – pág. 196

Proposições – pág. 210

Conclusões aprovadas no Congresso Internacional Espírita de 1888 – pág. 215

Adesões pessoais ao Congresso Internacional Espírita – pág. 218

Adição – pág. 226

Comissão Permanente – pág. 227

Documentos – pág. 229

Opinião do Capitão Volpi – pág. 234

Associação internacional para a arbitragem e para a paz – pág. 236

A Religião Laica – pág. 239

Considerações sobre as vantagens e fundamentos do Espiritismo: – pág. 245

Obras de Allan Kardec – Compêndios – pág. 255

Proêmio

A Deus pelo Amor e a Ciência

Lema fundamental do Espiritismo

Não há efeito sem causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. A potência da causa inteligente está em razão da magnitude do efeito. (*Allan Kardec*)

Nem a existência, o trabalho ou a dor acabam onde começa um sepulcro.

Esse espírito que parece desvanecido com a última pulsação da artéria e o derradeiro sacudimento do coração, que parece aniquilado pelo esforço da agonia, deve desenvolver depois faculdades e aptidões tantas, tão infinitas e várias, como várias e infinitas são as combinações do elemento físico onde vive e trabalha. (*Marietta*).

Os fatos estudados pelo Espiritismo são uma demonstração física da existência da alma. (T.S.)

O pensamento de celebrar um CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, iniciado pelo “Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos”, de acordo com a “Federação Espírita do Vallés”, foi desde o começo secundado por valiosos elementos espanhóis, e mais tarde por outros não menos importantes do estrangeiro, dando como resultado o esplendente acontecimento que acaba de

verificar-se em Barcelona, e assinalará o terceiro grande passo na história do Espiritismo moderno. Foi o primeiro a sua divulgação na América, e representa o segundo a publicação das obras de **Allan Kardec**.

Aquele pensamento, que nós acariciávamos de muitos anos atrás, pelo qual, segundo nossa proposição, a SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA negociou em 1873 (vide a observação A, depois do Proêmio), com ocasião da Exposição Universal de Viena, e que tornamos a propor dois anos depois, quando teve lugar a Exposição de Filadélfia, dando na época, porém, ao concurso o caráter de Exposição Espírita (vide a observação B, depois do Proêmio), não encontramos uma ocasião oportuna para transformá-la em realidade até o momento da atual Exposição de Barcelona.

Era necessário, sem dúvida, que o nome da Espanha, que tão gloriosamente ecoa nas páginas da História, e que está unido ao descobrimento do Novo Mundo, o nome dessa Península, cobiçada por tantos povos conquistadores, e onde os cesarismos e as invasões deixaram impressa a sua funesta pegada, também fosse coroado com a refulgente aureola das lutas pela Liberdade; era necessário, repetimos, que à lembrança dos acontecimentos que marcarão uma época nos anais do Espiritismo, se unisse também o nome da Espanha em consórcio com o da América e o da França; e por isso aqui agitamos com insistência a ideia, e celebrou-se o primeiro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, sendo a localidade designada a culta Barcelona, que deste modo lavou a mancha do auto de fé feito contra os livros de **Allan Kardec** e outras obras espíritas queimadas pela mão do carrasco, no mesmo lugar onde hoje se instala a Exposição Universal.

São os desígnios da Providência!

Não podemos apreciar hoje o acontecimento em toda a sua

importância, pois esta se revelará com os resultados ulteriores dando ótimos frutos para a causa do progresso humano; mas é possível julgar o alcance desta bíblica e solene manifestação do Espiritismo, com a leitura desta RESENHA COMPLETA DO CONGRESSO. Quando este decidiu que fosse publicada, coroou a obra realizada levantando um monumento imperecível que, em forma de livro, conserve a lembrança para que seja transmitida à posteridade, que ficará em dívida, mais do que com qualquer ideia filosófica ou religiosa, e mais do que com qualquer outro descobrimento, com o Espiritismo, que com a sua luz essencial ilumina vastos horizontes antes desconhecidos, e mostra-nos o caminho para a Verdade e o Bem, tomando como guias o Amor, a Ciência e o Trabalho.

Estas afirmações não são filhas de louca petulância, nem alardes da fantasia, nem pretensões absurdas ou conjeturas destituídas de fundamento; são pressentimentos da inteligência que raciocina, da razão que mede com exatidão e do sentimento que impulsiona o coração ao bom proceder; e serão a realidade do amanhã, porque todo ideal razoável chega a ser real.

Apesar de tudo o que foi e possa ser dito contra o Espiritismo, os seus partidários formam a avançada que inicia a marcha; a humanidade virá depois.

“Loucura, desvario, aberração do entendimento”, gritou a obcecada humanidade sempre que lhe foi mostrada uma descoberta nova; o desprezo, o ridículo, a perseguição, têm servido de armas em todo tempo para combater as novas ideias; mas apesar de todos os obstáculos que se opuseram, apesar dos instintos perversos do vulgo não ilustrado e da miopia ou espírito estacionário das corporações científicas, as conquistas do entendimento humano abriram caminho, impondo-se as

descobertas e as ideias. Entre estes, nenhum tão importante e de tão transcendentais consequências como o Espiritismo, e por isso mesmo nenhum tão desprezado, tão caluniado, tão ridicularizado. Mas ¿quem o despreza?

Aquele que não o conhece. Quem o calunia? Aquele que está interessado em que não se emancipe o espírito do jugo da ignorância. Quem o ridiculariza? Aquele que acha mais cômodos os procedimentos da preguiça e da indolência do que os do estudo e a razão; porque é mais singelo se considerar nos píncaros da ciência, do que recomeçar no caminho da investigação crítica, onde aparecerão como erros muito do que foi sustentado como verdade. Em suma: a ignorância, a má fé e a soberba: eis aí os inimigos do Espiritismo. E não podem ser outros, representando ele como representa a causa da ciência, do sentimento reto ou crença racional, e da fraternidade universal, isto é, a aspiração mais elevada até o presente formulada.

Para demonstrar isto bastará indicar ligeiramente o que é Espiritismo, apresentando-o ao julgamento da severa razão.

O Espiritismo é um fato de todas as épocas, não observado nem explicado racionalmente até hoje, e uma ciência que está a se formar na atualidade e cujas aplicações encarnam diretamente na esfera da Filosofia, da Religião e da Sociologia, e indiretamente na esfera das ciências físico-naturais.

Este fato é a origem de todas as religiões e serve de fundamento a todas as revelações; esse fato é a chamada constante que em virtude das leis naturais (explicadas umas e já pressentidas outras pelo Espiritismo moderno) foi preciso fazer ao espírito humano para que o sentimento espiritual não se desvanecesse com os prazeres materiais; esse fato, enfim, está consignado em todas as páginas da História e chegará a ser testemunhado em todos os capítulos da Ciência.

O primitivo foco do pensamento humano que domina o mundo, disse um célebre orientalista, está nos Vedas, livros sagrados da Índia, primeiro monumento que chegou até nós da revelação escrita; pois bem, esses livros contêm também o primeiro testemunho dos fatos espíritas, e aquele povo que emerge na aurora das civilizações, deixa consignadas as raízes ponto de partida do espiritualismo, e alguns dos princípios que hoje faz resplandecer o Espiritismo. Os iogues ou inspirados hindus, homens especiais que se supunha comunicavam com os deuses ou recebiam a inspiração de Brahma, completam os livros sagrados, e há que se reconhecer neles uma superioridade de ideias que seria inconcebível, se nós não soubéssemos que para recebê-las caíam em êxtase, isto é, exerciam a mediunidade, ou seja, a faculdade de comunicar com espíritos desencarnados ou almas. A eles deve a Índia antiga o seu desenvolvimento intelectual e material, e se esse primitivo povo iniciou-se mais tarde na contemplação, foi devido ao predomínio da casta sacerdotal, contra cujo absolutismo não pôde a racional reforma de Buda. Esse Espiritismo rudimentar ou empírico que ainda hoje se conserva na Índia, foi o primeiro testemunho da relação existente entre as almas, independentemente do invólucro corporal.

Se da Índia nós passarmos para a Pérsia, no pouco que hoje pode ser traduzido dos seus Naskas, livros atribuídos a Zoroastro, veremos também consignada a antiguidade do Espiritismo, e o desenvolvimento religioso e social daquele povo intimamente ligado aos fenômenos produzidos pelos seus médiuns, ou seja, os inspirados e os oráculos. As histórias de Dario, de Ciro, de Varennes, de Cobades e outros reis persas estão repletas de fatos desse tipo, assim como a do missionário e santo católico Francisco

Xavier, poderoso médium cujos esforços na Pérsia em favor do Cristianismo foram, afinal, estéreis, pois suas doutrinas eram opostas às do Zend-Avesta e seus fatos, aos dos inspirados persas.

Temos outra confirmação no Egito. O templo de Serápis foi lugar onde se verificaram muitíssimos fenômenos espíritas; os historiadores antigos referem grande quantidade de casos; e os livros sagrados do Catolicismo contêm a narrativa dos prodígios operados pelos magos, ora como magnetizadores, ora como médiuns, fatos e prodígios que continuam a repetir-se ainda hoje, segundo asseveram modernos, instruídos e imparciais visitantes do país dos Faraós.

Na Grécia é conhecido o fato da comunicação com os seres invisíveis, e esta crença é generalizada nesta religião. Os oráculos ou médiuns são ali consultados pelos legisladores para levar as suas inspirações aos códigos, pelos guerreiros antes de acometer as suas empreitadas, pelos monarcas para guiarem-se na administração dos seus súditos, e por estes, nas suas decisões importantes. É bem conhecido o papel do oráculo de Delfos nos tempos da Grécia, e também são conhecidas as opiniões a respeito da comunicação manifestadas por Sócrates (que tinha o seu demônio ou espírito inspirador), Platão, Hipócrates, e outros sábios não ideologistas. Jamblico, Xenofonte, Sófocles, Plutarco e tantas outras luminárias gregas, nem sequer naquele tempo puderam explicar satisfatoriamente a teoria. Admitem o fato e até Aristóteles também o admite, ao mesmo tempo em que nega a existência dos espíritos.

Como as Pitonisas na Grécia, as Sibilas na Roma pagã, confirmam os fenômenos do Espiritismo, e a adivinhação ali tão estendida; e os deuses lares e penates, os áugures e os livros das Sibilas, comprovam a sua prática, comum aos povos do Norte, que só mais à frente se relacionariam com os povos do Meio-Dia para

elaborar os germes da civilização moderna no cadinho da Idade Média. Virgílio e a poesia latina, Tácito, Suetônio, Josefo e outros grandes historiadores confirmam os fatos, e por um fato espírita, o aparecimento do lábaro a Constantino, a doutrina de Jesus penetra no coração do paganismo. E se os tempos antigos lembram o oráculo Fauno, a maga Angitia, a ninfa Egéria e o culto dos Gênios, os tempos novos trazem a lembrança dos profetas e da nova fé que se estende maravilhosamente, graças aos fatos provocados pelos discípulos de Jesus.

E os adivinhos da Antioquia, usando o tripé para obter comunicações de espíritos, e as predições de Ascletário, e os prodigiosos fenômenos operados por Apolônio de Tiana, e aqueles devidos aos Magos, e as Vestais de Roma, e os Druidas da Germânia, são outras tantas evidências. Porém nenhum arsenal de dados, irrecusáveis para os católicos, como aqueles que o povo de Israel trouxe em suas tradições, e aqueles múltiplos que no Velho e Novo Testamento são compilados.

Agora, os fatos que, contidos nesses livros, resistem à crítica, somente podem ser explicados racionalmente pela doutrina espírita, única que desentranha os mistérios das religiões e abre luz através dos monumentos erigidos pela crença dos povos.

Pouco importa para o nosso objeto, que esses fatos, reproduzidos em todos os povos na Idade Média como demonstram os iluminados da Inquisição e os códigos, perseguindo a feitiçaria e a magia, sejam atribuídos ao gênio bom ou mau, ao poder divino ou ao poder diabólico.

Daquela grande laboratório que antecede o Renascimento, saem a alquimia e a astrologia elevadas a química e astronomia, ciências que emprestam o maior desenvolvimento ao conhecimento da Natureza, e assinalam o caminho que, para se

e elevar à ciência do Espiritismo, deve seguir a antiga magia. Esta registra, entre os homens que a praticam e estudam, Raimundo Lúlio, Pedro Albano, Vanini, Roger Bacon, Savonarola, Cardano, Paracelso, e tantos mártires das ideias que dão insólito impulso às ciências; e os fatos dos possuídos de Loudun, dos tremedores das Cévennes, dos convulsionários de São Medardo, do presbitério de Cideville, são novos comprovantes, como também Swedenborg e José Bálsamo, conhecido como conde de Cagliostro; e os fatos acontecidos em todos os povos e em todas as latitudes, relatados por viajores que oferecem testemunho verídico, entre os quais somente citaremos Drahn, Dumont d'Urville, Ch. De Coubertin, F. Denis, Humboldt, Esdaille, R. de Sainte Croix, Huc y Gabet.

Já durante a época moderna, se não temos oráculos, pitonisas, sibilas e profetisas do paganismo, temos duendes, trasgos e bruxaria, não faltam milagres e exorcismos, e enquanto o fanatismo acolhe tudo isso cegamente, e a incredulidade zomba de tudo com intemperança, o fato de todos os tempos cai sob o domínio da ciência, ainda que só em um dos seus aspectos. Mesmer estabelece a teoria do magnetismo (que também toma o nome de mesmerismo, como hoje se pretende dar a ele o nome de hipnotismo), descobrindo uma das fases do agente misterioso ou poder tido por sobrenatural. As academias científicas virão interpor o seu veto para desprestigiar a descoberta; a sabedoria petulante desprezará o estudo, e as consciências timoratas assustar-se-ão diante do conhecimento de mais uma lei; porém a razão e a ciência triunfam afinal, e a razão e a ciência deram certidão de natureza ao Magnetismo, que hoje figura no quadro dos conhecimentos humanos e entre as descobertas destinadas às mais benéficas aplicações.

Deslon, Vanhelmon, Puysegur, Teste, Du Pôtet, Deleuze, Charpignon, o abade Faria, Lafontaine e outros, realizam

profundas pesquisas e deixam consignadas suas experiências. Bertrand, Petetin, Georget e o doutor Rostan entre os franceses; Wienhold, Guselin, Kieser, Brandis, Eschenmayer, Ennemoser, Kluyer, Nasse e Hufeland entre os alemães, dão grande impulso à ciência do magnetismo, cujas teorias e fatos podem ser estudados em centenas de obras que saem à luz no nosso século, para demonstrar até a evidência que “o homem tem a faculdade de exercer sobre os seus semelhantes uma influência benéfica, dirigindo sobre eles, através da vontade, o princípio que nos anima e nos faz viver”, que nada mais é do que “uma extensão do poder que todos os seres viventes têm, de atuar sobre aqueles dos seus próprios órgãos que estão sujeitos à vontade”.

Hoje em dia não mais é lícito duvidar do magnetismo como utilização de uma faculdade, ou como “ciência cuja teoria abraça os maiores problemas da fisiologia e da psicologia, e cujas aplicações são sumamente variadas”. *A Defesa do Magnetismo*, de Deleuze, o artigo *Mesmerismo* da Enciclopédia, e a Lição V do *Curso de Psicologia* de Ahrens, respondem a todas as objeções sérias que possam ser apresentadas, e a essas mesmas obras remetemos aos nossos leitores, que, se aprofundam um pouco nesta ordem de acontecimentos, concordarão com Deleuze, que diz na sua *Instrução Prática sobre Magnetismo*:

“Pretender explicar o magnetismo pela eletricidade, pelo galvanismo, por considerações anatômicas sobre as funções do cérebro e dos nervos, é como querer explicar a vegetação pela cristalografia. É indispensável que os sábios e os médicos sejam persuadidos de que os conhecimentos mais profundos em física e em fisiologia não lhes permitirão jamais descobrir a teoria do magnetismo”.

“A teoria do magnetismo baseia-se em um grande princípio:

existem na Criação dois tipos de substâncias, essencialmente distintas pelos seus caracteres e pelas suas propriedades: o espírito e a matéria. Substâncias que atuam uma sobre a outra, mas cada uma tendo as suas próprias leis.¹ Muitas das leis que regulam a ação da matéria sobre a matéria têm sido sucessivamente conhecidas pela observação, determinadas pelo cálculo, e comprovadas pela experiência. Essas leis são as do movimento, da atração, da eletricidade, da transmissão da luz, etc. Não acontece a mesma coisa com o espírito; por mais que esteja demonstrada a existência da nossa alma, e mesmo conhecendo muitas das suas faculdades, a sua natureza é um mistério, a sua união com a matéria organizada é um fato inconcebível, e a maior parte das leis segundo as quais o espírito atua sobre o espírito são desconhecidas para nós. Os corpos vivos compostos de espírito e matéria atuam sobre os corpos vivos pela combinação das propriedades de ambas as substâncias. Muitas vezes nessa ação há dois elementos distintos e um elemento misto. O conhecimento das leis que os regem constitui a ciência do magnetismo, e apenas observando, distinguindo e comparando os diferentes fenômenos será possível chegar a descobrir e determinar essas leis.”

Isto não poderia acontecer, porém, antes de aparecer uma ciência que partisse do espírito e das pesquisas psicológicas na investigação da causa de tais fatos até agora tidos como sobrenaturais.

E como se preparasse o terreno para novas pesquisas, Arago dizia no *Annuaire du bureau des longitudes pour 1844*: “Não existe razão para invocar a famosa memória contra o sonambulismo

¹ Contra a opinião de Deleuze e a geralmente admitida, nós, que partimos da unidade como origem e como finalidade, talvez não admitamos essa diferença essencial, apenas funcional e transitória, determinada pela evolução e que a evolução apagará. O espírito pode ter sido matéria e a matéria chegar a ser espírito, ou ser tudo matéria em diversos graus.

moderno, porque a maior parte dos fenômenos recolhidos hoje com esse nome não foram pesquisados na época. O físico, o médico, o simples curioso que hoje em dia se entregar a experiências de sonambulismo, penetram em um mundo inteiramente novo, do qual aqueles sábios ilustres nem sequer imaginavam a existência.”

Ennemoser concorda em que a causa magnética encontra-se entre as influências espirituais e materiais mistas, e que a sua esfera está entre a esfera celeste e a esfera natural. Eschenmayer afirma a *exterioridade* desse princípio extraordinário, que resiste diante de todas as forças físicas, mecânicas e químicas, penetrando na substância dos corpos como um ser espiritual.

M. Lovy afirma que toda espécie de fenômenos magnéticos são produzidos sem magnetismo. M. Barthelet, magnetizador de Nova Orleans, acredita ter descoberto na ordem moral e física o meio formal e positivo de entrar em relação com o mundo invisível.

E a existência de causas ocultas na produção de certos fenômenos, ao parecer, magnéticos, é reconhecida até pelo barão Du Pôtet, que aconselhava atravessar a barreira onde os pesquisadores tinham encerrado o magnetismo, e confessa, por último, que os efeitos do magnetismo animal não são devidos somente ao desenvolvimento de uma faculdade humana, sendo que é preciso reconhecer a intervenção de uma causa sobre-humana.

Materialistas célebres concordam em que consideram demonstrada a intervenção de seres espirituais em certos fenômenos magnéticos, chegando a assentar que o que havia de físico no magnetismo era somente algo secundário, o instrumento, e que o principal é de ordem moral e espiritual.

O doutor Koreff, Ricard e até Teste, que imaginou explicar pelo magnetismo todos aqueles fenômenos de natureza desconhecida, estão de acordo em que existem fatos estranhos às leis do fluido, corroborando aquilo que dizíamos antes, a saber: que o magnetismo só veio dar notícia de uma fase do agente misterioso, causa desse fato constante cuja observação analítica, em meados do século presente, deu lugar à ciência do Espiritismo.

A reação espiritualista que temos visto operar-se entre os magnetistas era uma preparação para essa ciência, como também o é esse crescimento que hoje vemos nas pesquisas e observações sobre *hipnotismo e sugestão*, quer dizer, a mesma matéria de investigação, mas revestida de outro nome ou salvo-conduto, para poder penetrar nas Academias, para a ciência *oficial* se dignar a estudá-la, e para terem a coragem de se ocupar do assunto aqueles que pensariam estar descendo do seu pedestal se estudassem o magnetismo e, por conseguinte, o Espiritismo. Pois aquele conduz a este em seu aspecto puramente experimental, ou, melhor dizendo, constitui o preâmbulo, e bem poderia ser feita a seguinte afirmação:

“O magnetismo é o Espiritismo dos vivos; o Espiritismo é o magnetismo dos mortos”, como com gráfica expressão nos disse um desses seres que, falando com propriedade, não podemos mais chamar de invisíveis, pois chegamos a vê-los *materializados*. Testemunha excepcional é o sábio Crookes; e testemunhas somos todos nós, ainda que se pretenda recusar-nos, após termos consagrado muitos anos a essa pesquisa e experimentação. E quem é que nos recusa? Aqueles que não se deram ao trabalho de estudar, e que oficiando como *infalíveis*, não só rejeitam nosso testemunho, filho do convencimento e de uma consciência honesta, como também nos tacham de visionários, de *iluminados*, de *loucos*, sem levar em conta que, se estudassem e se

aprofundassem nestas matérias, que longe de levar à loucura (e as estatísticas dos hospícios não vão provar o contrário), são o melhor antídoto, pois dão luz à razão e tranquila paz ao coração; se estudassem, repetimos, chegariam a conquistar a nossa mesma convicção e a nossa consoladora crença, após ter passado pela negação rotunda primeiro, e depois pela dúvida, a qual, se não for o princípio da sabedoria, é muitas vezes a ponte para passar do erro à verdade.

Todavia, sem sabê-lo nem o suspeitar sequer, esses sábios refratários ao magnetismo e acérrimos inimigos, ou ao menos, sempiternos desprezadores do Espiritismo, trabalham no nosso campo, e nesse sentido não apenas aplaudimos como também esperamos grandes frutos das pesquisas que, mesmo que seja apenas sob o ponto de vista médico, fizeram e continuam fazendo Charcot, Dumontpallier, Feré, Richer, Voisin, Richet, Chambord, Barety, Bottey, Binet, Tamburini, Seppilli, Mosso, Lombroso, Tebaldi, Morselli, Buccola, Berti, De Giovanni, De Renzi, Salama, Sabrioli, Dal Pozzo, Mombello, Tarchini, Bonfanti, Ellero Silva, Vizioli, Hack Tuke, Heidenhain, Rieger, Gützner, Borner, Weinhold, Hoffman, Miliotti, Eduardo Gonzalez, Perillon, Reynard, Despine, Bernheim, Liegeois, Magnin, Beaunis y cullerre, entre os nomes estrangeiros que conhecemos, e os espanhóis Sres. Pulido, Tolosa Latour, Quintana, etc.

Decerto que essas personalidades, entre as quais há verdadeiros sábios, assim como todos aqueles que se consagram a estudar o hipnotismo e a sugestão, trabalham mais ou menos diretamente no nosso campo, senão sob o ponto de vista doutrinal e filosófico, sim no terreno experimental.

Após as indicações que deixamos apontadas, reprodução daquilo que dissemos outrora, considerando “*o Espiritismo diante*

da razão”, cumpre ao nosso propósito, para terminar este Proêmio e manifestar aquilo que a falta de tempo impediu-nos de expor nas sessões públicas do Congresso, onde tivemos de limitar-nos a ler as nossas Sínteses espíritas, que foram aceitas nas Conclusões; cumpre ao nosso propósito expor em brevíssimo resumo (fazendo um pequeno extrato da nossa obra intitulada *Positivismo espiritualista*, cujos primeiros capítulos viram luz na *Revista de Estudios Psicológicos* de Barcelona) os principais trabalhos científicos feitos até hoje sobre Espiritismo experimental.

Primeiramente copiaremos um lacônico relato ou “História das primeiras manifestações do Espiritismo moderno”.

“Pancadas, cuja causa ninguém conseguiu adivinhar, deixaram-se ouvir por primeira vez em 1846, na casa de um tal de Weckman, que morava em uma cidade chamada Hydesville, não longe de Arcádia, estado de Nova Iorque.

“Tentou-se de tudo para descobrir o autor desses misteriosos ruídos, mas nada foi possível encontrar. Uma noite, a família foi acordada pelos gritos da menor das filhas, de oito anos de idade, que afirmou ter sentido qualquer coisa como uma mão, que recorrera o leito e finalmente passara pelo seu rosto, tendo acontecido a mesma coisa em muitos locais onde essas pancadas eram ouvidas.

“A partir desse momento, durante seis meses não houve manifestação alguma; a família abandonou a casa, que então foi habitada por um metodista, o Sr. John Fox e a família, composta de sua mulher e duas filhas. Durante três meses tudo permaneceu calmo, depois as batidas começaram a ser bem mais fortes.

“No começo eram barulhos muito leves, como se alguém estivesse batendo no pavimento de um dos dormitórios, e a cada vez fazia-se sentir uma vibração no pavimento de madeira; era perceptível mesmo estando deitado, e as pessoas que sentiram

essas vibrações acham que são comparáveis com a ação produzida pela descarga de uma bateria elétrica. As batidas faziam-se ouvir continuamente; não havia meio de se dormir naquela casa; durante a noite toda, essas batidas leves, vibrantes, ressoavam secamente, porém sem descanso. Cansada, inquieta, sempre à espreita, a família decidiu afinal chamar os vizinhos para ajudá-los a descobrir a chave do enigma: daí em diante as misteriosas batidas atraíram a atenção do país inteiro.

“Grupos de seis a oito indivíduos vigiavam a casa, ou então todos saíam dela e todo o mundo ouvia o agente invisível que continuava sempre dando batidas. Em 31 de Março de 1847, a Sra. Fox e suas filhas, não tendo podido dormir na noite anterior, rendendo-se ao cansaço foram se deitar cedo, no mesmo quarto, esperando desse modo escapar ao efeito das manifestações que costumavam acontecer à meia-noite.

O Sr. Fox estava ausente. Logo começaram as batidas e as duas jovens, que acordaram com o barulho, decidiram imitá-las, fazendo estalar os dedos. Para seu grande espanto, cada vez que estalavam os dedos, as batidas respondiam; então a mais nova, miss Kate, deseja comprovar este surpreendente fato: produz um estalo, dois, três, etc., e sempre o invisível ser dá o mesmo número de batidas. A irmã diz, zombando “Agora faça como eu, conte um, dois, três, quatro, etc.”, dando a cada vez palmadas conforme o número indicado. As batidas sucedem-se com a mesma precisão; porém este sinal de inteligência alarma a jovem e a experiência acaba.

“Madame Fox disse então: “Conte até dez”, e no mesmo instante deixaram-se ouvir dez batidas; então acrescentou “Pode me dizer a idade da minha filha Catarina (Kate)?” E as batidas indicaram justamente o número de anos da menina. Madame Fox

perguntou depois se era um ser humano o autor das batidas; não houve resposta. Então disse: “Se é um espírito, suplico-lhe dar duas batidas”. Imediatamente deixaram-se ouvir. Acrescentou ela: “Se é um espírito a quem se fez algum mal, responda-me do mesmo modo”. E tornaram a ouvir-se as batidas. Essa foi a primeira conversa que teve lugar em tempos modernos, com testemunhas, entre seres do outro mundo e deste. Assim Madame Fox chegou a saber que o espírito que respondia a ela era de um homem, que fora assassinado naquela casa muitos anos atrás, chamava-se Ryan, era camelô, de trinta e um anos de idade, quando a pessoa que o hospedava em sua casa matou-o para roubá-lo.

“Madame Fox disse então ao seu invisível interlocutor: “Se chamarmos os vizinhos, as batidas continuarão respondendo?” Em sinal afirmativo ouviu-se uma batida. Chamados os vizinhos, não demoraram em chegar, imaginando que iriam se divertir muito às custas da família Fox; porém a exatidão de uma infinidade de detalhes dados pelas batidas, em resposta às perguntas dirigidas ao ser invisível sobre os negócios particulares de cada um deles, convenceram aos mais incrédulos. O eco destes acontecimentos estendeu-se para bem longe, e logo chegaram de toda parte sacerdotes, juízes, médicos e um imenso número de cidadãos.

“Pouco depois os autores das batidas perseguiram de casa em casa a família Fox, que se estabelecera em Rochester, cidade importante do Estado de Nova Iorque, onde milhares de pessoas foram visitá-la e trataram em vão de descobrir alguma impostura naquele assunto.

“O fanatismo religioso ficou impressionado com estas manifestações de além-túmulo, e a Família Fox viu-se atormentada. Emma Hardinge Britten, que tem sido defensora do

Espiritismo na América, conta que nas sessões públicas, dadas pelas filhas de Madame Fox, correram-se os maiores perigos. Por três vezes foram nomeadas comissões para examinar o fenômeno, e por três vezes afirmaram que a causa daquelas batidas era desconhecida para eles. A última sessão pública foi a mais borrascosa, e, sem o auxílio de um Quaker, as pobres meninas seriam mortas, vítimas da sua fé, destroçadas por uma multidão delirante.

“É triste pensar que no século dezenove possam ser encontrados homens atrasados o suficiente como para renovar as bárbaras perseguições da Idade Média.

“A notícia desta descoberta divulgou-se rapidamente, e por toda parte aconteceram manifestações espíritas. Um tal de Isaac Post teve a ideia de recitar em voz alta o alfabeto, convidando o espírito a assinalar com batidas, no momento em que fossem pronunciadas, as letras que deviam compor as palavras que desejava ditar. Deste dia data a telegrafia espiritual.

“Mas logo ficaram cansados de um procedimento tão incômodo, e os mesmos espíritos batedores indicaram um modo novo de comunicação. Bastava simplesmente reunirem-se em volta de uma mesa, colocar as mãos sobre ela, e levantando-se, a mesa daria uma batida, enquanto o alfabeto era recitado, no momento de pronunciar as letras que o espírito queria dar. Este procedimento, embora muito lento, produziu ótimos resultados, e desse modo chegou-se às mesas giratórias ou falantes.

“É preciso dizer que a mesa não se limitava a levantar-se sobre um dos seus pés para responder as perguntas que lhe eram feitas, movia-se em todos os sentidos, girava sob os dedos dos experimentadores, vez ou outra se elevava no ar, sem que fosse possível ver que forças a suspendiam. Estes estranhos fatos

atraíram a atenção geral, e logo a moda das mesas giratórias invadiu a América inteira.

“Junto de pessoas levianas, que passavam o tempo perguntando aos espíritos qual era a pessoa mais apaixonada na sociedade, ou sobre um objeto perdido, espíritos graves, sábios, pensadores, atraídos pelo alvoroço que estes fenômenos produziam, resolveram estudá-los cientificamente, para preservar os concidadãos daquilo que julgavam loucura contagiosa.

“Em 1856, o juiz Edmonds, jurisconsulto eminente com autoridade indiscutível no Novo Mundo, publicou um livro onde afirmava a realidade dessas surpreendentes manifestações. O professor Mapes, que leciona Química na Academia nacional dos Estados Unidos, entregou-se a uma investigação rigorosa que terminou como a precedente, com uma comprovação arrazoada, segundo a qual os fenômenos eram devidos claramente à intervenção de espíritos.

“Porém o maior efeito foi produzido pela conversão às novas ideias do célebre Robert Hare, professor da Universidade da Pensilvânia, que experimentou cientificamente o movimento das mesas, e os resultados dos seus estudos foram consignados, em 1856, em um volume intitulado *Experimental investigations of the spirit manifestations*.

“A partir de então, a batalha entre os incrédulos e os que acreditam adquiriu maiores proporções. Escritores, sábios, oradores, eclesiásticos, lançaram-se à batalha, e para dar uma ideia do desenvolvimento atingido pela polêmica, basta lembrar que já em 1854 um requerimento assinado por 1.500 cidadãos foi apresentado ao Congresso, suplicando fosse nomeada uma comissão encarregada de estudar o novo Espiritualismo (este é o nome dado ao Espiritismo na América).

“Este requerimento foi rejeitado pela assembleia, mas o

impulso já estava dado e começaram a surgir sociedades que fundaram jornais onde foi continuada a guerra contra os incrédulos.

“Enquanto estes fatos aconteciam no Novo Mundo, a velha Europa não permaneceu inativa. As mesas giratórias transformaram-se em atualidade muito interessante, e nos anos de 1852 e 1853 as pessoas ocuparam-se muito de fazê-las girar. Em todas as classes sociais só se falava nessa novidade; ninguém era abordado sem a pergunta sacramental: *‘Então, vocês fazem as mesas girarem?’* Depois, como tudo aquilo que é da moda, após um momento de favor as mesas deixaram de ocupar a atenção, que foi dirigida a outros objetos.

“Essa mania de fazer as mesas girarem produziu, no entanto, um resultado importante, que foi fazer que muitas pessoas refletissem sobre a possibilidade das relações entre os mortos e os vivos. Com a leitura, foi descoberto que a crença no sobrenatural é tão antiga quanto o mundo.” (*A Boa Nova*).

Até aqui o conhecido relato das primeiras manifestações do Espiritismo moderno na América do Norte, onde hoje em dia a nossa doutrina conta por milhões o número dos seus adeptos.

Aqueles fatos que outrora eram contemplados como sobrenaturais e atribuídos à magia e à bruxaria, foram estudados com retidão e solícito afã por Allan Kardec, e a teoria espírita, os ensinamentos dos espíritos deram as chaves para entendê-los, averiguando como eram produzidos e colocando tais fatos na ordem dos fenômenos naturais segundo aquela teoria apoiada em bases positivas e racionais.

Assentaram-se então os fundamentos da nova ciência baseada na existência dos espíritos e comprovada por fatos físicos e materiais, que a elevaram à categoria de princípio demonstrável

e demonstrado.

Com a mesma certeza com que o positivismo materialista assenta as suas verdades, soube-se, que o Espírito não morre quando deixa o corpo material ou organismo com o qual se manifesta na vida terrestre, quando esta termina e aquele se descompõe. Soube-se que os Espíritos quando deixam o seu invólucro corporal, povoam o espaço, rodeiam-nos e comunicam-se conosco, podendo reconhecê-los por sinais incontestáveis. Foi possível acompanhá-los, como disse Allan Kardec, em todas as fases da sua existência de além-túmulo; e soube-se, finalmente, que não eram seres abstratos, imateriais no sentido absoluto do termo; que eles têm um invólucro que chamamos de perispírito, espécie de corpo fluídico, vaporoso, diáfano, invisível em estado normal; mas que em certos casos, e por uma espécie de condensação ou disposição molecular, pode fazer-se visível e até palpável momentaneamente. Este invólucro, que existe durante a vida do corpo, é o elo entre espírito e matéria; morto o corpo, a alma ou Espírito despoja-se somente do invólucro grosseiro, conservando ou tomando do meio-ambiente onde vive, o envoltório semimaterial que é o agente dos diversos fenômenos, e por cujo intermédio os Espíritos manifestam a sua presença e nos dão uma demonstração física da existência da alma. A estas conclusões Kardec chegou após uma longa série de experiências, assentando as teorias espíritas, não como um sistema pré-concebido, mas sim como resultado da observação e da análise, isto é, pelos métodos do moderno positivismo.

O Espiritismo, então, abrange fatos positivos do mundo espiritual, e o seu estudo, destruindo as superstições da feitiçaria e do sobrenatural, tem elevado à categoria de ciência o empirismo da Magia e das chamadas Ciências ocultas, assim como a pesquisa do mundo sideral elevou a Astrologia a Astronomia, e a pesquisa

da composição dos corpos, do mundo das ações e reações dos átomos, elevou a Alquimia a Química.

A ciência espírita destruiu para sempre o sobrenatural e as pretensas fórmulas mágicas, bruxarias, feitiços, talismãs, amuletos, etc., reduzindo os fenômenos possíveis ao seu justo valor, sem sair das leis naturais.

O reinado do milagre acabou, rejeitado pela ciência e pelo bom senso; mas como nem a primeira explica, nem o segundo percebe certos fenômenos, que, indo além das leis conhecidas, parecem prodigiosos e como que escapam do quadro dos fatos de ordem natural, é preciso que uma explicação racional e científica seja dada.

O Espiritismo veio para este fim, e como disse Allan Kardec, ele “é a prova patente da existência da alma, da sua individualidade após a morte, da sua imortalidade e do seu destino verdadeiro; é a destruição do materialismo, não com raciocínios, mas sim com fatos”.

Voltando aos trabalhos científicos feitos a respeito dos fenômenos espíritas, lembraremos que em 1850 era publicada em Nova Iorque uma *História das Comunicações com o Mundo dos Espíritos (Explanation and History of the Mysterious Communion with Spirits)*, demonstração absoluta e quase matemática, no dizer de um crítico, da realidade dos fenômenos para os quais as senhoritas Fox começaram a chamar a atenção pública, e que se estendera por quase todas as cidades importantes dos Estados Unidos, apesar da formidável oposição das seitas religiosas.

Em 1852, W. Bryant, B. K. Bliss, W. Edwards e David A. Wells, professores na Universidade de Harvard, publicaram um Manifesto célebre, para apoiar com o seu testemunho a autenticidade dos movimentos e da elevação da mesa sem a

participação nesse fato de nenhum agente físico conhecido. Aqueles professores, depois de várias experiências “praticadas com o maior cuidado em uma total inspeção”, viram-se obrigados a “admitir que houvesse ali uma manifestação constante de uma força inteligente, que parecia ser independente da sociedade”.

Pouco depois, o Sr. Robert Hare, doutor em Medicina e exímio professor de Química na Universidade de Pensilvânia, comunicava à Associação para o Progresso das Ciências os resultados das suas experiências, expostas na sua obra intitulada *Experimental Investigations of the Spirit Manifestations, demonstrating the existence of Spirits and their communications vith Mortals. Doctrine of the Spirit-world respecting Heaven, Hell, Morality, and God, etc.*²

É deplorável não haver tradução francesa ou espanhola deste importantíssimo livro, que só podem conhecer aqueles leitores em inglês ou alemão. (Dele foi feita uma extensa resenha no nosso Positivismo Espiritualista).

Decerto pode ser qualificado de importantíssimo, porque ele é o primeiro, de todos aqueles que conhecemos, em tratar dos fenômenos espíritas do ponto de vista eminentemente científico-experimental. O Sr. Hare, que iniciou os trabalhos que com tanto sucesso continua nos nossos dias o eminente químico Sir Crookes, submeteu os fenômenos espíritas à mais rigorosa das experimentações, inventando e utilizando-se de diversos aparelhos que demonstraram a ele a existência dessa chamada força psíquica, a força inteligente emanada dos seres de além-túmulo, que se manifestava e era registrada por aparelhos automáticos. Essas experiências são concludentes.

Antes de o insigne Hare publicar (Nova Iorque, 1855) suas pesquisas experimentais demonstrando a existência dos Espíritos

² Disponível para download em:

https://books.google.com.br/books/about/Experimental_Investigation_of_the_Spirit.html?id=BucRAAAAYAAJ&redir_esc=y

e suas comunicações conosco, o professor Brittan e o Dr. R. Richmond tinham dado a prelo, em Nova Iorque também, outro livro não menos interessante, intitulado: *Discussion of the tracts and Philosophy of Ancien and Modern Spiritualism*. Sr. John Edmonds, magistrado do Tribunal Supremo de Nova Iorque e antigo presidente do senado, que era um daqueles que ridicularizavam a crença em Espíritos e nem sequer acreditava na vida futura, converso depois ao Espiritismo diante da evidência dos fatos, para ser um dos mais fervorosos apóstolos da ideia nos Estados Unidos, escreveu em colaboração com o Sr. Talinadge, governador do Estado de Wisconsin, e com o Dr. Dexter, famoso cirurgião de Nova Iorque, a notável obra intitulada *Spiritualism*, que operou uma revolução radical nas opiniões religiosas e filosóficas dos homens ilustrados; e a partir de então, têm aparecido nos Estados Unidos uma grande quantidade de obras para tratar cientificamente dos fatos espíritas, admitindo em geral a teoria dos Espíritos, e alguma que a rejeitava e tentava outra explicação, porém sem negar em todo caso a realidade daqueles fatos, que chamam a atenção pública desde há mais de quarenta anos.

De tanto ouvir falar nos fenômenos produzidos, muitíssimas pessoas decidiram fazer experiências por si mesmas, para provar se havia algo de certo na pretensa comunicação com os Espíritos. Então se generalizou espantosamente a “febre das mesinhas redondas”, e muitas daquelas pessoas certificaram-se da realidade dos tais fenômenos, que tinham invadido a Europa desde 1852 e 1853, a começar pela Inglaterra e a Alemanha, com a chegada do navio a vapor “Washington”, de Nova Iorque, o qual desembarcou vários médiuns; por essa razão a *Gazeta de Augsburgo* disse, em Julho de 1853, que aquele navio “importou da América o novo

fenômeno”.

Dali foi que surgiram os germes do Espiritismo moderno, como se a América pagasse a dívida de gratidão por ter sido descoberta, trazendo para a Europa a descoberta de outro mundo novo, o mundo dos Espíritos.

Em 1853 irrompiam no velho continente as “mesas giratórias”, cujo fenômeno encarrega-se de descrever o Dr. André nos seguintes termos:

“Após ter formado uma corrente de sete ou oito pessoas, tocando o dedo *auricular* (i) direito de cada uma com o dedo auricular esquerdo da pessoa ao lado, fica a mesa que se rodeia a girar, tanto tempo quanto dura a corrente, e para quando uma pessoa se retira”.

Um clamor geral de zombaria e de incredulidade, diz o marquês de Mirville em sua notável obra *Des Esprits et de leurs manifestations fluidiques devant la science moderne* (arsenal de dados comprovando a realidade dos fenômenos espíritas, que atribui ao Diabo, como faz a escola católica), logo acolheu a revelação do doutor alemão; porém, tão logo o mundo experimenta e os risos dão lugar a uma espécie de invasão, sem excluir os sábios, uma vez que professores da Universidade de Heidelberg, Mittermayer e Zoeph, M. Molh, Eschenmayer, Ennemoser, Kerner e outros dão testemunho dos fatos, e o Dr. Loewe, de Viena, imagina uma de tantas teorias para explicar o inexplicável fora dos princípios espíritas.

Quase simultaneamente são invadidas as nações europeias pelas mesas giratórias, e em Chambery M. Bonjean, membro da Academia Real de Saboia, em Viena o barão de Reicheribach, na Escócia os doutores Gregory, Holland e Carpenter, na Inglaterra o ilustre Faraday, em Genebra M. Thury, professor da Academia e membro da Sociedade de Física e História Natural, e na França,

Chevreur, Boussingault, Babinet e Saulcy, do Instituto, os engenheiros Seguin e de Montgolfier, o doutor Rayer, o conde Agenor de Gasparin, o abade Bautain, G. de Caudemberg e outros sábios comprovam o fenômeno físico, tentando explicá-lo a través de teorias mais ou menos engenhosas, mais ou menos absurdas, mas que caem por si mesmas, porque nenhuma explica satisfatoriamente o fato em todas as suas manifestações.

Por algum tempo continuou em toda a parte o febril desejo de experimentar, chegando dados para a obra posterior.

E note-se a intuição de algumas inteligências privilegiadas, que desde os primeiros momentos pressentiram o transcendental alcance daqueles fatos.

O Dr. Mayer, notável magnetista, disse na *Presse Medical*:

“Trata-se por acaso de uma força nova, esta que nos foi revelada? Quanto a mim, considero que é uma manifestação particular da eletricidade vital, há tempos estudada sob o nome de magnetismo animal. É todo um mundo para explorar... Continuemos, sem deixar-nos desanimar pelos obstáculos, esse sulco que o acaso nos revelou. *Quem sabe se no fim surgirá algo com o qual ilustrar toda uma geração!*”

O célebre barão Du Pôtet, um dos homens que mais tem ilustrado a ciência do magnetismo, e que ultimamente é converso ao Espiritismo, expressou-se assim, em 1953: “A descoberta de Mesmer foi além do círculo traçado ao seu redor pelos *Popilius* das nossas Academias; entrou no domínio da imprensa, com os novos fenômenos que, corroborando-a, dão a ela uma aprovação universal. Pode dizer-se com certeza que hoje estamos diante de um grande acontecimento; é um século que começa e não houve outro igual. *A luz vai brilhar nas trevas, e as trevas compreenderão.*”

O S. de Saulcy, membro do Instituto da França, que zombou a princípio, como muitos dos seus colegas, e que depois de demoradas experiências adquiriu o convencimento da realidade dos fatos, autorizou o marquês de Mirville a dizer que “não compreendia como a ciência moderna podia desconhecer por mais tempo ou deixar cair no esquecimento uma verdade que deve lançar tanta luz sobre importantíssimas questões”.

O já citado marquês de Mirville predisse também em 1851 o advento de uma grande lei desconhecida, acrescentando depois que ela seria encarregada de revelar todo o mistério dos fenômenos.

Sobre esta última profecia, segundo ele mesmo confessa, o conde de Richemond se adiantou, pois em um folheto de poucas páginas coletou os fatos americanos mais importantes.

Finalmente, e para não amontoar mais citações do gênero, vamos reproduzir as palavras do R. P. Ventura Raulica, um dos mais ilustres representantes da teologia e da filosofia católicas do século XIX, o qual, depois de testemunhar fenômenos de mesas giratórias e falantes, disse ao respeito: *“Apesar da sua aparência de puerilidade, constituem O MAIOR ACONTECIMENTO DO NOSSO SÉCULO.”*

A ciência acadêmica começou negando rotundamente os fatos, declarando que a priori eram absurdos e impossíveis; porém como os fatos eram verdadeiros, e a força da sua realidade era evidente apesar da indiferença acadêmica e a despeito dos anátemas e da infundada negação pelas corporações sábias, refratárias mais uma vez à observação, apesar de que a ciência deve a ela as suas grandes conquistas modernas; a Academia das Ciências de Paris teve de intervir, não mais como corporação, isto é, por meio de uma comissão encarregada de emitir um relatório (em previsão, sem dúvida, de outro fracasso como aquele de 1784, a respeito do magnetismo animal), mas sim alguns dos seus

membros tomando cartas no assunto, publicando livros e artigos em revistas consagrados a dar explicação teórica do fenômeno; e os senhores Chevreul, Boussingault e Babinet responderam em nome da Ciência acadêmica, instada pelo público a se pronunciar, e que saiu tão mal como das outras vezes em que se tratou de alguma descoberta ou ideia nova que não partisse do seio dessas corporações conservadoras.

Chevreul publicou em 1854 o seu livro *De la baguette divinatoire, Du pendule explorateur et des tables tournantes*, pretendendo explicar o fenômeno pela “ação inconsciente dos movimentos musculares”; Babinet deu a conhecer sua opinião (*Études et lectures sur les sciences d’observation*, t. II, páginas 231-254) sobre a rotação das mesas, referindo-a também “aos movimentos inconscientes das nossas fibras musculares, a movimentos nascentes (i) ou incipientes (ii); e Boussingault, de acordo com os colegas, afirmava muito seriamente na *sua Question des Esprits*, que “o movimento dado às nossas mesas não reconhecia outra causa além das vibrações invisíveis e involuntárias do sistema muscular dos experimentadores, traduzindo-se então a contração prolongada dos músculos em uma série de vibrações que se transforma em um tremor visível para imprimir no objeto de movimento rotatório”.

Que aberrações dos sábios!

O ilustre Faraday, da Sociedade Real de Londres, não desdenhou se ocupar com os fenômenos espíritas, fazendo várias experiências com as quais nem ele mesmo ficou satisfeito, para corroborar a explicação de Chevreul e Babinet, pretendendo demonstrar que “a mesa gira devido a um esforço tão imperceptível, que o próprio operador não percebe estar produzindo”. Porém Faraday somente conseguiu corroborar que

tinha julgado com tanta leviandade como os outros, e menos acertadamente do que o teria feito o último discípulo de uma aula de Física, porque é preciso esquecer as primeiras noções da Dinâmica para sustentar que um imperceptível esforço muscular, uma quantidade mínima de potência, pudesse vencer a resistência representada, já pela rapidez da rotação da mesa, ou pelos bruscos movimentos que às vezes precisam do maior esforço muscular de um homem robusto para serem neutralizados e que chegam a destroçar móveis; além do caso de elevação e principalmente quando os movimentos da mesa são produzidos sem contato sequer, o qual destrói pela base as teorias de todos aqueles senhores acadêmicos.

Note-se de passada, como faz Crookes, que, nem naquela hora nem mais tarde, Faraday, eminência científica, considerou prejudicada a sua dignidade em se ocupar dos fenômenos espíritas, segundo manifestou em uma carta para Sir Emerson Tennent, em 1861, com ocasião da proposta de uma investigação experimental sobre os fenômenos produzidos através da mediunidade do Sr. Home, dizendo: “É dever de todo aquele que possa ter certa influência nestas matérias, prestar pessoalmente aos outros com a maior franqueza a ajuda possível, aplicando todo o método crítico, já intelectual ou experimental, que o espírito humano puder imaginar”.

A isto, Crookes respondia: “Se as circunstâncias não tivessem impedido Faraday de se encontrar com M. Home, não há dúvida que ele também seria testemunha de fenômenos semelhantes a estes que vou descrever, e não teria deixado de ver que apresentam reflexos de uma lei ainda não formulada”.

Não nos ocuparemos de outras teorias não menos originais e curiosas do que as anteriores, como a do Dr. Rayer, célebre cirurgião que apresentou ao Instituto da França um alemão cujas

habilidades iam dar a explicação de todas as batidas ouvidas nas mesas. Essa era a teoria do “músculo rangedor”, que caiu, como tantas outras, rapidamente e por si mesma no descrédito, apesar do qual foi ressuscitada alguns anos depois por um fisiologista alemão, Sr. Schiff, que se exibiu em uma sessão da Academia das Ciências de Paris, onde foram citados casos patológicos análogos pelo Dr. Jobert (de Lamballe), o célebre Velpeau e o Dr. Cloquet. Muito antes de todos estes, o Sr. Flint, professor de Clínica médica na Universidade de Búfalo, e os doutores Coventry e Lee, foram partidários dos rangidos articulares.

Tantos e tão célebres doutores para explicar e dar valor científico à famosa teoria dos “músculos rangedores”, na qual ninguém pensa mais! Apesar de tudo, as batidas e barulhos continuaram e continuam acontecendo, e os fenômenos aumentaram em progressão crescente.

Estas experiências, que por terem sido feitas por homens de ciência daremos o nome de trabalhos científicos, foram seguidas de outras, verdadeiramente tais.

O Sr. F. de Saulcy, membro do Instituto da França, sábio arqueólogo, célebre viajante e físico experiente, não se limitou a fazer uma observação superficial dos fatos e a imaginar uma tese inconsistente, como os colegas da Academia. Mesmo tendo recebido com incredulidade e escárnio a notícia dos fenômenos das “mesas giratórias e falantes”, decidiu-se a fazer experiências por si mesmo, cedendo afinal o seu orgulho de físico e de matemático diante da realidade dos fatos que comprovou conscienciosamente, e teve a lealdade e a coragem de manifestar as suas opiniões abertamente contrárias às dos provedores de teorias.

Aquele sábio dirigiu uma notável carta ao marquês de

Mirville, que a publicou à frente da sua Memória dirigida à Academia. Essa carta terminava assim:

“Em resumo: acredito na existência de fatos que geralmente a nossa vontade não saberia produzir, não obstante, declaro que sobre esses fatos essa vontade tem muitas vezes uma ação palpável. Acredito na intervenção de uma inteligência diferente da nossa e que põe meios quase ridículos em jogo”.

Por encomenda do Sr. Saulcy, o filho, que o acompanhara nas experiências, comunicou ao marquês de Mirville interessantes detalhes, fatos notáveis cientificamente comprovados, que destruíam por completo as hipóteses inventadas pelos seus colegas do Instituto da França.

Para demonstrar a realidade dos fatos, são concludentes as experiências do conde Agenor de Gasparin, cuja perfeita honestidade, espírito científico, vastos conhecimentos e condições de observador sério e instruído, deu a conhecer na sua obra *Des Tables Tournantes, du Surnaturel et des Esprits*.

No tocante à explicação sobre a causa, não esteve menos desacertado este judicioso observador do que os seus predecessores, atribuindo-a ao “reflexo do pensamento” dos operadores, atuando a vontade sobre os corpos inertes.

Todos rejeitaram esta tese, como era previsto pelo autor, quando disse: *“Adotei uma postura isolada que me expõe a ser desaprovado por todo o mundo”*.

Em 1855, o Sr. Thury, professor da Academia de Genebra, e membro da Sociedade de Física e História Natural, e um dos sábios que acompanhara Gasparin nas experiências, afirmou em folheto publicado depois da sua pesquisa científica, que os fenômenos estudados por Gasparin eram exatos, “a sua realidade é estabelecida”, dizia, e acrescentava ainda: “Não sendo possível demonstrar *a priori* a sua impossibilidade, ninguém está no

direito de tratar de absurdos os testemunhos sérios que venham a afirmá-los”.

O Dr. Coze, exímio médico francês, decano da Faculdade de Medicina de Estrasburgo, depois de examinar alguns fenômenos de magnetismo e das “mesas giratórias”, afirma a realidade dos mesmos.

Os doutores Corvisart e de Castelnau, sem se deterem a estudar os fatos, pretendem explicá-los seja pela “imaginação”, seja pelas “vibrações musculares”, teoria já “completamente arruinada”, no dizer da *Revue Médicale e La Patrie*, em Maio de 1853.

Sr. Bonjean, membro da Academia Real de Saboia, testemunha os fatos depois de estudá-los, reconhece a “perfeita inteligência do agente em questão”, porém atribuindo as respostas à “reflexão do pensamento”.

Os Senhores Seguin e de Montgolfier, engenheiros e físicos de grande renome, não só realizam experiências e dão testemunho, como também sustentam os fatos em animadas polêmicas em jornais.

O abade Moigno, teólogo e físico ao mesmo tempo, redator em chefe do *Cosmos*, notável revista enciclopédica de ciências, com ocasião de uma carta dirigida à Academia pelo Sr. Vauquelin, a respeito de uma daquelas “mesas encantadas, que na sua casa tinha respondido às perguntas mais misteriosas, adivinhando as coisas mais ocultas”, exclamava na citada revista: “Isto já está sendo forte demais. Se não fostes vítima de uma enganação, se os extraordinários fatos que afirmais são verdadeiros, a intervenção dos espíritos e a magia constituem então, tristes... porém GRANDES realidades”.

O marquês de Mirville, em sua Memória (que acima citamos e

da qual tomamos muitos dados) dirigida à Academia de Ciências Morais e Políticas de Paris, publicada em 1858 e que no seu primeiro ano atingiu quatro edições, demonstra irrefutavelmente a realidade dos fenômenos espíritas. Esse volume, de cerca de 500 páginas em 4º maior, grande arsenal de dados, como dissemos, deu-nos o convencimento da realidade dos fatos espíritas, convencimento que não tínhamos adquirido com a leitura das obras de Allan Kardec.

Admitimos a tese de Mirville, das inteligências servidas por fluidos para explicar todos aqueles fatos; porém não aceitamos o critério católico sustentado por ele, da doutrina demonológica, mas sim aquele da nossa racional e consoladora filosofia, a doutrina emanada dos Espíritos, como revelação natural, produto dos mesmos fatos; a doutrina dos Espíritos, coletada pelo nosso mestre Allan Kardec, não dogmática, eminentemente progressiva, e única que encaixa dentro da ciência positiva.

Depois da sua notável Memória e como complemento dela, o Marquês de Mirville publicou outro interessante livro, intitulado: *Question des Esprits, ses progrès dans la science*. Exame de fatos novos e de publicações importantes sobre as mesas, os espíritos e o sobrenatural.

Tomaremos alguns dados também desse livro:

O Dr. Sales-Girons, diretor da *Revue Médicale*, expressava assim a sua opinião:

“Acredito, sob palavra de São Paulo, que existem potências espalhadas no ar, espíritos, inteligências intermediárias cuja intervenção pode estar provocada por Deus, o diabo e o homem, para produzir no mundo físico fenômenos diante dos quais o homem terá de se espantar.

“Isto quanto à questão geral da possibilidade... Quanto à questão especial do fato realizado, a quantidade, e, nessa

quantidade, a qualidade das testemunhas que o afirmam, parece-me suficiente para obrigar a admiti-lo. As mesas, então, têm girado e falado.

“Porém, além da questão de realidade, vem para mim a questão de utilidade das mesas giratórias em pleno século XIX. Na minha opinião, se tal fato não fosse útil, não teria sido possível nem teria se realizado.

“Acredito, pois, que na época em que corpos brutos e inertes executaram movimentos e reproduziram sinais de inteligência, haveria utilidade em que isto acontecesse”.

O Dr. Briérre de Boismont, eminência científica que envaidece a França, de reputação universal, sábio autor do livro sobre as Alucinações, reconhecendo-se incompetente para emitir uma opinião acerca das “mesas giratórias”, dizia em carta dirigida ao marquês de Mirville: “Já vi as mesas girarem, porém nunca vi responderem satisfatoriamente as perguntas a elas dirigidas. Não posso, porém, negar que pessoas instruídas, muito dignas de crédito, têm-me declarado inúmeras vezes terem sido testemunhas desse fato. Por outro lado, aí está a história, para testemunhar os singulares fenômenos ainda não bem explicados pela ciência”.

O engenheiro Sr. Gérard de Codemberg, membro de várias Academias, redator de revistas científicas, do jornal *L'Assemblée National*, homem positivista por educação, muito versado em física mecânica, em uma palavra, sábio, dizia naquele jornal, em 1855:

“Os fenômenos do movimento de mesas e em especial aqueles que o Sr. De Gasparin estudou com certo aparelhamento científico, não podem ter explicação a não ser por uma potência sobrenatural, inteligente, animada... que se manifesta à margem

dos operadores, mesmo sujeita, em certa medida, à influência dos desejos e vontades dos mesmos.”

Mais tarde, Gérard de Codemberg (ou Caudemberg, como também vemos escrito), às enumeradas condições para estudar com fruto os fenômenos, uniu a faculdade para comunicar com os Espíritos, porém não ficando satisfeito com a lentidão do processo das mesas, adotou a escrita ou psicografia. “Esse gênero de evocação é toda uma ciência, da qual o movimento das mesas não foi mais do que o prólogo”, dizia ele, pressentindo o Espiritismo filosófico e doutrinal que seria fundado muito pouco tempo depois com a publicação das obras de Allan Kardec.

Em 1857 publicou em Paris um livro intitulado *Le Monde Spirituel, ou science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses*. Esse livro, ótimo testemunho da realidade dos fatos, pela competência e sinceridade do autor, e que contém algo bom, encerra também uma doutrina errônea, e constitui uma prova do quanto influíram sobre ele os espíritos obsessores que, segundo o próprio autor confessa, o importunavam muitas vezes.

Apesar de falecer em fins de 1858, não conheceu as obras de Allan Kardec publicadas antes dessa data; tendo-as como guia muito possivelmente ele teria evitado a obsessão.

O Sr. Henri Carión, homem ilustrado, escritor político, diretor de um jornal de Cambrai que por espaço de muitos anos redigiu com reconhecido talento, testemunhou os fatos em seu livro intitulado *Lettres sur l'évocation des Esprits*. Apesar de ser católico, Mr. Carión reconheceu que dentre os seres de além-túmulo que respondem à nossa evocação, existem também espíritos bondosos (que naturalmente nos inclinarão para o bem), e que sobre os maldosos o evocador pode exercer benéfica influência.

Tendo lembrado o testemunho desse escritor francês e

católico, não podemos esquecer o de outro homem ilustrado, também escritor, francês e católico, Sr. C. De Laroche-Heron, que teve ocasião de visitar em Nova Iorque e de interrogar as irmãs Fox, e que, em um artigo sobre os médiuns americanos testemunhou a realidade dos fenômenos, depois de inúmeras provas que não puderam deixar dúvidas nele, nem em um amigo seu “muito inteligente, e cônsul de uma das potências europeias”, amigo que o acompanhara naquela visita. Laroche-Heron, no seu artigo, mostra-se hostil aos espíritas.

Uma das pessoas mais competentes que na época se ocuparam dos fenômenos foi o conde de Tristan, membro de várias sociedades científicas, autor da obra *Recherches sur quelques effluves terrestres*, que por espaço de quarenta anos consagrou-se a perseverantes pesquisas sobre fluidos, e dedicando-se em 1853 a pesquisar as “mesas giratórias”. Durante muito tempo não observou nelas nada além de um fenômeno de rotação elétrica, reconhecendo sobre a mesa grande quantidade de fluido nervoso, que era transmitido pela ponta dos dedos das pessoas operantes; porém mais tarde “foi impossível — diz ele — duvidar de que o fenômeno da mesa falante era devido à intervenção de seres metafísicos”. “É possível as mesas girarem como consequência de um fenômeno físico, porém os fluidos que se difundem sobre elas, e principalmente os fluidos nervosos, permitem e facilitam a intervenção.

Afirmando os fatos e explicando-os segundo a teoria de Sr. De Mirville: “Inteligências servidas por fluidos, tomados e empregados por elas”, tese que nós aceitamos, porém não no sentido de violar, e sim de obedecer sempre às leis da Natureza; encontramos outra autoridade respeitável, o abade Bautain, vigário-mor do arcebispado de Paris, e ao mesmo tempo doutor

em Teologia, em Medicina e em Direito, o qual, desde que os fenômenos começaram a chamar a atenção, falava:

“Já vi as mesas girarem baixo a aplicação da mão do homem, sem esforço muscular algum da parte deste, e até com a vontade expressa de não o fazer..., já as ouvi falar ao seu modo...; já vi, já toquei, já apalpei, e me certifiquei por todos os meios possíveis, de que não havia enganação.

“Sendo assim, existem aí fenômenos de pensamento, de inteligência, de vontade, de liberdade (quando elas se negam a responder) e tais causas sempre foram chamadas pelos filósofos de espíritos ou almas”.

“O fato é que esses espíritos veem mais, e veem mais longe do que nós, e se nem sempre veem com precisão ou dizem verdade, é constante que, sem serem infalíveis, enxergam coisas do outro mundo e do nosso, que nós não percebemos. O que eu tenho visto e ouvido, respondo com segurança que não são espíritos bons, ou seja, ministros da vontade e da palavra de Deus”.

Defrontando esta opinião, inadmissível em boa lógica e contrária à realidade dos fatos, e em apoio da racional tese espírita, segundo a qual não é justo nem lógico admitir que espíritos maus possam se comunicar, e que isto seja proibido aos espíritos bons; vem o testemunho importante de um experimentador, o abade Almignana, que à sua tríplice qualidade de doutor em direito canônico, teólogo e magnetista, juntava a preciosa condição de ser médium, estando por tanto, na mais favorável das circunstâncias para realizar experiências, e cujas opiniões serão de muito peso no litígio. Ele as publica em notável folheto intitulado *Examen des doctrines de MM. De Mirville et de Gasparin*, no qual responde a um e outro com fatos e com os irrefutáveis raciocínios surgidos desses fatos.

A tese da reminiscência ou do reflexo do pensamento,

sustentada pelo conde de Gasparin, fica completamente refutada no folheto do abade Almignana, com fatos da sua própria experiência.

Quanto ao “demonismo exclusivo” do Sr. De Mirville, é combatido no folheto perfeitamente com fatos de sonambulismo e das mesas, e com objeções que Mirville pretendeu contestar, embora sem conseguir, apesar de toda a sua ilustração e habilidade.

“Se o demônio é a causa — replica o Abade Almignana — o exorcismo deveria obrigar as mesas a ficarem quietas e deter a mão do médium, porque *sublata causa tollitur effectus*; porém, nenhum sonâmbulo perdeu a mínima parte da sua lucidez por causa dos exorcismos que realizei para verificar o que houvesse de diabólico nos seus fenômenos. A mesma coisa aconteceu com as mesas, e nada foi possível obter com o nome de Deus e o de Jesus, a oração, o sinal da cruz, água benta, etc.”

Sr. Benezet, diretor da *Gazette du Languedoc*, e um dos homens melhor considerados da cidade de Toulouse (França), jornalista muito instruído, notável escritor e extremamente cético com a questão das mesas, decidiu, apesar da sua crença católica, realizar experiências, obtendo tais resultados (elevações de mesinhas sem contato, adivinhações, objetos que descem lentamente do teto, chapéus que voam de um quarto para outro, aparecimento de vultos, mordidas, etc., e manifestações extraordinárias de diversos tipos), que, assustados, ele e a família, decidiram não se ocuparem mais do assunto, porém, apesar desse firme propósito, ainda obtiveram alguns fenômenos, mesmo contra a sua vontade.

Benezet, sem medo algum ao ridículo que ele mesmo tinha feito cair sobre outros experimentadores, e cedendo diante do que

ele considerou um dever, publicou aqueles resultados em folheto intitulado *Des Tables Tournantes et Du Panthéisme*, para confirmar, com provas que não podem ser recusadas, dado que o autor não era capaz de inexatidão nem fora vítima de grosseira ilusão, a realidade dos fatos.

Sr. Goguenot des Mousseaux, em seu livro *Mœurs et pratiques des démons ou des esprits visiteurs, d'après les autorités de l'Eglise, les auteurs païens, les faits contemporains, etc.*, (Paris, 1857), afirma os fatos e a existência de um agente que, diante de boas testemunhas, ele viu servir de condutor a alguma coisa a mais do que a força e o pensamento do homem.

Sr. Delorme, diretor de um dos principais estabelecimentos de ensino em Lyon, depois de referir os fenômenos presenciados em sessões espíritas, diz: “Aquilo que eu vi é bem claro, bem positivo. Os fatos para mim não apresentam qualquer dúvida; só as causas é que ignoro. Porém, submetendo os fatos acima aos sábios, aos magnetizadores de boa-fé, terão uma base sólida para se elevarem até as causas”.

Como para responder a esta manifestação do bom senso, de acordo com o princípio de Descartes: *Non sunt neganda clara*, e que parecia expressar o que era uma necessidade *propter quaedam oscura* daquele momento, aparece então, em 1857, a primeira edição de ***O Livro dos Espíritos***.

O nosso venerável mestre Allan Kardec, que desde 1850 estava entregue a perseverantes observações sobre o fenômeno, acabava de recolher e colocar em ordem os resultados da sua longa observação, organizando com eles o corpo de doutrina que serve de base aos nossos estudos, e tratando principalmente de deduzir as consequências filosóficas do fenômeno, vendo o princípio das leis naturais que regem as relações do mundo visível como o invisível, e reconhecendo na ação deste último, uma das

forças da natureza cujo conhecimento devia difundir a luz sobre multidão de problemas.

A *O Livro dos Espíritos* (1857), seguiram: *O que é o Espiritismo?* (1859), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina* (1865) e *O Gênese, os milagres e as profecias segundo o Espiritismo* (1868), monumento de glória para seu autor, e que com a *Revue Spirite*, fundada em 1858, onde há tanto para se aprender, Allan Kardec completou suas publicações.

Exposto o corpo de doutrina fundada na existência e comunicação dos seres invisíveis, revelada ao mesmo tempo em diferentes lugares e a muitos experimentadores, e coletada naquelas obras fundamentais, podia desencarnar o apóstolo; e assim ocorreu, deixando o invólucro corporal em *31 de março de 1869*, data comemorada todos os anos por muitos espíritas, singularmente na França, na Espanha e na América que fala a língua de Cervantes, e que coincide com a grande solenidade da divulgação do Espiritismo na América, que os espíritas dos Estados Unidos comemoram em lembrança do dia *31 de março de 1848*.

Pois bem; a obra de Allan Kardec está em pé e continua adquirindo novos desenvolvimentos, enquanto caíram no mais completo dos esquecimentos ou dos desprezos, as obras de todos aqueles que negaram a realidade dos fenômenos espíritas.

Continuemos com a nossa exposição, o mais brevemente possível, porém sem deixar à margem nada daquilo que tenha chegado ao nosso conhecimento, e que à força de ingente tarefa pudemos coletar, a respeito das experiências e trabalhos científicos feitos sobre Espiritismo. O assunto é muito interessante e de grande atualidade quando os trabalhos do Primeiro

Congresso Internacional Espírita são dados a conhecer detalhadamente.

Essa consideração fará desculpar as desusadas proporções deste Proêmio, o qual foi considerado necessário ao confeccionar o livro *RESENHA COMPLETA DO CONGRESSO*, que nos outorgou a honra assinalada da Presidência, e nos confiou a da Comissão Permanente encarregada de cumprir os acordos que ainda não foram executados.

Mas vamos retroceder aos anos 1859 e 1860.

Na época ocupava-se do assunto a Academia de Ciências de Paris, do modo como acima foi indicado. Porém a ciência oficial, em vez de experimentar, o único caminho para chegar a conclusões certas e única maneira de responder ao método positivo proclamado hoje, contentou-se com negar ou admitiu explicações ridículas e burlescas.

Em vão falavam aqueles, incrédulos antes, e que tiveram de convencer-se diante da lógica brutal dos fatos, que os observasse e experimentasse, e que também estudasse a doutrina e as racionais teorias às quais nós tínhamos chegado por esses mesmos procedimentos; a resposta era o silêncio e o ataque com a pouco nobre arma do ridículo, como fizeram alguns, entre eles o acadêmico Sr. Viennet, ao que respondia o ilustrado autor dos “Eleitos do porvir”, Sr. Paul Auguez, publicando um livro intitulado *Les manifestations des Esprits*, lógica e sábia demonstração da existência destes e das suas relações com os homens. Foi tudo inútil; a ciência entrincheirou-se no anticientífico sistema da negação *a priori*, e só podia dizer-se aos partidários desse sistema: *Oculos habent e non vident*.

Seguindo este sistema errado, o Sr. Luis Figuier, que mesmo não sendo um sábio, é um laborioso vulgarizador da ciência, publicava em 1860 sua *Histoire Du Merveilleux*, dividida em quatro

volumes, o último dos quais apresenta o subepígrafe *Les Tables tournantes, les Médioms et les Esprits*, e que se limita a um exame mais superficial do que profundo, demonstrando que não conhece aquilo do que trata.

Sendo assim, acredita que o simples fato das mesas giratórias “pode ter a mesma explicação que outros fenômenos da mesma natureza no fundo, chamados de hipnotismo pelo Dr. Braid, de biologismo pelo Sr. Philips, de sugestão ou cerebração inconsciente (ii) pelo fisiologista inglês Dr. Carpenter”.

Sr. Figuier publicava doze anos depois o seu livro intitulado *Le Lendemain de la mort ou la vie future selon la science*, para expor uma incompleta tese espírita, apoiado nas doutrinas e argumentos de Allan Kardec, ao mesmo tempo em que se permitia, com falta de lógica e muita leviandade, ridicularizar os adeptos daquela doutrina. Apesar de tanta inconseqüência e a despeito de Figuier, seu livro é de propaganda espírita, e nesse conceito consta entre as produções literárias da nossa escola.

Outro escritor muito mais profundo e competente nesta matéria, mas que também devia chegar a conclusões errôneas, porque estudava se não com uma ideia pré-concebida, ao menos sob a pressão de uma fé religiosa, encarrega-se de responder ao Sr. Figuier. Estamos nos referindo ao Pe. A. de Matignon, da Companhia de Jesus, que em 1861 publicou em Paris um livro intitulado *La Question Du Surnaturel ou la Grace, le merveilleux et le spiritisme au XIX ème siècle*.

O ilustrado jesuíta reconhece a realidade dos fenômenos, testemunhando a presença dos Espíritos, sob cuja influência nasce o Espiritismo.

As opiniões do Pe. Matignon concordam com as da Igreja Católica, expostas na obra *El espiritismo y el mundo moderno*, que

é o resultado das pesquisas de uma comissão de sábios jesuítas, a quem, ao parecer, confiou a Sede romana esse trabalho, publicado em seu jornal *La Civiltá Católica*.

Um resumo extenso e completa refutação de *El Espiritismo em el mundo moderno* acha-se no Apêndice da obra publicada em 1878 pelo nosso amigo, o ilustrado espírita e magnetizador experiente, Dr. Jaime Feliu, com o título de *Observaciones a la obra La pluralidad de los mundos habitados ante la Fe católica*, de D. Niceto Alonso Perujo.

O referido trabalho dos jesuítas é, para nós, de um imenso valor, porque testemunha de maneira indiscutível a realidade dos fenômenos.

Contra esse testemunho e contra o testemunho da ciência, que vamos expor, nada valem os depoimentos daqueles que negam, mesmo tendo a notoriedade do célebre Trousseau, que, em duas conferências dadas em Paris no ano de 1862 disse que o Espiritismo é uma estupidez.

No entanto, R. P. Lacordaire pressagiava muito acertadamente o alcance que no porvir teriam as manifestações dos Espíritos, que julgava providenciais, devendo estontear e confundir os incrédulos.

A estupidez segundo Trousseau, o fato providencial, segundo Lacordaire, dava lugar ao engenheiro G. H. Love, importante sábio francês para publicar em 1863 a sua notável e conscienciosa obra *Le Spiritualisme rationel*, demonstrando cientificamente que a comunicação com Espíritos “não só é possível como que acontece todos os dias, durante o sono”.

Nesse mesmo ano, publicava o professor A. de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres, secretário da Sociedade Real Astronômica e membro de outras corporações sábias, sua notável obra sobre o Espiritismo, intitulada *From*

Matter to Spirit; Sr. Herrensneider ocupava-se em seu importante trabalho sobre a “necessidade da aliança entre filosofia e Espiritismo”, cuja introdução viu luz na *Revue Spirite*, de Paris; o célebre médium Daniel Douglas Home dava a público o seu livro *Incidents in My Life (Incidentes na minha vida)*, traduzido ao francês com o título *Revelations de ma vie surnaturelle*, relatando os extraordinários fenômenos medianímicos por ele produzidos; e o ilustre e hoje tão conhecido astrônomo Camilo Flammarion, médium da Sociedade Espírita de Paris publicava a sua popular obra *A Pluralidade dos mundos habitados* e outros trabalhos espíritas.

E sejam pro ou contra a nossa doutrina, saíam para a luz *Le Spiritisme est-ce vrai est-ce faux* por H. D. T., iniciais que correspondem a um profundo pensador belga, incrédulo a princípio e convencido depois; *Le Spiritisme explique et détruit*, opúsculo dedicado à Faculdade de Medicina, por M. G. Pcun; *Recherches sur le magnétisme, le sonambulisme et le spiritisme*, do doutor Guyomar; *Les superstitions du paganisme renouvelées, ou le Spiritisme dévoilé*, de um autor anônimo, defensor do Catolicismo; e reimprimia-se em Paris, em 1864, um curioso livro publicado anos antes pelo Sr. Henri Delaage, com o título *L’Eternité dévoilée ou vie future des ames après la mort*, cujo autor afirma que “achou-se em relação com almas de falecidos e com espíritos muitas vezes”.

E para concluir desmentindo terminantemente a Trousseau, o Espiritismo adquiria, em 1865, carta de natureza na filosofia e no conhecimento clássico, com o *Nouveau Dictionnaire Universel*, publicado por Mauricio Lachâtre, com a colaboração de muitos sábios, no qual é exposta a doutrina espírita.

Nesse mesmo ano de 1865, André Pezzani, advogado da corte

imperial em Lyon, autor da obra *Princípios superiores da moral*, galardoada pela Academia francesa de Ciências Morais e Políticas, e de vários tratados de Filosofia, publicou a sua notável obra *A pluralidade das existências da alma*, que é uma monografia de um dos princípios fundamentais do Espiritismo, no qual se desenvolve magistralmente aquela questão à luz da História e da Filosofia.

Também viu luz naquele ano, em Paris, a tradução da obra escrita em inglês pelo Dr. Nichols, intitulada *Phénomènes des frères Davenport*.

As controvérsias suscitadas por aqueles irmãos que corriam mundo se exibindo em representações teatrais, deram lugar a vários folhetos e livros desde o publicado em Oswego (Nova Iorque) pelo Sr. Baud, em 1859, intitulado *Notícia sobre os jovens Davenport*.

Conhecemos dois: *La Vérité sur les Davenport*, de Z. J. Pierart; e *Des forces naturelles inconnues á propos des phénomènes produits par les frères Davenport et par les médiums en général*, de Hermès, pseudônimo que, ao que parece, oculta um conhecido sábio francês.

Deram lugar também ao opúsculo que publicamos em Madrid, em 1874, por acordo da Espírita Espanhola, intitulado *Atualidade – Os fenômenos espíritas*, que foi vendido no teatro de Novidades na mesma noite em que os irmãos Davenport ofereciam a sua representação, e que era resumo das, na época, recentes experiências do sábio William Crookes. Poucos dias depois publicávamos nosso livro intitulado *Controvérsia espírita*, a propósito dos irmãos Davenport. Defesa do Espiritismo com notícias e testemunhos que demonstram a realidade dos fenômenos espíritas.

Em 1866 apareceu a obra intitulada: *Espiritismo cristão ou*

revelação da revelação - Os quatro evangelhos, de J. B. Roustaing, advogado da corte imperial de Bordeaux. Esta obra mediúnica, que em nada contradiz a doutrina exposta por Allan Kardec, trata, não obstante, de outras questões que este, com a sua característica prudência e bom-senso, não julgou oportuno abordar ainda.

O ilustrado e laborioso Sr. Roustaing, que, como nós e muitos outros, tinha acolhido com incredulidade o Espiritismo, entregou-se assiduamente a trabalhos de experimentação e observação, com o estudo formado nas ciências puras e aplicadas, levando as suas pesquisas principalmente ao terreno da moral.

Notáveis são as suas acertadas considerações a respeito da íntima relação da ciência magnética com a ciência espírita, sendo aquela a tocha-guia, cientificamente, do ponto de vista experimental.

Ao mesmo tempo em que era publicada a volumosa obra de Roustaing, aparecia a de Renan, *Os Apóstolos*, que, sem se ocupar do Espiritismo de maneira ostensível, faz inúmeras alusões à nossa doutrina, cuja importância parece não desconhecer. Mesmo que apenas uma só vez no decorrer da obra, Renan avança contra os espíritas.

Aurelien Scholl, o conhecido escritor francês, em artigo inserido em *Le Soleil*, colocava, a respeito dessas apreciações de Renan, um concreto e precioso julgamento: Carência de boa-fé ou de sólidas razões.

Entre as publicações de 1866 registra-se o livro escrito pelo Dr. Chauvet, de Tours, *Nouveaux principes de philosophie médicale*, que estuda a espiritualidade do ponto de vista científico e reconhece o princípio espiritual, o corpo fluídico (nosso perispírito) e o organismo material. Desta obra dizia Allan Kardec

que era uma das primeiras aplicações da ciência positiva, das leis reveladas pelo Espiritismo.

Na época foi editado também, pela Biblioteca de filosofias contemporâneas de Paris, um pequeno volume intitulado *Des sciences occultes et du Spiritisme*, escrito pelo professor J. B. Tissandier, que pretende combater o Espiritismo, sem o ter estudado teórica ou praticamente, utilizando-se de algumas referências da obra do Sr. Morin, *Du magnétisme et des sciences occultes*.

E desde essa época, tantas obras espíritas vêm à luz, que só a sua enumeração seria cansativa. Por outro lado, as obras mais importantes são tão conhecidas, que a nossa resenha é desnecessária. No terreno científico, *Deus na Natureza e Lúmen*, de Flammarion, *A Razão do Espiritismo*, de Bonamy, por exemplo; e no literário, *Spirite*, de Gautier; *Mirette*, de Sauvage; *Le Roman de l'avenir* de Bonnemère; *Fernande*, de Aurillac; e principalmente, a pérola da literatura espírita, a obra mediúnica intitulada *Marietta*, cuja quinta edição verá a luz em breve, e tantas e tantas outras obras, publicadas em todas as línguas onde se reflete principalmente o movimento científico e literário, em defesa do Espiritismo, escurecem por completo as escassas e pobres refutações.

E, mesmo assim, o que essas refutações poderiam valer, diante do volumoso *Relatório da comissão da Sociedade Dialética de Londres*, onde constavam tantas eminências, e que afirmou da maneira mais explícita, a realidade dos fenômenos submetidos à sua apreciação?

Coincidente com esse testemunho fidedigno e irrefutável indica-se a época em que aqueles penetraram em cheio no gabinete dos homens de ciência para serem submetidos à análise dos sábios que seguiram as pegadas do professor Hare, Roberto

Dale Owen, Hudson Tuttle, o Dr. Sexton, o fisiologista Lews, os professores de Morgan, Gregory e Gully, o sábio físico Varley, os químicos Butlerow, Hoefle e Crookes, Epes Sargent, Cox, Chambers, Elliotson e Mape, os astrônomos Goldsmicht e Flammarion, os eminentes Huxley, Huggins e Wallace, e ultimamente Zöllner e outros professores da Universidade de Leipzig, dão carta de natureza ao Espiritismo nos domínios do mundo comum científico, como antes lhe foi dada pelo Dicionário Enciclopédico entre os conhecimentos humanos.

Tarefa interminável e alheia ao nosso propósito seria citar as conclusões de todos aqueles homens tão conhecidos no campo da ciência, afirmando a realidade dos fenômenos espíritas e os resultados das suas próprias pesquisas. Porém não podemos fazer menos do que reproduzir o testemunho de um dos mais eminentes sábios do nosso tempo, e com o qual o Espiritismo tem uma dívida maior no terreno da experimentação científica que era nosso propósito deixar patente neste Proêmio.

Estamos nos referindo a Alfredo Russell Wallace, o distinguido membro da Sociedade Real de Londres, cujo nome ficará escrito com letras de ouro nos anais da ciência moderna; aquele que chegou com Darwin ao mesmo tempo a conclusões análogas a respeito da origem das espécies, porém diferindo em importantíssimo ponto, porque Wallace, segundo as ideias espíritas, diz que “é necessário admitir uma inteligência superior para poder explicar a existência do homem”. É assim como o seu conhecimento sobre os fenômenos do Espiritismo deu a Darwin uma grande vantagem na amplidão e alcance da sua antropologia.

O autor da *Teoria da Seleção Natural* e de tantas e notáveis obras, se expressa assim na sua *Defesa do Espiritualismo Moderno*, que é como os ingleses e os anglo-americanos chamam o

Espiritismo:

“Sustento, pois, que os fenômenos do Espiritualismo, em sua totalidade, não requerem outra confirmação. Eles estão provados tão plenamente como qualquer fato provado em outras ciências; e não é a negação ou o receio o que poderá refutar nenhum, e sim tão somente novos fatos e deduções exatas a respeito deles. Quando os adversários do Espiritualismo puderem apresentar um quadro das suas pesquisas, que em duração e plenitude possa se aproximar sequer ao dos seus defensores; e quando puderem descobrir e mostrar pormenorizadamente o modo como os fenômenos são produzidos, ou de que maneira os muitos e sensatos homens citados por nós teriam sido induzidos por alucinação a acreditar que presenciaram esses fenômenos; e quando além disso puderem provar o correto da sua teoria, produzindo uma crença semelhante em uma corporação de cétricos igualmente sensatos e habilidosos, nesse momento, e não antes, os espiritualistas (espíritas) precisarão produzir uma nova confirmação de fatos que são e sempre foram suficientemente reais e indiscutíveis para satisfazer qualquer pesquisador honesto e perseverante”.

“Sendo este o estado do caso no que toca à evidência e provas, estamos plenamente justificados quando julgamos os fatos do Espiritualismo moderno como completamente estabelecidos, e com eles a teoria espiritual, como a única sustentável”.

“O Espiritualismo moderno não é uma mera “curiosidade” fisiológica, nem uma mera *lei natural* ignorada, mas sim uma ciência de vasta extensão, com as mais amplas, importantes e práticas soluções, e que nesse caráter deve atrair as simpatias dos moralistas, filósofos e políticos, e de todos aqueles que se interessarem de coração pelo melhoramento da sociedade e pela elevação permanente da natureza humana”.

De acordo com o eminente Wallace, o resumo das Conclusões do Primeiro Congresso Internacional Espírita, que teve lugar nesta cidade, e do qual formará o leitor uma exata ideia examinando esta Resenha completa.

Os vários e eloquentes discursos pronunciados e os trabalhos lidos nas sessões públicas, examinando o Espiritismo sob os seus diferentes aspectos, as representações existentes no Congresso, as adesões que antes e depois de ocorrido foram recebidas, a expectativa pública, o efeito surpreendente que produziu em geral na opinião, maravilhada da prepotência e vitalidade sempre revigoradas do Espiritismo; e, em suma, esta solene e pública manifestação da ideia, e as bases de organização que foram assentadas, sendo tão necessárias; mostraram por modo explícito e terminante, que o Espiritismo, já reconhecido na ordem dos conhecimentos humanos e depois de ter invadido os domínios da ciência, impõe-se hoje à atenção pública.

As suas manifestações sucessivas, o poderoso impulso que deve lhe dar a organização combinada, e o novo esplendor que será adquirido no Congresso que vai acontecer em setembro do ano vindouro em Paris, mostrarão, ainda aos mais míopes, a exatidão dos vaticínios científicos do P. Secchi, e a verdade deste presságio

“O ESPIRITISMO SERÁ O GRANDE ACONTECIMENTO DESTE SÉCULO”.

Por isso o nosso primeiro Congresso Internacional será registrado como uma grande etapa, não só nos anais do Espiritismo ou Espiritualismo Moderno, como também nos anais da história do desenvolvimento humano, ao qual contribuirá mais do que nenhuma outra ideia filosófica ou religiosa, aquela que

ostenta como lema fundamental:

A DEUS PELO AMOR E PELA CIÊNCIA

Barcelona, 12 de Outubro de 1888

Visconde de Torres-Solanot

Notas

NOTA A

CORRESPONDÊNCIA TRANSCENDENTAL DA SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA

Sob esta epígrafe publicou *El Critério Espiritista*, no seu número correspondente ao mês de Junho de 1873, a seguinte carta, agitando a questão do primeiro Congresso Internacional Espírita.

Madrid, 23 de Maio de 1873.

SR. PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE VIENA.

Querido irmão: A Exposição que tem lugar nesta capital serviu de ocasião para que nela marcassem encontro determinados grêmios, bem científicos, artísticos ou industriais. Confessada por todos é a transcendência dessas congregações, e acreditaria ofender o seu bom senso se tentasse demonstrar o quanto seria conveniente para o Espiritismo realizar o primeiro Congresso internacional. Assim é reconhecido pela SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA, e ela confia a mim a encomenda de comunicá-lo à vienense para que, se ela o considerar oportuno, venha a convocar o Congresso em algum dos meses dessa Exposição; e se a falta de tempo ou quaisquer outras circunstâncias viessem a impedi-lo, ao menos venha a provocar a reunião do maior

número de irmãos espíritas de todas as nações, com o fim de estabelecer um acordo sobre o tempo, lugar e forma em que poderia realizar-se aquele pensamento, que decerto há de ser por todos bem acolhido.

Vários espíritas espanhóis e alguns indivíduos desta Sociedade visitarão a Exposição e alguns indivíduos desta Sociedade visitarão a Exposição, e muitos deles fariam coincidir a sua estada em Viena com a reunião de espíritas. Caso a houvesse, a ESPÍRITA ESPANHOLA confiou a mim a sua representação nela; porém de qualquer modo, no mês de Junho passarei nessa capital para levar o fraternal abraço dos espíritas de Madrid aos irmãos vienenses e ter a satisfação de lhes dar pessoalmente conta dos avanços e crescente desenvolvimento do Espiritismo na Espanha, desde o momento em que a legislação autorizou a liberdade de pensamento e de cultos.

Ao mesmo tempo, perei em suas mãos uma Memória detalhada dos resultados das nossas pesquisas e propaganda, trabalho que o Centro geral do Espiritismo da Espanha confiou a mim, encomendando-me também que lhes indicasse que, dado o caso de não se verificar a reunião de espíritas, seria oportuno e conveniente pedir análogas Memórias às nações onde o Espiritismo está mais estendido, sendo que esse conjunto de trabalhos daria uma ideia bem acertada do estado atual da nossa sublime e consoladora doutrina no planeta.

Recebei o testemunho dos fraternais sentimentos da SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA. Vosso irmão. – O presidente, ***Visconde de Torres-Solanot.***

NOTA B

A EXPOSIÇÃO ESPÍRITA

El criterio Espiritista consagrou boa parte do seu número de Abril de 1875 ao projeto de Exposição Espírita na Filadélfia.

“Um grande pensamento” intitulava-se o artigo de fundo, do qual tomamos o seguinte:

“Com satisfação inexplicável, com imenso entusiasmo, acolhemos a ideia que nosso colega irmão *La Revista Espiritista de Barcelona* lançou aos quatro ventos da publicidade no seu número de Fevereiro último; mostrar ao mundo, na Exposição Universal de Filadélfia, os avanços extraordinários realizados pela doutrina nascida do estudo daqueles fatos que começaram a ser observados em 1846 nos Estados Unidos, estendendo-se por todo o mundo civilizado com uma rapidez sem par na história, somente comparável com o incessante progresso daquele povo, pequena colônia há um século, que hoje é colosso da civilização moderna.

“Nada mais natural do que, se lá deitou as primeiras raízes e de lá partiram os primeiros raios deste novo sol de esperança e conforto, seja também lá o ponto onde se mostre por primeira vez ao lado dos grandes esforços feitos para melhorar a condição humana, o Espiritismo aspirando a conquistar para si o primeiro lugar entre esses esforços, de que mais legitimamente se orgulhará o século das Exposições. Nada mais justo também que, deixando a principal iniciativa para o novo continente, os espíritas do continente antigo, agrupados por nações, levem à Filadélfia o testemunho dos nossos avanços, para, todos reunidos, manifestarem com verdade as colossais proporções desta nova escola, que, se bem um dia pôde ser desprezada e ridicularizada, hoje merece seriamente fixar a atenção de todos aqueles que se esforçam pelo melhoramento integral da sociedade humana, e de todos aqueles chamados a dirigir e reger as relações sociais”.

El Criterio oferecia consagrar preferente atenção a este grande pensamento, excitava o zelo de todas as associações espíritas do mundo, e além de inserir, como seu, o citado artigo da

Revista Espiritista publicava na “Miscelânea” o seguinte solto:

“Chamamos a atenção de todos os centros espíritas para o artigo da *Revista Espírita* que copiamos na nossa seção de fundo. Segundo é consignado ali, a ESPÍRITA ESPANHOLA, contando com a participação dos nossos irmãos da Península, das Ilhas e das Províncias de Ultramar, consagrará todos os seus esforços para que levemos à próxima Exposição de Filadélfia tudo o que se julgar necessário para dar uma ideia do Espiritismo na Espanha. Para isto e oportunamente o Centro geral dirigirá aos das províncias um Ofício:

“Uma comissão, composta do presidente desta Sociedade, e dos Sres. Corchado, Huelbes, Martorell, Suárez, Migueles, Gonzalbo, Sánchez Escribano, Couillaut e Agramonte, foi encarregada não só de preparar a exposição espanhola, como também de convidar os Centros de ambos os continentes, para que, fazendo igual esforço cada um, seja apresentada nos Estados Unidos a história e o estado do Espiritismo no mundo.

“O primeiro passo da comissão, que agradecerá todas as indicações que os nossos irmãos sejam servidos de lhe fazerem, foi dirigir-se à Sociedade da capital da Pensilvânia, nos termos seguintes:

“Sr. Presidente da Sociedade Espírita da Filadélfia:

“Uma das associações espíritas da Espanha, a **Sociedade Barcelonesa de Estudos Psicológicos**, da qual é órgão a *Revista Espírita*, concebeu o grande pensamento de levar o Espiritismo a essa Exposição Universal, para que ele figure devida e dignamente na categoria X das classificações, entre os objetos ilustrando os esforços feitos para melhorar a condição física, intelectual e moral do homem.

A SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA, centro de organização e propaganda, acolheu a ideia com entusiasmo e propõe-se a

promovê-la na Espanha, para levar a esse grande certame o testemunho de estado e avanços de Espiritismo nesse país, convidando também os principais centros europeus e do Sul da América, para que, por sua parte, realizem o mesmo propósito.

“Não temos dúvida de que o Norte da América tomará a iniciativa e a alta direção, pois lhe corresponde, deste grande pensamento que, levado a efeito, marcará talvez o maior passo dado em nossos dias pelo Espiritismo.

“Rogamos encarecidamente, se o considerar aceitável, seja servido de dirigir-se aos Centros e jornais espíritas de ambos os continentes, que, já avisados por nós, esperamos apoiem com eficácia esta ideia.

“Envia uma cordial saudação a essa Sociedade, a ESPÍRITA ESPANHOLA.

“A Deus pela Caridade e a Ciência. Madrid, em 15 de Março de 1875.

O Presidente, ***Visconde de Torres-Solanot.***

“Para dar cumprimento ao que foi oferecido na carta anterior, deu-se conhecimento destes trâmites aos principais Centros e à imprensa do estrangeiro, através de Ofício da comissão espanhola encarregada de promover a assistência à Exposição Espírita. Daqui convidamos aos nossos colegas irmãos *O Espiritismo, A Revelação, A Fraternidade e A Luz de Além túmulo*, a secundarem o pensamento da *Revista Espírita de Barcelona*, cujos conselhos temos pedido em um ardente desejo de que se realize com plenitude essa Exposição Espírita.

“Temos um pedido a fazer à *Revue Spirite* de Paris. Com ela vai unido o venerando nome de Allan Kardec, desse grande apóstolo que propagou o Espiritismo até os últimos confins do

globo e manteve relações de fraternidade com inúmeros Centros de um e outro Continente, tanto se afanando no trabalho de chegar à comunidade de miras e de sentimentos da grande família espírita. O mestre, que deixou tão bons conselhos a esse propósito, certamente teria aproveitado esta propícia conjuntura para estreitar as relações morais, científicas e de mútua benevolência entre todas as sociedades espíritas. E já que a *Revue Spirite* está chamada principalmente a continuar a obra do seu fundador, Allan Kardec, e visto que mantém correspondência com outros Centros, além do nosso, pedimos eles serem convidados coadjuvando assim para o mais brilhante sucesso.

“A mesma súplica nós dirigimos a todos os jornais espíritas, para que, tomando por seu o pensamento, possamos ver reunidos em Filadélfia os resultados do estudo e propaganda da consoladora e sublima doutrina que devemos aos ensinamentos dos Espíritos, e sobre a qual se assentarão os fundamentos na ordem científica, moral e religiosa, da idade da razão e da harmonia que providencialmente vem a desenvolver o Espiritismo.

Vide a circular, publicada no mesmo número do órgão oficial da SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA, que a Comissão encarregada de promover a assistência espanhola ao Concurso espírita em projeto, dirigiu aos principais Centros e imprensa espírita do estrangeiro:

“A grande Exposição internacional da Filadélfia em 1876, conclama todos os esforços feitos para melhorar a condição física, intelectual e moral do homem. Entre esses esforços, nenhum tão poderoso e eficaz como o oferecido pelo Espiritismo; por isso acreditamos que responde a um dever e uma necessidade a ideia de que o Espiritismo venha a se expor ali com todo o seu providencial desenvolvimento e com todas as suas fases, para

conhecimento e inteligência da humanidade. E a fim de ter na Pensilvânia a alta representação a que aspira, por sua importância e pela influência que exerce e exercerá no mundo, são necessários o esforço, a atividade e a assistência de absolutamente todos os espíritas do planeta.

“Alentados por esta ideia, permitimo-nos chamar a sua ilustrada atenção sobre este projeto transcendental que, levado à prática do modo como temos intenção, deve preparar grandes triunfos à verdade, que é a causa pela qual combatemos. Os tempos são chegados em que devemos nos agrupar para constituir com a unidade de doutrina a unidade do seu ensino. Devemos apresentar a esta geração sedenta de verdades e que labuta em gigantescas empresas para melhorar e fazer a vida agradável, para que medite por um instante, entre as suas manufaturas e máquinas, e entre as suas produções de arte e de inteligência, as nossas comunicações com o mundo invisível, cheias de esperança para o porvir, cheias de encantadoras promessas para o trabalho, para a virtude e o conhecimento. Exporemos os nossos numerosos livros, a multidão dos nosso folhetos, os nossos jornais que se estendem e fazem gemer as imprensas em todos os cantos do mundo, chamaremos para comparecer os grandes médiuns e os grandes oradores e estenderemos a luz, tal como ela deve ser estendida, levantando-a com fé para de todos ser vista, irradiando mais.

“Para conseguir este objeto, e para que o nosso pensamento tenha oportuna aplicação, já nos temos dirigido aos espíritas de Filadélfia, dos quais deve partir a iniciativa, no intuito de que todas as sociedades espíritas secundem os nossos propósitos, para irmos juntos ao grande concurso onde somos chamados por inteligências superiores, que velam de outros mundos e outras

esferas pelo progresso moral e intelectual do planeta onde habitamos.

“A comissão desta Sociedade, encarregada de promover a assistência espanhola à Exposição Espírita, pede encarecidamente aos irmãos desse país acolher a ideia com o mesmo entusiasmo, para que unidos nos esforços mostremos na Filadélfia os avanços conquistados por esta consoladora e sublime doutrina que oferece hoje o mais poderoso impulso no melhoramento físico, intelectual e moral da humanidade.

“A Deus pela Caridade e a Ciência. Madrid, 31 de Março de 1875. *Visconde de Torres-Solanot. – Manuel Corchado. – Dr. Huelbes Temprado, Guillermo Martorell. – Daniel Suárez. – Francisco Migueles. – Pablo Gonzalbo. – Tomás Sánchez Escribano. – Eugenio Couillaut. – José Agramante*

NOTA C

O ESPIRITISMO NAS CORTES ESPANHOLAS

Na primeira legislatura das Cortes Constituintes da República Espanhola foi apresentada a seguinte proposta:

“Os deputados que subscrevem, conhecendo que a causa primeira do desconcerto que por desventura reina na nação espanhola na esfera da inteligência, na região do sentimento e no campo das obras, é a falta de fé racional, é a carência, no ser humano, de um critério científico ao qual ajustar as suas relações com o mundo invisível, relações profundamente perturbadas pela fatal influência das religiões positivas, têm a honra de submeter à aprovação das Cortes Constituintes a seguinte emenda ao projeto

de lei sobre reforma do ensino secundário e das faculdades de filosofia, letras e ciências.

“O parágrafo terceiro do artigo 30, título II, ficará redigido do modo seguinte:

“Terceiro. Espiritismo.

Palácio das Cortes, em 26 de Agosto de 1873. – José Navarrete. – Anastasio García López. – Luís F. Benítez de Lugo. – Manuel Corchado. – Mamés Redondo Franco.”

O eloquente orador Sr. Navarrete era o encarregado de defender na seguinte legislatura essa emenda, por virtude da qual o estudo do Espiritismo faria parte do ensino secundário universitário.

Dissolvidas aquelas Cortes, não foi possível discutir a repetida emenda, porém ela ficará para sempre como um monumento para demonstrar a importância que neste país o Espiritismo chegou a conquistar, e que honrosa representação ele teve nas Cortes Constituintes da República Espanhola.

ENSINO DO ESPIRITISMO

Para a eventualidade de ser discutida nas Cortes a emenda apresentada pelos deputados espíritas, foram formuladas as bases de ensino seguintes.

PROGRAMA DE UM CURSO ELEMENTAR DE ESPIRITISMO

Prolegômenos. – Noções de Cosmologia e Antropologia. Tratados sumários.

1º Pluralidade dos mundos habitáveis e habitados – Cosmografia comparada.

2º Noção de Espírito. – Vida livre. – Encarnações.

3º Teoria do Progresso. – Progresso universal indefinido.

4º Fundamentos da Filosofia, a Moral e a Religião. – Síntese espírita.

5º Ideal social humano.

6º Espiritismo experimental. – Magnetismo, sonambulismo lúcido, fenômenos espontâneos e sistemas de comunicação com o mundo invisível.

Huelbes Temprado.

Torres-Solanot.

PROGRAMA DE UM CURSO ELEMENTAR DE ESPIRITISMO

ESPIRITISMO FUNDAMENTAL. - CUADRO DE LA ENSEÑANZA COMPLETA

Primera parte. – Sintética y Expositiva.

| | | |
|----------------------|-----------------------|---|
| 1.º Tratado. | Dios. | } <i>Credo Espiritista.</i> — Trinidad universal. |
| 2.º | La Creación. | |
| 3.º | El Espíritu | |

Segunda parte. – Analítica.

| | | |
|----------------------|--|---|
| 1.º Tratado. | El Hombre. – Antropología | } <i>Filosofía espiritista.</i> El estudio del hombre y de la naturaleza como base de la creencia. |
| 2.º | La Ciencia. – Cosmología. – Filosofía. | |
| 3.º | La fe. – Religión. | |

Tercera parte. – Ciencia espiritista.

| | | |
|----------------------|---|---------------------------------------|
| 1.º Tratado. | Magnetismo. – Los fluidos. | } Espiritismo experimental y aplicado |
| 2.º | Espiritismo experimental. – La comunicación. | |
| 3.º | La vida futura. – Reencarnaciones. | |
| 4.º | La vida planetaria. – Problema social. – La doctrina espiritista en sus múltiples aplicaciones – Caridad. | |

Cuarta parte. – Resumen del Espiritismo.

| | |
|----------------------|--|
| 1.º Tratado. | Catecismo de la <i>Doctrina Espiritista</i> . – Código moral y religioso. |
| 2.º | Conclusiones de la <i>Filosofía Espiritista</i> . – Progreso indefinido. |
| 3.º | El <i>Espiritismo</i> aplicado al desarrollo de las Ciencias físico-naturales, del Arte y de la Industria. |
| 4.º | <i>Nueva Revelación</i> . – Fe del porvenir. – Ideal espiritista. |

TORRES-SOLANOT.

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA

PRELIMINARES

A ideia de celebrar um Congresso Internacional Espírita, há tempos acariciada na Espanha, nação europeia onde são publicados mais jornais espíritas, e foram dadas a prelo mais obras dessa índole nos últimos vinte anos, onde foi feito um auto de fé com as obras de Allan Kardec, e onde foi apresentado às Cortes um projeto de lei³ pedindo o ensino oficial do Espiritismo; aquela ideia, removida pelo **Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos**, de acordo com a **Federação Espírita do Vallés**, transformou-se felizmente em fato, graças ao perseverante zelo e prodigiosa atividade do referido Centro, que, além de múltiplos trâmites, que nem sempre foram coroados pelo êxito, realizou os trabalhos de que fala a Memória da Comissão organizadora, e ultimou todos os preparativos para a reunião da Assembleia.

Esta celebrou uma sessão preparatória, três sessões públicas e cinco particulares; a primeira e as quatro últimas no local do **Centro Barcelonês**, e as públicas e a inaugural das particulares, no grande Salão Eslava, localizado na Ronda de São Pedro.

O SALÃO DE SESSÕES

A Comissão organizadora teria gostado de obter, e para isso fez as oportunas gestões, um dos mais amplos teatros de Barcelona, a fim de que as sessões públicas revestissem a maior solenidade possível, e a elas pudesse assistir a grande assistência que era esperada, vista a expectativa geral que despertara esta nova manifestação do Espiritismo, primeira no gênero, e atendendo ao elevado número de espíritas, declarados ou não, que existem nesta capital e os inúmeros vindos de longe com o pretexto da Exposição e com motivo do Congresso.

Porém os festejos daqueles dias, nos quais os grandes coliseus davam funções de tarde e de noite impossibilitaram conseguir um deles. Foi, então, imperativo aceitar o único grande Salão disponível, apesar de que nele se verificavam bailes públicos de tarde, e sendo necessário, para as duas primeiras sessões, transformar no breve espaço de duas horas, a sala, de buliçosa festa em própria para a reunião dos congressistas. O seu ornato dava-lhe então a necessária severidade, porém sem perder o caráter alegre, realçado com uma maior iluminação, e como querendo refletir o regozijo de todos os espíritas, possuídos pelo sucesso da sua solene manifestação.

O estrado, coberto com tapizes de veludo carmesim, o busto de Allan Kardec ocupando o dossel, rodeado de palmas e louros; a mesa presidencial sobre atapetada plataforma; as correspondentes mesas para os jornalistas e os taquígrafos; bandeiras dos principais países do globo e flâmulas, profusa e artisticamente distribuídas; flores e plantas aromatizando o ambiente e contribuindo para o belo aspecto do salão; grinaldas

³ Veja-se a Nota C na seção anterior.

de flores artificiais, e belos escudos cercados de bandeiras e ostentando lemas espíritas e adágios morais, completavam a ornamentação, realçada pela distinta assistência, na qual estavam representadas todas as classes sociais e que todas as noites abarrotava completamente o salão, com capacidade para mais de duas mil pessoas: esse era o aspecto do local onde celebrou as suas sessões públicas o Congresso.

As inscrições dos escudos rezavam:

Deus é Espírito, e quem o adorar, deve adorá-lo em espírito e verdade (João, cap. IV, vers. 24). – ***Pluralidade dos Mundos habitados – Na casa do meu Pai há muitas moradas*** (João, XIV, v. 2). – ***Pluralidade de existências da alma. – É preciso nascer de novo*** (João, III, v. 2). – ***Quem não nascer de novo não poderá ver o reino de Deus*** (João, III, v. 7). – ***Religião futura. – O ideal progressivo por dogma, as artes por culto e a natureza por igreja. – Glória a Deus no céu e paz na Terra aos homens de boa vontade. – Sejam humildes para chegar à cruz da infinita sabedoria. – Não basta sentir, ver e compreender a Lei, é preciso demonstrá-la na prática da caridade. – Na eternidade imóvel, os Espíritos subsistem, as coisas materiais passam. – Não se deve dar crédito a toda palavra, nem obedecer a todo Espírito; e sim pesar cada coisa com prudência e devagar. – Quem é humilde usufrui contínua paz; a inveja e a ira empeçonham o coração do soberbo. – O verdadeiro, o bom e o belo, são princípios de justiça coeternos com Deus. – Quem tem boa consciência sempre terá alegria. – Tenha paciência com os outros, se quiser que os outros tenham paciência com você. – Os aplausos alheios de nada adiantam ao espírito se ele mesmo não se aplaude. – Viver bem é viver em honestidade e justiça. – A fonte da vida é a inteligência daquele que a possui,***

e o suplicio dos espíritos cegos está na sua própria cegueira. – O sol não espera ninguém suplicar para derramar a sua luz e o seu calor. Imite-o e faça todo o bem que puder sem esperar ser implorado.

Causas alheias à vontade da comissão de ornato impediram que fosse completado com uma inscrição em grossas letras douradas que devia ser colocado no dossel, com o lema fundamental:

“A DEUS PELO AMOR E PELA CIÊNCIA”

A Comissão organizadora mereceu o agrado do Congresso, pelas suas acertadas disposições.

Centros Espíritas representados no Congresso

NACIONAIS:

Sociedade Espírita Espanhola. – Madrid.

Centro “Diodoro-Luís”. – Madrid.

Centro “Marietta”. – Madrid.

Centro de estudos espíritas e magnéticos. – Madrid.

Sociedade de Estudos Psicológicos. – Zaragoza.

Grupos federados à mesma:

Aguarón.

Molinos.

Gurrea del Gállego.

Belchite.

Pina de Ebro.

Epila.

Calahorra.

Arcos de Medinaceli.

Villanueva del Gállego.

Cuarte.

Cosuenda.

Almonacid de la Sierra.

Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos. — Barcelona.

- Centro «La Paz». — Barcelona.
- Centro «Amor y Progreso». — Barcelona.
- Centro «Unión Fraternal». — Gracia (Barcelona).
- Centro «Fraternidad humana». — Tarrasa (Barcelona).
- Sociedad espiritista «Fraternidad». — Sabadell (Barcelona).
- Centro «Aurora». — Sabadell (Barcelona).
- Centro «Unión fraternal» — Manresa (Barcelona).
- Centro espiritista. — Granollers (Barcelona).
- «Unión fraternal». — Capellades (Barcelona).
- «Unión espírita». — Blanes (Barcelona).
- Centro espiritista. — San Quintín de Mediona (Barcelona).
- Centro «La Razón». — Sevilla.
- Sociedad de Estudios Psicológicos. — Alicante.
- Centro espiritista. — Alicante.
- Centro «La Paz». — Alcoy (Alicante)
- Centro «Pequeño grupo Marietta». — Santa Pola (Alicante).
- Centro espiritista. — Mahón. (Baleares.)
- Centro «El Buen deseo». — Villacarlos (Baleares).
- Centro «Amor y Sapiencia». — Valencia.
- Sociedad espiritista. — Sueca (Valencia).
- Centro espiritista. — Villanueva (Castellón).
- Centro de Estudios Psicológicos. — Murcia.
- Sociedad Sertoriana de Estudios Psicológicos. — Huesca.
- Centro espiritista. — Córdoba.
- Centro «La Luz». — Málaga.
- Centro de Estudios Psicológicos. — Ubrique (Málaga).
- Centro de Estudios Psicológicos. — Gerona.
- Centro «Amor y Caridad». — Palamós (Gerona,).
- Centro espiritista. — Tarragona
- Grupo espiritista. — Vilaseca (Tarragona).
- Centro espiritista. — Bell-lloch (Lérida).

Centro espiritista. — Gerri de La Sal (Lérida).
 «Luz de la Verdad». — Granada.
 Centro espiritista. — Casas Viejas (Granada).
 Sociedad «Los Valles». — Loja “Granada”).
 Centro espiritista. — Frailes (Granada).
 Sociedad espiritista. — Algarinejo (Granada).
 Centro de Estudios Psicológicos. — Iznajar (Granada).
 Centro «La Verdad». — Cuenca.
 Centro «La Caridad». — Cuenca.
 Círculo espiritista. — Manzanares (Ciudad Real)
 Sociedad espiritista. — Cartagena (Murcia).
 Centro espiritista. — Guadalajara.
 Centro espiritista. — Marmolejo (Jaén).
 Centro «La Esperanza». — Andújar (Jaén).
 Centro «La Luz». — Alcalá la Real (Jaén).⁵⁶
 Centro espiritista. — Lugo.
 Grupo espiritista. — Santiago (Lugo).
 Grupo espiritista. — Ferrol (Coruña).
 Centro espiritista. — Gibraltar.

PROVÍNCIAS DE ULTRAMAR

Centro «La Reencarnación». — Havana (Cuba).
 Centro «El Salvador» — Sagua la Grande (Cuba).
 Sociedad espiritista. — Matanzas (Cuba).
 Centro «Lazo Unión». — Cienfuegos (Cuba).
 Centro «San Pablo» de Malpáez. — Quemado de Güines
 (Cuba).
 Sociedad espiritista. — Isabela (Puerto-Rico).

ESTRANGEIRO (AMÉRICA)

Sociedad espiritista. — Santiago (Chile).
 Centro «Paz»... — Lima (Perú).
 Sociedad Espírita «Perseverancia». — Puebla (México).
 Sociedad espiritista de México e centros federados. — México.
 Círculo «Paz y Progreso». — Orizaba (México).
 Sociedad espiritista. — San Luís de Potosí (México).
 Sociedad espiritista. — Veracruz, (México).
 Centro «Humildad». — Caracas (Venezuela).
 Sociedad espiritista «La Esperanza». — Buenos Aires.
 Sociedad espiritista «La Revelación». — Buenos Aires.
 Sociedad espiritista. — Tampa (Estados-Unidos).
 Sociedad espiritualista de North Collins (Adhesión). — Nova York (Estados - Unidos).

EUROPA

(França)

Société scientifique d'études psychologiques (Continuadora daquela de Allan Kardec). — Paris.
 La «Solidarité Spirite»; — Paris.
 Groupe spirite «Poutain». — Paris.
 Société fraternelle. — Lyon.
 Groupe «Amitié». — Lyon.
 Groupe spirite de Montmartre. — Lyon.
 Société spirite. — Toulouse.
 Société spirite. — Douai.
 Groupe «Sainte Luce». — Bordeaux.
 Groupe spirite. — Nantes.
 Groupe de famille. — Saint Genis Laval (Rhone).
 Groupe «Bisontin». — Besançon.
 Groupe spirite. — Nîmes.

Oitenta grupos da Gironda.

Trinta grupos do departamento de Charente.

Grupos espíritas de Rouen.

(Bélgica)

Union spiritualiste. — Liège.

Société spirite «La Prosperité». — Bruxelas.

Groupe «Union spirite». — Chenée.

Grupos do Flandres belga.

(Itália)

Academia Internacional de estudos espíritas e magnéticos de Roma. — Todas as suas seções estabelecidas nos principais centros da Itália e todos os grupos espíritas que se aderiram à Academia. — Roma.

Sociedade Centro. — Pesaro.

(Rússia)

Sociedade Espírita (Adesão) — Odessa.

(Romênia)

Sociedade espírita (Adesão). — Bucareste.

JORNAIS REPRESENTADOS

Revue Spirite. — Paris.

Le Spiritisme. — Paris.

La Vie Posthume. — Marselha.

La Religion Laïque. — Nantes.

Le Messenger. — Lieja.

Le Moniteur. — Bruxelas.

Lux. — Roma.

Il Publico. — Turim.

Il Corriere Spiritico. — Florença

Boletín Paz y Progreso. — Orizaba (México).

La Luz del Alma. — Buenos Aires.

La Verité. — Buenos Aires.

El Pan del Espíritu. — Santiago de Chile.

El Criterio Espiritista. — Madrid.

Revista de Estudios Psicológicos. — Barcelona.

La Luz del Porvenir. — Gracia (Barcelona).

El Faro Espiritista. — Tarrasa (Barcelona).

Lumen. — S. Martín de Provensals (Barcelona)

La Solidaridad. — Zaragoza

La Luz del Cristianismo. — Alcalá la Real.

El Iris de Paz. — Huesca

La Revelación. — Alicante

La Caridad. — Santa Cruz de Tenerife.

La Buena Nueva. — Sancti Espíritu (Cuba).

La Nueva Alianza. — (Cuba).

La Alborada. — Sagua la Grande (Cuba).

El Progreso. — Mayagüez (Puerto Rico).

Lista de senhores delegados que assistiram ao Congresso

ESPANHA

- D. José Maria Fernández.
- Sr. Visconde de Torres-Solanot.
- D^a Amalia Domingo y Soler.
- D. Facundo Usich.
- » Joaquín Huelbes Temprado.
- » José Agramonte.
- » Manuel Sanz y Benito.
- » Salvador Sellés.
- » Miguel Vives.
- » Juan Chinchilla.
- » José Burgués.
- » Antonio Enguiu.
- » Juan Torrens.
- » Modesto Casanovas.
- » José María López.
- » Jacinto Planas.
- » Joaquín Diéguez.
- » Ezequiel Martín Carbonero.
- » Miguel Escuder.

- » D. José Cembrano.
- » Valentín Vila.
- » Antonio M. Almasqué.
- » Dalmacio Pons.
- » Francisco García Ferrer.
- » José Cabot.
- » Juan Durán.
- » Juan Pujol y Ortega.
- » Antonio Matoses.
- » Agustín Neto Lliteras.
- » Rafael Martí.
- » José Grané.
- » José Boladeras.
- » José Tur y Vicedo.
- » Emilio Ros.
- » Ignacio Baldranas.
- » José Rodó.
- » Pablo Aymerich.
- » Ricardo de Castro y Sainz Bravo.
- » José Romañá.
- » Narciso Moret.
- » Bernardo Ramón Ferrer.
- » Joaquín Baleñá.
- » Juan Ferrer.
- » José Bertrán.
- » Cayetano Garibaldi.
- » Jacinto Viñamata.
- » José Sanfeliu.
- » Antonio Martí.
- » N. Pérez.
- » Eduardo Moreno Acosta.

- » Vicente Serra.
- » Eduardo Dalmau.

PROVÍNCIAS DE ALÉM-MAR

- D. Eulogio Prieto.
- » Tomás de Oña.
 - » Juan J. Garay.
 - » Celestino Cuervo.

EUROPA

- Mr. P. G. Leymarie. — Paris.
- » Edward Troula. — Condom (Gers).
 - » Alphonse de Martin. — Castel du Parc Royal.
 - » Eg. Cav. Efisio Ungher. — Roma.
 - » Dr. Giovanni Hoffman. — Roma.
 - » Pr. Ercole Chiaia. — Nápoles.
 - » Dr. Giovanni Succi. — Florença.

AMÉRICA

- D. Ramón Maynadé. — Santiago do Chile.
- » Francisco Moragas. — San Luís de Potosí.
 - » Pedro Fortoult Hurtado. — Venezuela
 - » Rafael de Zayas Enríquez. — Orizaba-México.

NOTA. — Dois representantes de Além-Mar não alcançaram as primeiras sessões, e o de Orizaba chegou quando já tinham acabado.

Sessão preparatória

CELEBRADA EM 8 DE SETEMBRO DE 1888

Aberta às quatro horas da tarde, no local do **Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos**, sob a presidência do Sr. Visconde de Torres-Solanot, presidente da Comissão organizadora, que manifestou o objeto da sessão, que era revisar as representações, dar conta das adesões recebidas até então de Centros, publicações periódicas e personalidades espíritas, nomear a mesa definitiva do Congresso, e assinalar um ordem para as sessões públicas que iam acontecer.

O Sr. Torres-Solanot expôs algumas indicações a respeito destes pontos e deu-se leitura à lista das adesões.

O Sr. Maynadé disse que não constava entre aquelas a do Sr. Cosme Damian Lagos, diretor do jornal *O Pão do Espírito* de Santiago do Chile, que ele representava, e incluiu-se na lista.

O Sr. Ozcáriz manifestou que veria com agrado que nas sessões públicas não fosse atacada nenhuma escola filosófica nem comunhão religiosa, pois considerava que o Espiritismo tinha em si virtualidade bastante e elementos de defesa suficientes, sem necessidade de atacar nada nem ninguém, contentando-se como atrair pelo amor.

A reunião mostrou-se completamente de acordo com estas ideias, já que teria sido, além disso, pouco nobre dirigir ataques

contra alguém que não teria modo de defesa, e o Congresso queria evitar ser censurado justamente, como aqueles que, com prevalência da sua impunidade, combatem os inimigos falando na tribuna, sem consentir outra, em frente, para a defesa do atacado.

Houve também um acordo unânime, aceitando as indicações da Comissão organizadora, sobre os assuntos a tratar, tanto nas sessões públicas quanto nas reservadas, ficando as primeiras restritas à exposição da doutrina e a uma solene manifestação do Espiritismo, e as segundas, dedicadas a discutir a questão da organização, depois de ter informado sobre os trabalhos remetidos e que não foram lidos nas sessões públicas, tomando sobre eles as decisões procedentes.

Houve também acordo para que nessas sessões fosse usada a palavra somente por oradores designados de antemão, e que tudo o que pudesse ser objeto de discussão fosse levado às sessões reservadas, as quais também se ocupariam de todos os assuntos que partissem da iniciativa dos senhores delegados e que o Congresso julgasse pertinentes.

O Sr. Moret expôs a necessidade de organizar os trabalhos das comissões que deviam entender na questão do local e os outros preparativos para a celebração das sessões.

O Sr. Casanovas respondeu que isso estava previsto, segundo os acordos tomados na sessão celebrada pela Comissão organizadora com a Junta Geral do Centro Barcelonês, no dia 6, para cuidar de todos os preliminares referentes ao Congresso.

O Sr. Presidente deu mais algumas explicações, manifestando o que fora feito.

Verificada a revisão das atas e representações, abriu-se discussão sobre a formação da mesa definitiva do Congresso.

Antes de começar o debate, o Sr. Presidente manifestou que

não podia ser admitido o critério consignado em um dos Ofícios, impondo mesa ao Congresso, e sim que este devia eleger a mesa na sessão preparatória, e que por sua parte rejeitava a presidência que lhe fora outorgada no aludido Ofício, como presidente da Comissão Organizadora, por entender, e era o correto, que a Assembleia designasse a Junta Diretora que devia atuar durante as sessões.

Vários senhores delegados usaram da palavra, e foi tomado o acordo de que a mesa seria formada por quatro presidentes, quatro vice-presidentes e quatro secretários.

Logo após a mesa definitiva do Congresso foi nomeada, ficando constituída desta forma:

PRESIDENTE HONORÁRIO

Sr. José María Fernández,

Presidente honorário da Comissão organizadora.

PRESIDENTES

Sr. Visconde de Torres-Solanot,

presidente da Comissão organizadora.

Sr. Pierre Gaetan Leymarie,

representante da Sociedade Científica do Espiritismo de Paris,
continuadora daquela fundada por Allan Kardec.

Cavaliere Efisio Ungher

da Academia Internacional de Roma, diretor do jornal *Lux*.

Dr. Huelbes Temprado,

vice-presidente da Sociedade Espírita Espanhola.

VICE-PRESIDENTES

D^a Amalia Domingo Soler,

fundadora e diretora do jornal *La Luz del Porvenir*.

Dr. Hoffman,
da Academia Internacional de Roma.

Sr. Facundo Usich,
presidente do Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos e vice-presidente
da Comissão organizadora.

Sr. Miguel Vives,
presidente da Federação Espírita do Vallés e
vice-presidente da Comissão organizadora.

SECRETÁRIOS

Dr. Manuel Sanz Benito, da Espírita Espanhola.

Sr. Eulógio Prieto,
presidente do Centro El Salvador de Sagüa la Grande (Cuba).

Sr. Narciso Moret, do Centro de Gerona.

Sr. Modesto Casanovas,
do Centro Barcelonês e da Comissão organizadora.

Foi indicado pela mesa e aceito pela reunião, que os delegados estrangeiros presentes que não tivessem ainda cargo na definitiva, fossem considerados como vice-presidentes.

O Sr. Visconde de Torres-Solanot pediu fosse conferida a presidência honorária do Congresso ao Sr. José María Fernández, sendo esta proposta aceita por unanimidade.

Na sequência foram distribuídos os turnos para a exposição da doutrina na primeira sessão pública, com o acordo de dar a palavra aos Sres. Huelbes Temprado, Sr. Leymarie e doutor Ozcáriz; e autorizando a mesa para organizar o programa das restantes, encerrando-se a sessão.

Eram cinco horas e meia.

1ª sessão pública

(8 DE SETEMBRO DE 1888)

Às nove horas da noite, estando completamente abarrotado o grande salão onde a sessão ia ter lugar, ocupou a presidência o senhor Visconde de Torres Solanot, tendo à sua direita Dra. Amalia Domingo y Soler, Sr. Miguel Vives e Sr. Augusto Vives, e à esquerda o Sr. Facundo Usich, Sr. Sebastián Roquet e Sr. José Maria López, indivíduos da Comissão organizadora do Congresso.

O Sr. Presidente: Aberta a sessão. O senhor secretário terá a bondade de ler a Memória da Comissão organizadora do CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA.

O secretário Sr. López, lê o seguinte:

AO CONGRESSO ESPÍRITA

À COMISSÃO ORGANIZADORA

Símbolo característico da evolução que a humanidade inicia no atual período histórico, é a tendência à unidade e a harmonia. Quando parece que a diversidade nos aniquila, quando o desgoverno invade tudo, agitando-nos em uma atmosfera de confusão, surge com imperativa necessidade a ideia sintética, a ideia de juntar os elementos esparsos e de reconstruir sobre as ruínas do caduco, aproveitando os novos materiais que o progresso traz à grandiosa obra da civilização. E concentram-se as forças individuais para dar maior impulso à nova fase da vida; e a coletividade revela-se na

afluência e a ação recíproca de todos os seus membros; e a ciência, a arte, a indústria, o direito, a moral, a religião, todas as manifestações, em uma palavra, do desenvolvimento humano fazem um acordo para trabalhar em comum na obra do porvir, estabelecendo o princípio fundamental da nova idade; a base de qualquer harmonia no mundo: a *organização*.

Por isso aquela tendência à unidade e à harmonia apresenta-se qual aspiração superior, no conjunto como nos detalhes, em cada ramo da atividade humana como no todo que representa a realização integral do nosso destino. Esse é o pensamento moderno que indica o período de organização onde devemos entrar, o qual é chamado a transformar tudo reconstruindo a sociedade sobre um novo plano. Aos séculos vindouros caberá completar a edificação nos seus detalhes e estendê-la a todo o planeta.

O pensamento que contém essas aspirações está na consciência de todos os homens de boa vontade que amam o progresso porque é uma lei: a lei do bem; o ideal quer sair das esferas intelectuais para entrar na realidade, nos fatos da vida que assinalam o progresso ou via ascendente pela escala do bem; o debate está aberto em todos os povos cultos, porque as lutas do pensamento e o contraste dos ideais devem anteceder à ação complexa que há de traduzi-los na história.

Daí que por toda a parte sejam organizados Congressos para vulgarizar as conclusões da ciência e passar da teoria para a prática.

De acordo com as ideias enunciadas, e de acordo com a Federação Espírita do Vallés, que vem celebrando anualmente Congressos regionais, o Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos entendeu chegada a hora do primeiro Congresso Internacional Espírita, necessário para mostrar a vitalidade da nova ideia, fazendo pública e solene manifestação do Espiritismo, e para preparar a organização que há de dar poderoso impulso à propaganda, unificando todos os esforços e os dirigindo com senso prático à fraternidade universal, aspiração superior da sublime e consoladora doutrina dos Espíritos, compilada pelo inesquecível, o imortal mestre **Allan Kardec**.

Era, porém, tão colossal o empreendimento de convocar o primeiro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, que somente a convicção da sua necessidade, e a conjuntura de acontecer uma Exposição Universal nesta cidade e no mesmo lugar onde 27 anos atrás (Outubro de 1861) a mão do carrasco queimou inúmeras obras espíritas⁴, puderam decidir o Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos a tomar a iniciativa da ideia, dando-a a conhecer a todas as associações e à imprensa periódica espírita da Espanha por meio do Ofício de 15 de Janeiro do ano em curso, e convocando para um Congresso preparatório, cujas bases acompanhavam ao mencionado Ofício, com o pedido aos espíritas espanhóis da sua adesão e assistência.

Em 26 de Fevereiro reunia-se nesta capital o Congresso nacional preparatório, e o Centro Barcelonês, pobre em forças, porém rico em vontade, teve a imensa satisfação de ver reunida a representação do Espiritismo espanhol, congregado no teatro do Olimpo desta cidade.

A ata impressa da sessão, que circulou profusamente, contém os acordos tomados no Congresso espírita nacional preparatório, que resolveu a celebração do Congresso internacional que deveria se reunir em 15 de Julho, para uma manifestação solene da filosofia fundamental espírita, dentro dos princípios contidos nas obras de Allan Kardec, e para o estabelecimento de mútuas relações entre todas as coletividades correligionárias do orbe, isto é, a obra de organização que exige o considerável e sempre crescente desenvolvimento do Espiritismo.

O Congresso preparatório deu culminância aos seus trabalhos nomeando uma Comissão chamada de executiva, mas que não era

⁴ Menção ao histórico evento conhecido como Auto de fé de Barcelona, referente à execução de um processo movido pelo bispo de Barcelona, ordenando a queima em praça pública de uma remessa de livros espíritas que Allan Kardec havia enviado para uma livraria na Espanha. A execução se deu em 9 de outubro de 1861. Apesar do prejuízo material, esse ato acabou por despertar naquela região maior interesse pelo Espiritismo, além de engrossar a crescente revolta popular contra as arbitrariedades da Igreja Católica.. Saiba mais em: <http://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Auto%20de%20F%C3%A9%20de%20Barcelona> — N. E.

nem podia ser senão organizadora do Congresso internacional; por essa causa considera terminados os seus poderes e cumprida a sua missão, depois de dar conta das suas gestões até chegar à reunião desta Assembleia.

A referida Comissão (que por causas acidentais não conseguiu contar com a presença, até poucos dias atrás, do seu presidente), em virtude das faculdades que lhe foram conferidas, e em vista da carência de tempo para cumprir devidamente o mandamento que recebeu, tomou o acordo, em sessão extraordinária celebrada em 15 de Abril, de adiar para 8 de Setembro a abertura do Congresso internacional.

Este adiamento, imposto pelas circunstâncias, foi acolhido com unânime aplauso por todos os interessados no maior sucesso do Congresso, cuja convocatória foi publicada em 20 de Abril, e à qual responderam imediatamente quase todos os Centros Espíritas espanhóis, vários estrangeiros, e a imprensa europeia em comunhão conosco, recebendo posteriormente novas e valiosas adesões.

A carência de tempo para consultar autorizadas opiniões, a forçada ausência do nosso presidente, a natural inexperiência pela falta de precedentes em matéria de Congressos internacionais do Espiritismo, e a interpretação dada a alguns dos enunciados da Comissão organizadora, que talvez não fossem expostos com claridade suficiente, motivaram algumas observações, tanto da parte dos correligionários espanhóis como dos estrangeiros.

Convencida esta Comissão da sensatez e oportunidade das aludidas observações, e em virtude das faculdades que lhe foram concedidas pelo artigo 23 das bases estabelecidas na junta geral do Centro Barcelonês, de 8 de Janeiro, que acompanhavam o Ofício de 15 do mesmo mês, e que foram aprovadas pelo Congresso preparatório; reformou ou esclareceu aqueles pontos nos quais pareciam não harmonizar as opiniões, e hoje a Comissão pretende ter traduzido o pensamento unânime daqueles que se aderiram à ideia do Congresso internacional, sintetizado nestes dois pontos:

Manifestação solene da doutrina espírita; organização; que

serão os objetos desta respeitável Assembleia, para serem tratados respectivamente na sessão pública e nas sessões reservadas.

No outro senso deve dar-se ao Ofício de 8 de Julho, no qual foram publicadas as decisões da sessão de 4 do mesmo mês, celebrada pela Comissão organizadora, referentes ao questionário para este Congresso. E neste senso informava-se o nosso Ofício de 16 de Agosto, onde efetuávamos uma última chamada aos espíritas todos, enquanto as portas do Congresso iam se abrir para receberem os defensores da razão, da justiça e da moral, esperando como resultado desse acontecimento, primeiro no gênero, que serão registrados os fastos do Espiritismo, engendro do desejo, hoje, e mais tarde, a multiplicação da família espírita.

Estes são, em compêndio, os principais trabalhos realizados pela Comissão organizadora, que se dirigiu também em particular aos mais conhecidos espíritas espanhóis, pedindo a sua assistência pessoal.

Do sucesso da sua gestão, dará completa ideia a lista de delegações aqui presentes, e a de adesões recebidas. Não temos a pretensão de ter feito tudo o que era possível e teriam feito irmãos mais experientes, de maior representação e com superiores condições do que estas que possuem os membros desta Comissão; porém decerto presidiu todos os atos a ardente fé, a inabalável vontade e o vivíssimo desejo de realizar a grande obra, com o olhar fixo na exaltação do Espiritismo e confiantes em que muitas vezes os pequenos são chamados a iniciar os colossais movimentos, de maneira que o insignificante impulso do manúbrio condutor do fluido elétrico pode determinar o estouro de imensa explosão.

Assim, nós procuramos produzir a faísca que exaltou o entusiasmo dos nossos correligionários, e a eles será devido o fruto deste Congresso, para o bem do Espiritismo, que “aspira a elevar-se sobre as ruínas que têm causado as instituições caducas e as ideias errôneas, para resolver com senso harmônico os desequilíbrios, antagonismos e crises que hoje nos ameaçam sem que nada nem ninguém possam detê-los; do Espiritismo, que com uma potência até

agora desconhecida, levanta uma doutrina, baseada em uma filosofia, constitui uma nova ciência, e ao mesmo tempo em que eleva a razão e o sentimento, satisfaz a consciência; do Espiritismo, que empurrando-nos pelas duas vias convergentes, a do estudo do espírito e a do estudo da matéria, trata de nos aproximar, através do trabalho e da virtude, ao caminho do cumprimento dos nossos fins, dando-nos uma doutrina consoladora e uma elevada aspiração, e nos ensina os meios para chegar a um almejado aprimoramento.”

Por isso esta Comissão está persuadida de que, trabalhando pela ideia do primeiro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, preparando aqueles que sem dúvida seguirão, a partir talvez da época da Exposição Universal de Paris de 1889, indicada por muitos conceptos para o Congresso, segundo em número de ordem, porém primeiro em importância, que devem celebrar os espíritas; ao trabalhar, repetimos, por aquela ideia, colaborávamos com a grandiosa obra de propaganda dos princípios fundamentais da “existência de Deus, a imortalidade do espírito, a pluralidade dos mundos habitados, a pluralidade de existências da alma, o progresso indefinido, que afirma e de onde parte a filosofia do Espiritismo, preso sempre à ciência e à razão, para devolver à humanidade a fé que perdeu, porém não a fé que fecha os olhos para crer, e sim a fé que é aceita abrindo os olhos da inteligência”.

Alentou, finalmente, esta Comissão, para prosseguir sem trégua ou descanso a obra da reunião do Congresso, a certeza de que levava uma pedra para o grande edifício do Espiritismo, desta sublime ideia que é combatida somente por ser desconhecida, pois ninguém, absolutamente ninguém, dos que anseiam o progresso humano, oporia obstáculo algum, mas a ajudariam com todas as forças, se soubessem que “o Espiritismo, abrangendo toda a esfera dos nossos conhecimentos, fixa o olhar no porvir, e traz para o campo das investigações uma pesquisa nova, para construir a ciência propriamente dita espírita, o estudo do princípio inteligente e a soma de forças da inteligência, de onde é derivado o fato da comunicação espiritual, fato que submete à análise depois de tê-lo reconhecido em

síntese; e se soubessem que o Espiritismo, além dos princípios que, como dissemos, ele sustentava, no seu estudo mais complexo busca a razão, o critério filosófico das coisas cujas manifestações vemos, respondendo à necessidade que indica a história das evoluções do pensamento humano, para resolver na unidade de Deus, unidade de ciência e unidade de crença, o problema que nem as religiões nem as filosofias são hoje capazes de abranger; e para nos dar o ideal mais completo e mais de acordo com as aspirações da humanidade.”

A Comissão organizadora do CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, tendo chegado ao fim da sua tarefa, faz veementes votos para que os delegados reunidos em Assembleia, inspirando-se nas ideias expostas que informaram o pensamento dela, expressem nas sessões que se abrirão, os princípios do Espiritismo que resplandecem nas obras de Allan Kardec e os novos desenvolvimentos posteriores da doutrina, assentando ao mesmo tempo as bases da nossa organização, como condição essencial para a prosperidade do Espiritismo, que é a alavanca mais poderosa para o progresso no momento atual. – A Comissão organizadora.

O Sr. Presidente: Atendendo o chamado da Comissão organizadora, responderam as associações e jornais espíritas, e de tudo isto vai informar um dos senhores secretários.

O secretário Sr. Roquet deu leitura à lista das adesões recebidas até o momento de se abrir a sessão. (Essa lista está inserida no lugar que os leitores com certeza já viram, abrangendo também as adesões que chegaram depois da abertura do Congresso).

O Sr. Presidente: Neste momento acabamos de receber mais duas adesões; uma, dos espíritas de Rouen e outra dos espíritas de Nîmes.

Foram recebidos também os seguintes telegramas:

Zaragoza, 8, 5:50 da tarde.

Sr. Visconde de Torres-Solanot. – Barcelona.

A Sociedade de Estudos Psicológicos de Zaragoza saúda com entusiasmo o Congresso Espírita, desejando sucesso completo. – O Presidente, Fabián Palasí.

Baños de Ledesma, 8. 10:40 da manhã.

Sr. Visconde de Torres-Solanot. – Barcelona. Parabenizo a Comissão organizadora, saudando cordialmente o Congresso. – Anastasio García López.

O Sr. Presidente. A Academia Internacional Espírita de Roma, além da sua adesão e representação ilustre, dignou-se nos honrar, a todos nós, os indivíduos da Comissão organizadora, com o título de sócios de número, cujos diplomas são preciosas gravuras.

Não quero deixar este lugar sem ter enviado à Academia Internacional Espírita de Roma, o testemunho da profunda gratidão com a qual a Comissão organizadora, em representação do Congresso, recebeu esse tão valioso obséquio.

Além disso, devo trazer a conhecimento do Congresso que o digníssimo presidente honorário da Comissão organizadora, o incansável propagandista, fundador e diretor da *Revista de Estudos Psicológicos*, Sr. José Maria Fernández, mesmo não podendo assistir pessoalmente às sessões, por causa da sua avançada idade e falta de saúde, encomendou-me manifestar que a sua vontade e espírito estão conosco.

O senhor secretário servir-se-á dar leitura à ata da sessão preparatória.

Uma vez lida essa ata, o senhor Visconde de Torres-Solanot, diz:

Tenho a honra de convidar os senhores presidentes e secretários da mesa definitiva do Congresso para ocuparem estes

seus assentos.

O Sr. Torres-Solanot cede a Presidência ao Dr. Huelbes Temprado.

O Presidente: Sendo de praxe, caros irmãos, senhoras e senhores, que o presidente agradeça a honra que recebeu, eu, porém não devo agradecer, porque sendo como sou o último dentre vocês, única e exclusivamente ocupo este lugar em representação da ESPÍRITA ESPANHOLA, dessa Sociedade corajosa, permitam-me a palavra, corajosa, que de há cinco lustros atrás mantém erguida a bandeira dos nossos ideais a través da indiferença, da perseguição ou do ridículo. Bandeira incólume sempre, sempre vitoriosa, e entre cujas pregas eu me achego para inaugurar este importantíssimo primeiro Congresso Internacional Espírita, e por isso mesmo primeiro e mais transcendental passo para a renovação da sociedade terrestre.

Permitam que antes de dizer no que vamos ocupar o nosso tempo, dirija duas palavras só de agradecimento à nobre cidade que nos acolhe, palpitante ninho de todas as ideias generosas; obrigado também às autoridades que, permitindo nos reunirmos, dão exemplo patente do século no qual vivemos, quando ainda nos contempla com repulsão a nossa desditosa pátria; a nós, que só pretendemos colocar as balizas do seu adiantamento e progresso. Recebam, então, esta homenagem dos representantes do Espiritismo, hoje mais entusiasta, pelo belo alarde de vitalidade e de energia presente na sua Exposição, tão simpática para nós no ponto de demonstrar cientificamente ao mundo o verdadeiro caminho da existência.

Este período é século de desmoronamento e destruição maior ainda talvez do que aquele das grandes revoluções. Os antigos ideais ruíram ou estão quebrados; e não só os grandes, os sábios, os príncipes da inteligência, os que duvidam e os que pretendem;

os pequenos e os humildes desejam ver as provas para acreditar, e acreditar para sentir. Por isso nós não nos limitamos a acalantar na nossa alma a Verdade que nos encoraja, a Fé racional que nos sustenta na constante luta atrás do progresso, mas sim desejamos apresentá-la aos vossos olhos, para que possam participar com ela da nossa venturosa confiança. Esse é objeto do Congresso presente. (Aplausos).

Este Congresso, pois, é um raio primeiro do sol que iluminará as idades futuras, porque a verdade é o único caminho que leva a Deus. Talvez a nossa doutrina devesse ter adotado outro nome, mais em concordância com a sua tendência; mas por razões históricas somos movidos a não o mudar: pretendemos nós sintetizar, sistematizar todas as verdades até hoje conhecidas e aquelas que possam ser conquistadas de agora em diante: assim aquelas que foram, um dia, demonstradas pelas escolas sincréticas a respeito do Ser único, Deus; assim aquelas que as escolas materialistas e espiritualistas demonstraram a respeito da alma humana e do universo mundo; assim aquelas que racionalistas ou positivistas modernos demonstram nas suas estreitas sínteses, na nossa doutrina encontrarão todas elas adequado espaço, porque a nossa doutrina é a única que nasce e se declara eminentemente progressiva. Para nós não existe, e nem poderia existir, oposição ou contradição alguma entre o estudo de Deus, da Matéria, do Espírito e da Humanidade, porque Humanidade, Espírito, Matéria e Deus, coexistem no Universo mundo. (Grandes aplausos)

Assentados nessa convicção firme, nós chegaremos — porque a nossa esperança não pode ser falsidade, sendo como é uma promessa da realidade futura — chegaremos a constituir a Ciência Única, a Ciência humana, único aríete bastante a derrubar o existente. Destruição necessária, destruição precisa, porque do

mesmo modo que no fundo das nossas almas resta algo confuso das anteriores existências, fundando aquilo que chamamos de reminiscências, aptidões inatas, simpatias e antipatias, todas injustas se fossem gratuitas; também para nos elevarmos ao progresso futuro, para onde nos atrai a nossa constante aspiração com a força do irresistível, temos de derrubar as atuais barreiras egoístas que se interpõem diante da inteligência e do coração como execrados anátemas.

Sendo assim, com o Espaço infinito e os mundos inúmeros para as escalas certas do nosso progresso; com o Tempo sem fim para realizar toda a nossa sublime essência; nada mais poderá deter nem debelar as santas e nobres aspirações de toda alma generosa, fechar-lhe a trilha luminosa do seu porvir, do Progresso indefinido; e se devo acreditar no meu coração, do Progresso infinito. (Prolongados aplausos).

Somos nós, reis do Tempo e do Espaço, senhores do Universo, coisa assim como um reflexo distante de um Ser mais alto, maior, que todas as religiões chamam de Deus. Todas essas religiões são consideradas mesquinhas por nós, e tratamos de desterrá-las da consciência humana, porque entendemos ser a nossa crença a mais religiosa das doutrinas conhecidas.

Nós acreditamos que apenas conhecendo-o é possível amá-lo como esse Ser merece; nós acreditamos que toda Verdade, que a Ciência única está inclinada somente a depurar esse conhecimento; e que por ela e com ela é como devemos adorá-lo, do mesmo modo que por Ele, d'Ele e n'Ele existimos. (Aplausos).

Seja, pois, mérito em vossa presença, a franqueza, a sinceridade, o desejo do bem, nesta apresentação das nossas crenças. E que quando, ao deixar este ínfimo planeta, tornemos a nos encontrarmos nas profundidades desse Espaço que hoje brilha sobre nós como um enigma cheio de estrelas; quando

tornem a vibrar as nossas almas ao contato de uma Verdade, recordaremos este instante, quando saímos daqui irmãos, não somente de nome, mas também de coração e de vontade. Tenho dito. (Ruidosos aplausos).

O Sr. Secretário terá a bondade de dar leitura à Memória remetida pela SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA, de Madrid.

O secretário Sr. Sanz y Benito procede à leitura à seguinte Memória:

À SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA
AO CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Respeitáveis e caros irmãos: saúde.

Permitam-nos que a nossa primeira palavra, em tendo a satisfação imensa de receber no seio da nossa pátria os representantes do Espiritismo de diversos pontos do planeta, seja para manifestar o júbilo que nos causa tão fausto acontecimento, porque nos permite ver de perto e abraçar os nossos irmãos, e porque é inaugurada uma nova fase na propaganda e aplicação da nossa doutrina, a qual, graças à vossa sabedoria e experiência, deve nos trazer felicidades inúmeras, y à humanidade terrestre, venturas inesperadas.

Saudamos também com tanto prazer quanto gratidão, os espíritas catalães, entre os quais tem arraigado a felicíssima ideia do Congresso, porque a eles em particular, como causa eficiente do mesmo, ficaremos devendo todo o bem que consigamos obter.

Tendo dado esta satisfação à nossa consciência e ao nosso sentimento, invocando toda a inspiração que o nosso tradicional entusiasmo pela doutrina e o nosso amor à humanidade nos sugerirem, e também o auxílio dos nossos consequentes protetores extrafísicos, passemos a formular a nossa humílima opinião.

Faz quarenta anos que o Espiritismo tomou carta de natureza na Europa, e é de espantar, se contemplado com severa imparcialidade, o grande progresso que como doutrina tem alcançado, e a

propaganda que tem realizado.

Porém o espanto é maior contemplando a sua virtualidade e a gênese da sua existência e época do seu surgimento.

Fatos insólitos, inexplicáveis para a crítica racional e para a crítica positivista, causaram surpresa a algumas pessoas que, a través de uma observação profunda e repetida, deduziram com lógica incontestável que os objetos inertes adquiriam movimento sem agente impulsor conhecido, e que esses movimentos correspondiam a uma vontade manifesta, havendo ali um agente psíquico em relação com as coisas e pessoas.

Verdade nova, verdade incontrovertível como de observação experimental, e verdade transcendente porque experimentalmente estava a nos demonstrar a existência do elemento humano pelo qual a metafísica espiritualista tem lutado em tantas batalhas em todos os tempos históricos, sem conseguir uma vitória decisiva, por partir de hipóteses, que, se podiam levar à afirmação racional do espírito, nas suas múltiplas deficiências oferecia armas com as quais as outras escolas a combatessem.

Mais uma vez no mundo, o fato ao parecer insignificante dava corpo e vida à ideia. Do movimento de uma mesa nascera toda uma nova filosofia, como surgira de outro fato singelo a tese da atração universal.

Surpreende, porém, tanto como a sua gênese, a sua rápida propagação. Nascida no país mais mercantil e positivo da Terra deslocou-se para o velho continente em momentos em que a política, o comércio, a indústria, a agricultura e todas as relações sociais, tirados do seu centro natural pelo desequilíbrio que nestas ordens, como na ordem puramente dinâmica, introduz a falta de um harmonioso desenvolvimento de todas as forças existentes para uma finalidade, começavam a descer ao abismo onde se precipitam sob a lei do quadrado das distâncias.

Mas apesar de tantas e tão fundas preocupações, e tal vez pelo vazio desolador que produziam na ordem moral, uma multidão de espíritos cansados de uma luta tão tenaz quanto infrutuosa,

acolheram a nova ideia como tabua de salvação no naufrágio social que ameaçava.

E era que, naquela hora, como acontece sempre que os progressos materiais se sobrepõem e o rebaixamento moral inclina as bases sociais a saírem do eixo, aparecia a doutrina redentora que, sintetizando os desejos e aspirações da humanidade, marcava novos rumos para as ideias filosóficas sobrepondo-se a seitas, dogmas e partidos, e aos bastardos interesses que à sombra deles se criavam.

Então, como sempre, o mesmo carácter universal das verdades morais e religiosas, a continuidade do hábito e da lembrança, posto que não da convicção, não consentiram em desarraigar completamente as antigas crenças, e com as transações chegaram os choques das ideias, a discussão, a divisão, aquilo que diante de um dogma poderia ser chamado de cisma e entre nós nada mais é que diferenciação.

Desse modo, discutindo e em luta constante, desenvolveram-se os conhecimentos científicos, sendo necessário fundar formalmente uma filosofia racional que reúna e sintetize a ciência e leve o sentimento religioso até conceitos mais elevados, para, desta concepção superior e daquela harmonia, derivar naturalmente o conceito moral que deverá melhorar as condições sociais.

Faz-se, então, indispensável que neste trabalho exista a colaboração de todos os campos e todos os conhecimentos sejam trazidos e exista uma participação de todos os espíritos que desinteressadamente e com desejo do bem trabalhem pela regeneração e o progresso de todas as nações.

E, como não? Quem ousará dizer: tal ideia me pertence absolutamente, essa doutrina na sua integridade é obra nossa?

Onde está, e quem é o homem em cujo cérebro possa ser encontrado o momento inicial de um pensamento, sem raiz nem antecedente em outro pensamento algum?

No quadro sinóptico do Espiritismo, a única conquista positiva, da qual derivam todos os princípios hipotéticos, é apenas uma aspiração entre nós, é a prova real e palpável da persistência do

espírito. Por conseguinte, todos aqueles que admitirem este fato, ou sequer a sua possibilidade, induzindo racionalmente o fato em si pela natureza das causas, devem ser considerados como colaboradores nesta obra de regeneração e de propaganda científica.

Todos os espíritos reflexivos sabem e entendem perfeitamente que a Justiça somente reina e prospera ali onde o dever é cumprido; e que as religiões já não são mais apenas uma série de atos puramente exteriores, sem consciência dos ritos e sem verdadeiro sentimento religioso.

Daí estarem aqueles que admitem a razão como fundamento de progresso humano e de desenvolvimento social, bem perto de admitir a autoridade da lei moral baseada no cumprimento do dever para consigo mesmo e para com todas as criaturas.

Aqueles que exercitando a própria razão estão em desacordo com os dogmas e preceitos religiosos estarão também para transigir com as práticas que impõe o dever moral de admitir um conceito superior nas relações do homem com o Criador.

Todos aqueles que abdicaram das práticas religiosas por cálculo ou ignorância e vivem no ceticismo, têm momentos nos quais se revelam à consciência o sentimento de bondade e de justiça, e horrorizados da própria vacuidade, desejam então unirem-se e estreitarem-se com a humanidade, com o universo e com as causas, para eles desconhecidas, que produzem harmonia e concerto no mundo, que antes não compreenderam, nem desfrutaram, nem agradeceram.

Pois bem; todas essas pessoas, que poderiam ser agrupadas em uma classe pensadora na nossa humanidade, estão em condições de nos ouvirem e tal vez de nos entenderem, e ao ultrapassar o limiar do túmulo sabemos que lembrarão os nossos racionais princípios, e irão se reunir com aqueles que os antecederam para fortalecer e amplificar essa atmosfera espiritual que atua com uma força poderosa de atração e compenetração, que impulsiona e dirige as sucessivas gerações rumo ao melhoramento moral e ao bem-estar material.

A respeito das massas que obedecem passivamente àqueles encarregados de dirigir as suas consciências e todos os atos das suas vidas, é necessário muito pouco esforço para fazê-los acolherem-se ao amparo de leis mais justas e equitativas, e respeitarem e considerarem como redentores àqueles que venham redimi-los da escravidão da ignorância e melhorar a sua condição social.

Não há dúvida de que entre estas classes existem espíritos em vias de prova e expiação, com aptidão e faculdades suficientes para compreender seus deveres e elevar seu nível moral, quando tiverem a possibilidade de utilizar sem perigo as faculdades latentes da própria inteligência. Eles mesmos como todos os espíritos, sem exceção, sobre a terra, nos espaços e nos infinitos mundos habitados por criaturas racionais, possuem uma missão para cumprir. Todos também somos e nos consideramos superiores a outros muitos dos nossos irmãos, como todos e cada um de nós precisamos da ajuda, proteção e amparo de outros espíritos superiores. Isso porque a solidariedade universal não é apenas uma série de relações de sensação, mas é também uma compenetração de inteligência e de sentimento, dentro da qual sentem, movimentam-se e agitam-se todas as consciências, contribuindo para o bem e o progresso quando praticam atos meritórios, e prejudicando a própria evolução individual quando de algum modo se opõem aos fins impostos pelo dever solidário e a atividade transcendente de todos os seus atos e de todos os seus pensamentos.

Repetimos, então, que não podemos reivindicar maiores direitos que a demonstração experimental da imortalidade da alma, importantíssimo, sim, já que dela direta e racionalmente são deduzidos a persistência eterna do espírito, a evolução indefinida, individual e coletiva, as incomensuráveis fases da existência e a temporariedade da carne, e, nas regiões incomensuráveis do espaço, a habitabilidade dos infinitos mundos que o povoam e a solidariedade material e espiritual de todos os seres entre si e de todos os mundos habitados.

Mas é verdade também que apenas sobre esta única afirmação

do fato experimental no que à alma corresponde, e às suas faculdades e atributos, pode erigir-se um edifício científico, modificando o critério filosófico para mover o sentimento rumo à verdade infinita, rumo ao princípio absoluto, rumo à causa única, ao Ser infinito, causa eficiente de tudo aquilo que é e que universalmente se desenvolve.

Dados estes precedentes, foi dito, e nós o temos indicado, que a ESPÍRITA ESPANHOLA consideraria pouco exato atribuir aos trabalhos espíritas, e ainda mesmo à revelação, com o caráter científico e universal que ela apresenta hoje, todos os avanços realizados até o presente, que pertencem, em primeiro lugar, aos trabalhos acumulados, à totalidade de atos e esforços das anteriores gerações. Ela é que, avançando sempre, caindo e levantando, aparecendo e desaparecendo nas civilizações, segundo que os espíritos mais adiantados animam as nações, têm chegado à altura científica onde já se encontra uma parte, infelizmente pequena, da humanidade terrestre.

Com isto deixamos assinalados pontos que em nossa humilde opinião poderão ser objeto dos debates do Congresso, e o espírito de tolerância que neles deve reinar, no qual estamos todos de acordo, felizmente.

Se, por elas serem estreitas e exclusivistas em filosofia, moral e religião, nós combatemos todas as escolas, afastemo-nos dos seus rumos para ser amplos e tolerantes com todo aquele que não negue o princípio fundamental da nossa doutrina, e sobre esta verdade universal que abrange todas as ordens possíveis do conhecimento e todas as esferas da ciência, desenvolvamos a filosofia racional, a ciência única, a moral universal e a verdadeira religião laica, que não é nem deve ser a exclusão completa de todo ato e de toda expressão de respeito, consideração e amor ao Ser Supremo.

Nossa religião deve inclinar-se, na forma e manifestação, a nos identificarmos no bem com todas as criaturas, a elevar nosso sentimento à perfeição infinita, realizando sempre no que for possível todas as perfeições sentidas que nos conduzirão à beleza y à verdade que pressentimos, ainda que em modo rudimentar, sob a

influência e compenetração do infinito e do absoluto, ao qual somente se vai pelo amor e pela ciência. Não devemos ter por terminada esta tarefa, sem dedicar a mais carinhosa e entusiasta lembrança ao elevado espírito do fundador da nossa doutrina.

O planeta, em sua marcha vertiginosa, as ideias em sua evolução constantemente progressiva, a ciência, a filosofia e a religião cultivando-se, melhorando, movimentando-se sem cessar rumo à perfeição, poderão se distanciar tanto dos pontos de partida que não seja possível reconhecer a origem; porém sobre o primeiro dia do Espiritismo erguer-se-á perpetuamente o simpático e glorioso nome de Kardec, inscrito nas suas obras, que, se como obras de homem não são perfeitas e não constituirão o edifício que somente os tempos e as gerações poderão erigir, serão, decerto, as bases sem as quais a obra não existiria.

Glória, pois, a **Allan Kardec**, e quando nas nossas elucubrações filosóficas seja necessário reconhecer e confessar o progresso devido a outros homens, sufocando no germe toda manifestação de desdém, só tenhamos palavras e lembranças de gratidão para o Mestre.

Fazendo-o constar assim, o Congresso executará um ato de justiça, que certamente agradecerão todos os espíritos.

Se, inspirando-se nos conselhos de **Kardec**, na doçura das suas palavras, na tolerância do seu pensamento, no amor do seu coração e na retidão da sua consciência, ele abre as portas da nossa doutrina aos quatro ventos e busca atrair todos os homens, dando amplíssima base para a confraternização das ideias, exigindo somente a comunhão ou paridade de pensamento no único princípio fundamental que assinalávamos, ou seja, a eternidade do espírito, a preexistência e ultraexistência terrestre, sem limite anterior e posterior, que desdenhe toda diferença de palavras e formalismos, porque daquela única verdade derivam com lógica inquestionável todos os outros princípios, de tal modo que, ou estes são admitidos ou a primeira é negada, e ficará assentada sobre base firme a propagação, o progresso e a federação pela qual todos nós suspiramos.

No que diz respeito ao estabelecimento de um **conselho consultivo**, essa questão ficaria resolvida *ipso facto* adotando-se alguma forma de federação, e no que toca às suas faculdades como consultor e definidor, esta Sociedade, segundo ficou exposto, opina que deveriam comprometer-se a receber e propagar por todos os centros, aqueles avanços, experiências e observações comunicadas por cada um deles, assim como as perguntas feitas, através de uma publicação periódica dentre as existentes na localidade onde residam, ou em alguma fundada para isso, convocando, se fosse estimado pelo Congresso, para assembleias gerais na forma e tempo que ficasse estabelecido, as quais teriam por objeto proclamar sem forma dogmática, com todas as ressalvas que a instabilidade das ideias e a perfectibilidade do espírito exigem as novas leis descobertas e discutir as hipóteses formuladas.

Este é o voto da SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA, que também os faz pela prosperidade de todos os irmãos, e espera o resultado do Congresso, em cujo sucesso confia com o auxílio dos bons Espíritos.

SOCIEDADE ESPÍRITA ESPANHOLA

Pela ausência do Presidente

Joaquín de Huelbes

O **Sr. Presidente**. Há também uma preciosa adesão que nos foi remetida, à qual dará leitura o senhor secretário.

Houve acordo em ler essa adesão no dia seguinte.

O **Sr. Presidente**. Passo a palavra ao Sr. Leymarie, representante da **Sociedade Científica de Estudos Psicológicos** de Paris, fundada por Allan Kardec.

Sr. P. G. Leymarie (em francês). Meus caros irmãos: Nada tão oportuno para mim agora, como dizer-vos brevemente quem foi **Allan Kardec**, qual a sua vida e como devem ser caracterizadas as suas obras.

Allan Kardec era filho de um magistrado de Lyon⁵, homem muito inteligente, que quis fazer do filho um erudito, porém prático, capaz de enfrentar todas as vicissitudes da vida. Por isso colocou seu filho, cujo verdadeiro nome era **Hipólito Denizart**, junto ao célebre professor **Pestalozzi**, em Yverdon (Suíça), o qual mudou completamente o sistema de educação da juventude, perto de 80 anos atrás. Hipólito foi um dos seus melhores discípulos, ao ponto de que quando o mestre se ausentava, ele o substituíva.

Lá por 1830 o futuro fundador do Espiritismo mudou-se para Paris, onde criou um colégio do sistema Pestalozzi e contraiu matrimônio com **Madame Boudet**, senhorita instruída, prudente e econômica, possuidora de certa fortuna.

Abandonou então o ensino para dedicar-se à publicação de diferentes obras, entre outras, gramáticas, aritméticas, dicionários, etc., muito usados de 1845 até 1860. Nesse tempo, além dos títulos de Bacharel em Ciências e Letras, estudou Medicina⁶, Magnetismo, e tinha conhecimentos de alemão, inglês e italiano. Estava conceituado como um dos mais eminentes professores franceses, e obtivera prêmios em uma centena de certames.

Na época, desde 1850, vários homens eminentes de Paris,

⁵ Essa informação não condiz com as informações encontradas sobre a família de Kardec; nascido em Lyon, de fato, mas de famílias estabelecidas na comuna Bourg-em-Bresse. Para mais detalhes sobre a biografia de Allan Kardec, ver Enciclopédia Espírita Online:

<http://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Allan%20Kardec> — N. E.

⁶ Esta informação foi motivo de certa polêmica, especialmente depois de ter sido replicada por Henri Sausse em seu opúsculo *Biografia de Allan Kardec*, publicado em 1896, que é uma transcrição do discurso do autor proferido em 31 de março daquele ano, por ocasião das solenidades pelo aniversário de desencarnação do Codificador Espírita; não tendo sido encontrada nenhuma evidência de que Kardec tenha estudado medicina, senão essa fala de Leymarie (a mesma de que Sausse se valeu para inclui-la na referida *Biografia*), é muito improvável que tenha fundamento — N. E.

entre eles o acadêmico Taillantier, os publicitários Sardou pai e filho, o sábio filósofo holandês Tiedeman-Marthez, o editor da Academia, etc., ocupavam-se dos fenômenos do Espiritismo moderno, importado da América. Durante cinco anos e graças a todas as formas de mediunidade, obtiveram milhares de comunicações de almas que se diziam de pessoas mortas, e delas a evidência da imortalidade da alma e seu poder de comunicar com os viventes após a morte.

Não conseguindo sistematizar nem ordenar as comunicações recebidas, houve o acordo de encomendar esse trabalho ao sábio professor Denizart, cujo espírito sintético era bem conhecido. Allan Kardec começou por perguntar a si mesmo qual a aberração que poderia obrigar aqueles sábios a dar fé às declarações dos mortos, e na dúvida, puramente científica, quis entender o fenômeno.

Admirado daqueles fatos que sem demora lhe foram oferecidos, encontrando naquelas comunicações uma filosofia sublime, um mundo novo para as inteligências, de acordo com a ciência e com o bom senso, decidiu-se a realizar o enorme trabalho de classificar metodicamente todas as comunicações, por uma mesma ordem de ideias. Achou algumas soluções de continuidade entre os diversos capítulos; para preenchê-las, formulou perguntas precisas e claras que, submetidas às inteligências de além-túmulo do grupo estabelecido na época, na Rua dos Mártires (Paris), foram respondidas de imediato, e satisfatoriamente. E com esses e outros trabalhos reunidos, publicou-se em 1857 ***O Livro dos Espíritos***, sob a direção de Allan Kardec, sem o qual sua organização teria sido impossível.

Entretanto, fora constituída uma Sociedade que, tendo conhecido o sucesso admirável do primeiro volume publicado, nomeou por unanimidade Allan Kardec como presidente. A partir

de então dirigiu suas pesquisas e experiências com uma energia e prudência maravilhosas. Coletou novos elementos, classificou-os e dedicou-se a um trabalho constante, das cinco horas da manhã até meia-noite, e em 1858 editou a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* e fundou a *Revista Espírita* ⁷. Hoje aquele livro está na trigésima quarta edição, tendo sido traduzido a uma dúzia de idiomas.

Em 1860 Allan Kardec publicou *O Livro dos Médiuns* e a seguir *O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno*, e, por último, *A Gênese*, obra preciosa, onde coletou tudo aquilo que era conhecido na época sobre a doutrina nova.⁸

A imprensa ridicularizava Allan Kardec; Roma decretava a sua excomunhão, condenando a comunicação e anatematizando a tese da reencarnação dos mortos, ordenando a seus negros exércitos que o combatessem abertamente, já que o Espiritismo, não reconhecendo um Deus ciumento e vingativo e nem a possibilidade de milagres, minava os fundamentos da infalibilidade papal e dos dogmas católicos: nada, porém, conseguiu amedrontá-lo.

Estabeleceu assim os fundamentos do Espiritismo: o livre-arbítrio das almas; o sofrimento a que, pelas leis naturais, conduzem as más ações, sendo que as boas satisfazem as suas aspirações inatas; a lógica do progresso, por isso mesmo indefinido; a eternidade da matéria e da Criação; a série de existências que o homem tem precisado para atingir o atual estado de relativa perfeição, e a série que ainda lhe resta para

⁷ Na verdade, o ano de publicação da 2ª edição de *O Livro dos Espíritos* foi 1860; por sua vez, a *Revista Espírita (Revue Spirite)* teve sim o início de sua circulação em 1858, sendo o primeiro volume datado de 1 de janeiro — N. E.

⁸ Na verdade, *O Livro dos Médiuns* foi lançado em 1861; já *O Evangelho segundo o Espírito* é de 1864, *O Céu e o Inferno* é de 1865 e, finalmente, *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* é de 1868 — N. E.

conseguir somente aquilo que hoje já se vislumbra no seu pensamento; a solidariedade que enlaça todos os elos dessa corrente infinita e sucessiva, da vida ao instinto, do instinto à inteligência, da inteligência à razão pura; a inanidade, em uma palavra, do Céu, do Inferno e dos pequenos deuses de todas as religiões positivas. A única coisa certa é, que o homem vale segundo as suas obras; que a Verdade e o Amor são os únicos sentidos por onde se alcança a felicidade verdadeira e suprema.

Deve, pois, Allan Kardec, ser venerado por todos os Espíritas, porque de cada homem ele fez um investigador da Verdade, um ser livre e verdadeiramente responsável, que tem diante de si vidas e tempo inúmeros para consagrar ao próprio progresso, e também pluralidade de mundos dos quais elevarem-se ao conhecimento do infinito.

Hoje, já milhares de sábios eminentes têm estudado e aceitado as conclusões do Mestre, que dizia: “As bases do Espiritismo são inabaláveis; as consequências modificar-se-ão segundo o progresso intelectual e moral dos seus adeptos”.

Quanta notável experiência realizada pelos Hare, os Zöllner, os Butleroff, Varley, Wallace, Crookes e tantos outros! Sábios, materialistas em sua maioria, interrogaram o Espiritismo para combatê-lo e encontraram nas suas balanças a prova da existência dos Espíritos e sua ação sobre a matéria! E devem tudo isso ao homem ilustre, amigo de reis e operários, o bom conselheiro, aquele que primeiro os fez reparar nas verdades novas.

Allan Kardec faleceu em 30 de Março de 1869.⁹ Devemos amá-lo, respeitá-lo, e também à sua digníssima companheira, e esperemos ver coroada de êxito em breve a grande obra que ele nos confiou. (Aplausos)

⁹ Na verdade, Kardec faleceu em 31 de março de 1869 — N. E.

O Sr. Presidente. Depois do precioso discurso do Sr. Leymarie, representante dos espíritas de Paris, seria procedente que o Dr. Hoffman, representante italiano, lesse o seu; mas para que a um discurso em francês não siga outra leitura no mesmo idioma, acho melhor deixá-lo para amanhã, e passe a ocupar a tribuna o senhor doutor Ozcáriz.

O Sr. Ozcáriz. Senhoras e senhores:

Magnífico o horizonte de Barcelona, horizonte desta Cidade industrial, mercantil e marítima, que escreve no espaço com a fumaça das suas fábricas a palavra Progresso: magnífica a sua Exposição, onde são ostentados os primores do artista e os triunfos do operário.

Aqui respiram todas as ideias, todas as opiniões têm o seu voo, têm a sua esfera todos os talentos, escala ascendente todas as nobres aspirações, o trabalho tem a sua dignidade, a virtude é consolada e a honestidade tem a sua amizade.

É grave o meu compromisso dirigindo a vós a minha humilde palavra, depois dos brilhantes discursos pronunciados por eloquentes oradores.

Vejo aqui o infatigável apóstolo, o inspirado escritor do Espiritismo, o Sr. Visconde de Torres Solanot; o doutor Huelbes Temprado, orador lógico e profundo, tão erudito em suas carreiras literárias, como exato em seus conceitos. Aqui vejo Sr. Leymarie, representante da Sociedade Científica do Espiritismo, de Paris, ou seja, dessa nação que proclamou os direitos do homem, dessa pátria de Vítor Hugo, centro geográfico da Europa e coração da liberdade. Vejo aqui os delegados da Itália e entre eles o ilustre Dr. Hoffman, da Academia Internacional Espírita, de Roma, cidade onde ressoaram as liras de Horácio, Virgílio, Tíbulo e Ovídio, e onde Cícero transformou a oratória na poesia da

tribuna. As brisas do Adriático, que beijam docemente as flores da Itália, parecem que murmuram os nomes de Dante, Petrarca, Tasso, Bellini, Donizzetti, Rossini e Verdi, e visitando as suas bibliotecas, Vico, Filangieri, Volta e Galvani saem ao encontro, e quando o viajor busca prodígios da arte, contempla o Vaticano, a catedral de Milão e o teatro Farnésio. (Muito bem. Aplausos).

Se admirável é a Exposição de Barcelona, não o é menos a Exposição Universal de todos os sistemas filosóficos que se agitam nesses Congressos para dar solução ao problema do porvir. Contando com a benevolência deste ilustrado público, apresentarei, com a brevidade possível, algumas observações a respeito da doutrina espírita.

O Espiritismo é a ciência que estuda o mundo, o espiritual e o material e as relações de ambos formando o espírito, a matéria e o fluido universal.

O Espiritismo é a harmonia da razão individual com a razão divina, para realizar a perfeição e o progresso nas vidas e nos mundos. A liberdade, igualdade e fraternidade formam a Trindade da moral prática do Espiritismo, como formam a trindade dos direitos individuais: a sua fórmula é: A Deus pela Caridade e a Ciência. O Espiritismo não se dirige a um Deus limitado e pessoal, nem a deidades de Mitologia alguma, nem a oráculos de qualquer idolatria, mas busca indagar o Absoluto, ou seja, a essência própria, o que existe por si mesmo, sem limitação de outras essências, como é a de Deus, que se estende por todo o infinito, e é sabido que o infinito não tem limites e, por conseguinte, Deus não pode caber no estreito círculo das religiões positivas.

O finito tem limites, porque é a forma dos corpos que representam a variedade. A essência dos mesmos é infinita, porque representam a unidade. Em toda matéria existe unidade e variedade, infinito e finito, essência e forma. O mal tem a sua

origem no finito dos seres. Se o mal existisse na essência das coisas seria infinito, e, por conseguinte, um eterno rival de Deus. Se o mal existe, é representado pelos espíritos atrasados, viciosos e criminosos, mas susceptíveis de arrependimento; e por isso o mal acabará se extinguindo; e assim a bondade de Deus fica a salvo.

Quando se fala em Espíritos, observareis que o Espiritismo tem sido objeto de caçadas e injúrias, com o pretexto de que somente servia para fazer girar mesas e louças. Toda ideia grande, solene, elevada, tem merecido a qualificação de loucura pelos ignorantes e por aqueles que, um pouco ilustrados, vivem à sombra de um monopólio ou exploram os erros do fanatismo. Alguns contemporâneos de Colombo tiveram-no por louco e essa loucura deu-nos um novo mundo.

Admitimos a pluralidade de mundos porque se Deus tivesse criado apenas um mundo com o seu céu e o seu inferno, teria sido um arquiteto muito ordinário; pois somente sabia construir uma casa de três andares; (aplausos).

Jesus disse: “No meu reino existem muitas moradas”; ou seja, muitos mundos; e isso está confirmado pela Astronomia, que conta por milhões de léguas à distância dos astros, até que, não mais conseguindo seguir por toda a imensidão do espaço, pronuncia a palavra ‘infinito’, que é conhecida por outro infinito: a razão humana.

Leia-se a preciosa dissertação de Tiberghien, *Teoria do Infinito*, e Pezzani, que em seu notável livro *Pluralidade de existências da alma*, demonstrou a verdade das mesmas com testemunhos da antiguidade profana, da antiguidade sagrada e com os autores modernos e contemporâneos. O P. Félix, em uma das suas palestras, dizia: “Quanto mais mundos habitados

existirem, maior será o número das criaturas para adorarem a Deus”. Uma só existência corporal não basta para aprimorar uma alma, porque não teve tempo suficiente para um completo desenvolvimento intelectual e moral. O dogmatismo diz que a alma é criada ao tempo do nascimento do homem; se é assim, de onde provêm as disposições inatas segundo as quais alguns nascem bons, outros são ruins, uns inteligentes e outros idiotas? Qual a sorte das crianças falecidas quando ainda são lactentes? Qual a dos idiotas e selvagens? Se a diferença consiste nos organismos, por que Deus dá a alguns um organismo melhor que aos outros? E se não pode evitá-lo, por que depois atribui a responsabilidade dos seus atos a almas que viveram em organismos doentes, atrasados ou viciosos? A matéria é mais poderosa do que Deus? Quando os tribunais castigam esses organismos viciosos, estão condenando a alma ou o corpo?

A lembrança de uma existência anterior manifesta-se de uma maneira indireta a través das tendências instintivas intuição e caráter, e que os teólogos chamaram de predestinação, e daí os adágios: “O poeta nasce, não se faz”, e “O gênio encontra tudo já feito”. Ovídio e Lope de Veja eram fatalmente poetas, e recordemos os precoces talentos de muitos homens célebres.

Allan Kardec diz bem, na sua obra *A Gênese, os Milagres e as Predições*, que a humanidade primitiva representada na alegoria de Adão e Eva era o conjunto de espíritos que, tendo pecado em outro mundo, vieram a este por via de expiação. A verdade é que o Gênese hebreu não contém nomes próprios. Adão significa terra vermelha e também gênero humano; Eva, mulher material; Caim significava força, veemência, poderio, e foi tomado como gênio do mal pelos asiáticos; Abel, doçura, graça, gênio do bem.

Adão possuía ambos os sexos, porque a humanidade é possuidora de tudo, e daí a alegoria da costela transformada em

mulher. Imaginando que Adão fosse homem único, e se não tinha visto ninguém morrer, como é que Deus o ameaçou com a morte se comesse a fruta proibida? Um castigo desconhecido é como se não existisse. Depois de Caim ter matado seu irmão Abel, naquele momento não ficou mais ninguém no mundo, só ele, seu pai e sua mãe. Como foi possível a Caim tomar mulher e edificar uma cidade? É preciso afirmar com Kardec que a espécie animal não provém de um só casal primitivo, e sim de muitos; porque se um sujeito pode ser formado em um determinado ponto, nenhuma razão impede de se formarem outros sujeitos em diversos pontos, pela mesma causa. A Gênese é o livro mais filosófico da Bíblia inteira, porque é uma refundição das antigas doutrinas da Índia e dos Mistérios do Egito, cobertos com o véu da Maçonaria e da Cabala, tesouros escondidos através dos hieróglifos; porque existe uma ciência verdade e outra aparente para enganar o povo: tem sido bem vulgar a ciência de folha de pagamento ou o sofisma com salário.

Sem a pluralidade de existências não existe explicação para a imortalidade nem para o progresso; e sem a eterna viagem do átomo não se explicam as formas dos corpos, como sem os graus ascendentes de perfeição nas almas não se explicam as formas da civilização.

O Espiritismo é o único sistema que explica a união da alma com o corpo a través do perispírito, agente elétrico do magnetismo e atmosfera do espírito no além-túmulo: é um vestido fluídico, por assim dizer, para distinguir um espírito de outro espírito, como as ideias de um sábio se distinguem das ideias de um imbecil. O materialista confunde o efeito com a causa, o piano com o pianista, e sem conhecer todas as leis da matéria nega as leis do espírito. Os sentidos nada veem além de corpos limitados;

a alma forma a abstração e as ideias universais, as ideias de verdade, bondade, beleza, de Criador, Criação, de infinito e justiça, progresso, Filosofia do Direito, abnegação, martírio e virtude. Se nada há além da matéria, como é que o materialista reclama para si a justiça e a moral? Se o homem é somente matéria, terá o progresso dos minerais e plantas; mas não o progresso moral e social testemunhado pela História Universal.

À negação da alma segue-se a negação de Deus; porque, se não existe efeito espiritual, também não existe causa espiritual: e se não existe a unidade do eu, também não existe unidade no julgamento e na razão humana. Se existe o finito deve existir o infinito; e se existem os infinitos relativos como o infinito do espaço, do tempo e da razão, deve existir um infinito absoluto, que é Deus; infinitamente absoluto e absolutamente infinito, e em conceito de tal é estudado pela filosofia moderna. Deus, espírito e matéria constituem a trindade filosófica. Tudo está em Deus, mas não tudo é Deus; como a lua não é o sol, mesmo refletindo a sua luz.

Deus está em toda a parte; sendo assim não está fora do mundo, como é admitido que a circulação do sangue não esteja fora do corpo. O diabo existe ou não existe. Se existe, resultam dois deuses, um bom e outro malvado. O deus malvado tem um poder maior do que o deus bom, porque, sendo católica somente uma décima parte da humanidade, o resto vai para o suposto inferno, e dentre os católicos também irão para lá os pecadores impenitentes, resultando que Jesus só conseguiu redimir uma décima parte; e se foi dito que a Criação é uma oferenda gratuita de Deus, não é justo criar seres para serem desgraçados.

Os espíritos persistentes na maldade são o diabo, e enquanto não se arrependem carregam consigo o próprio purgatório e o próprio inferno: como acontece neste mundo ao homem que,

dominado por seus Vícios, entra em graves perigos e compromissos, dos quais só sabe sair pelo crime ou o suicídio.

A comunicação dos espíritos é admitida pela Bíblia e pela Igreja católica. Diz-se que Samuel apareceu depois de morto ao rei Saul, e os anjos, embaixadores celestiais desciam do céu com qualquer pretexto para falar com os profetas, e para anunciar a Maria a encarnação de um Messias. Na Idade Média os aparecidos ou almas penadas deixaram muitos milhões para a Cúria romana: e essa empresa postal de além-túmulo está em decadência.

O catolicismo diz que as comunicações espíritas são diabólicas. Então deve confessar que o suposto diabo é um cavalheiro muito honesto e bem educado; porque quando se comunica, dá ótimos conselhos e predica uma pura moral: de maneira que trabalha contra si mesmo; a não ser que esteja em vésperas de se arrepender e voltar para o céu, onde parece que estaria com maior comodidade.

Alguns, segundo os Evangelhos, diziam que João ressuscitou dentre os mortos, outros que Elias tinha aparecido, e outros ainda, que um profeta dos antigos ressuscitara. Jesus disse: “É verdade que Elias veio, mas ninguém o reconheceu, e aquele que não nascer de novo não poderá ver o Reino dos céus”; isto prova que não é possível pular da infância para a velhice sem passar pela idade viril, e sem os graus ascendentes não é possível chegar-se à perfeição.

Vê-se que o Espiritismo é científico, religioso e fenomenal. É científico porque admite a pluralidade dos mundos habitados, a ciência única, a que aspiram também a Metafísica e o progresso infinito. O religioso admite a crença na imensidão de Deus, a felicidade gradual e eterna, segundo os méritos, castigos e mundos relativos ao grau de adiantamento; as máximas evangélicas e de

moral universal, visto que a moral nada mais é que uma caridade para com todos, é o perdão das injúrias e a união do sentimento religioso com a ciência, adorando a Deus em espírito e em verdade. O fenomenal ou experimental apoia-se na relação existente entre vivos e mortos; porque no Universo tudo está relacionado, espírito e matéria, e não existem vazios ou fossos para pular de um gênero a outro gênero; isto é demonstrado pelo zoófito, laço de união entre o vegetal e o animal.

Hoje, no possível, prescinde-se do Espiritismo fenomenal para deixar espaço ao desenvolvimento científico, dando maior relevância ao reinado da suprema e reta razão, que é laço de fraternidade e coesão que nos une com os livre-pensadores; pois que todos nós caminhamos juntos para destruir os sofismas, os erros, as preocupações e a imperativa ignorância de um despotismo sagaz, escuro, tenebroso e dogmático. (Nutridos aplausos).

Jesus dizia: “Devo ainda dizer-vos muitas coisas, porém não podeis assumi-las agora; mas quando vier aquele espírito de verdade, ensinar-vos-á toda a verdade”. O Espiritismo é o espírito de verdade pressentido por Jesus: e por isso Allan Kardec escreveu seu livro intitulado *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. A doutrina dessa verdade reflete-se na democracia, e à força de ciência, de martírio e de trabalho, estende-se como a aurora por todas as esferas da inteligência e do Direito social e político.

O Cristianismo foi ensinado, e demorou 19 séculos para se implantar nas instituições e para se depurar na prática como ciência social, e para se despojar como o diamante da camada terrosa dos abusos e falsificações que enevoavam o seu brilho.

Na Antiga Índia encontramos os germes do Cristianismo, de todos os sistemas filosóficos da Grécia, e de todo o ritual e organização monacal que foi depois reproduzida pela Igreja

romana.

Na Antiga Índia vemos a Trimurti ou Trindade de Brahma, Vishnu e Shiva. Lá os patriarcas proclamaram a unidade de Deus: na segunda época os sacerdotes admitiram a Trindade e na terceira época os reis apoiados no sacerdócio admitiram o politeísmo. Krishna, 4400 anos antes de Cristo, nasceu de uma virgem e foi perseguido e assassinado por efeito da sua reforma. Não somente Krishna, mas muitos reformadores da Índia tiveram uma história bem parecida com *a posterior* biografia de Jesus Cristo; isso porque em toda a parte as mesmas causas provocam efeitos iguais. Desejando analisar os precedentes religiosos da Índia, é preciso ler o livro intitulado *O Catolicismo antes de Cristo*, resumo das obras de Luis Jacolliot e de outros orientalistas, do Visconde de Torres-Solanot.

O combate entre o bem e o mal, e a transmigração do espírito foram os temas das primeiras indagações dos povos envoltos nas trevas do desconhecido. Na filosofia da Índia apresenta-se Shiva o destruidor; na Pérsia o tempo sem limite produziu Ormuzd, Ser puro, e o Ser diabólico foi chamado de Ahriman.

No Egito, Osíris era o princípio luminoso e ativo, como Adão; Ísis era o princípio passivo, como Eva, e Tifo o principal destruidor, como a serpente e o diabo. Pitágoras admitiu a mônade espírito perfeito, e a díade, matéria ou imperfeição. Platão reconhecia a pluralidade de existências.

Os Gnósticos, filósofos que trataram de subordinar o Cristianismo às suas teorias, defendiam que as emanções de Deus, quanto mais distantes mais imperfeitas, e diziam que Demiurgo é o último Ser do mundo superior, e que o verbo, a ideia que Platão concebeu, e foi agregada ao Evangelho de São João, redimiu os homens.

Manes admitia também a existência do princípio bom e do princípio mau; e os poetas traçaram esta rivalidade em seus poemas, e as óperas *Fausto* e *Roberto o Diabo* representam-na com os encantos da música. Um diabo que canta é mais simpático do que a serpente que enganou os nossos primeiros pais. São Tomé de Aquino admitia três almas no homem; a racional, a sensitiva e a vegetativa, e Moisés, no Gênese hebreu distinguia a alma, o eu Nichema, o sopro celeste Bouah e o laço da alma com o corpo Nephesch; de maneira que não damos um passo na História da Filosofia sem encontrarmos uma verdade do Espiritismo; como não existe Geometria possível sem a ideia do triângulo.

A moral do Espiritismo é a bondade, a tolerância, o amor, a caridade, o estudo, o trabalho, a inclinação para todas as instituições que realizem a liberdade, igualdade e fraternidade, o triunfo da reta razão e do livre pensamento y a abolição de todos os abusos, erros, crueldades e monopólios que embrutecem as nações. O Espiritismo eleva a dignidade da mulher, tão vilipendiada pelas religiões positivas, que a consideram escrava do homem e causa da sua degradação: e, não obstante, o sacerdócio tem procurado que a mulher seja o sustento e a restauradora dessas mesmas religiões. A mulher deve ser ilustrada para conhecer a importância do verdadeiro amor e os deveres de mãe. Algumas mulheres célebres pelo talento ou heroísmo demonstram-nos o que poderiam ser as suas outras congêneres protegidas por uma educação seleta e moral. Eu, que sou o náufrago do Professorado, em luta sempre contra as ondas da reação, do favoritismo e da hipocrisia docente, e que tenho na minha Folha de estudos, e no carinho do povo, a única taboia de salvação, ao lembrar-me de minha irmã freira, considero a triste solidão dessas mulheres que por alcançar um maior grau de glória no céu, são inúteis para a própria família e a sociedade, e se

transformam em estátuas de mármore, visto que não possuem vontade, nem carinho, nem autorização eclesiástica para distinguir, com o estudo, a verdade do erro; mas em troca possuem o privilégio de que a lei não penetra no lúgubre abismo dos seus conventos. Atravessamos uma crise histórica; leis, instituições, doutrinas, comparecem diante do tribunal da razão. O homem, armado com a análise científica moderno, vai penetrando até o mais profundo do pensamento, e surpreende os segredos da natureza nas ciências físicas, e empreende velozmente o voo da liberdade nas ciências morais, e redime a dignidade do cidadão nas ciências políticas, e adivinha o passado com a crítica histórica, e pressente o porvir em suas aspirações, e simplifica a Metafísica com um raciocínio ilustrado, e combate corajosamente contra a maligna influência do erro, da impostura e do despotismo. (Muito bem. Aplausos).

O Congresso jurídico ilustrou profundos problemas do Direito; e se a Igreja católica no Concílio de Niceia proclamou os direitos de Deus, e na Idade Média os direitos do sacerdócio, nós, com maior razão, proclamamos neste Congresso Espírita os direitos do homem e a dignidade do espírito humano.

Todas as nações saúdam Barcelona, que reflete nas ondas do mar os triunfos da sua admirável indústria; e todos os amantes do progresso a aplaudem, porque por sua vez, estes Congressos refletem as conquistas da liberdade, da razão e da ciência. (Aplausos).

Saúdo o ilustrado jornalismo desta nobre cidade pela prodigiosa atividade que desenvolve para dar publicidade a todas as ideias que fulguram no firmamento da aurora filosófica e literária da nossa pátria. Vislumbramos como Colombo a praia do porvir; e se ele, do convés do seu navio gritava: terra, terra! — nós

exclamamos de Barcelona: liberdade, igualdade, fraternidade: a Deus pela caridade e pela ciência. Tenho dito. (Nutridos aplausos. O orador é cumprimentado).

O Sr. Presidente: Senhores: São horas, infelizmente, de encerrar a sessão. Amanhã às nove horas da noite continuaremos apresentando, como foi visto esta noite, as verdades fundamentais do Espiritismo. Será um dos primeiros em usar da palavra o nosso querido irmão, representante dos espíritas romanos, o ilustrado Dr. Hoffman. Peço ver em nós única e exclusivamente a boa vontade para explicar o ABC de uma ciência que começa a se apresentar em público, fazendo ver o quanto pode esta nossa doutrina. (Aplausos).

A sessão foi encerrada às 11h20 da noite.

2ª sessão pública

(9 DE SETEMBRO DE 1888)

Começou às nove horas da noite, sob a presidência do Sr. Visconde de Torres-Solanot.

O Sr. Presidente. Abre a sessão. O senhor Secretário servir-se-á proceder à leitura da ata da sessão anterior e dos documentos depositados sobre a mesa.

O Sr. Secretário Sr. San Benito lê a ata, que foi aprovada. Depois lê as adesões pessoais ao Congresso, cuja lista insere-se em outro lugar, e o seguinte telegrama:

Alcoy, 8, 6h30 da tarde.

Sr. Visconde de Torres-Solanot.

O Centro Paz, constituído em banquete, saúda o Congresso espírita – O Presidente, Roig”.

O Sr. Presidente. Agradeço, em nome do Congresso, a saudação dos nossos irmãos de Alcoy. O Sr. Secretário terá a bondade de ler a comunicação recebida da Comissão organizadora do Congresso de Amigos do Ensino Não-Religioso.

O Secretário Sr. Casanovas, lê o seguinte:

À COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONGRESSO DE AMIGOS DO
ENSINO NÃO-RELIGIOSO AO CONGRESSO INTERNACIONAL

ESPÍRITA REUNIDO EM BARCELONA

Cidadãos delegados: Saúde e Fraternidade. O dever sagrado do companheirismo impulsiona a esta Comissão organizadora a enviar-vos um fraternal e carinhoso abraço e saudação nos solenes momentos em que estais reunidos para celebrar um importante Congresso da escola Espírita. E ainda é maior, se possível, a nossa felicitação pelo ato que verificais, ao ver em vós, como nas outras escolas racionalistas, esforçados líderes dispostos a trabalhar pela livre manifestação das diferentes ideias que têm por base a liberdade e a fraternidade, e que as vossas atividades, como os vossos elementos, dirigem-se de comum acordo a evitar que as seitas religiosas positivistas imperem sobre as nações e as levem a reboque do obscurantismo e a enganação, em vez de guiá-los no seguimento da Filosofia moderna, da Ciência empírica e do Progresso, precursores dessa gloriosa emancipação que deve fazer do homem um ser verdadeiramente livre, instruído e perfeito; e da Humanidade um conjunto de irmãos que se amam e sabem respeitar seus direitos sem exploração, caminhando e sustentando a fraternidade cosmopolita.

Este ato que realizais vem, como os outros que se verificam em todas as regiões pelos amigos da liberdade, a servir de desafio para aqueles que, tendo a Teologia religiosa por parapeito, pretendem impedir que a luz da sabedoria se espalhe por todos os âmbitos do planeta que nos dá vida, e que os princípios que já estão se propagando, devido aos estudos constantes do homem e às múltiplas manifestações do Progresso, não penetrem como almejamos, no cérebro dessas nações que ontem gemiam diante da fogueira acesa pela tocha fanática do verdadeiro herege, e que hoje, auxiliado por essa luz resplandecente que Gutenberg enviou lá da Magúncia, vai-se irmanando com a democracia, com o laicismo e com a livre emissão do pensamento.

Companheiros delegados: Que nas vossas discussões impere a luz e a fraternidade cosmopolita é a aspiração desta Comissão organizadora; que trabalheis sem descanso para que o ensino não-

religioso se espalhe por todas as nações; que nos empresteis o vosso valioso apoio e assistência para o Congresso próximo de Amigos do Ensino Não-Religioso, a fim de terem notável representação todas essas diversas escolas filosófico-sociológicas, e que os delegados das outras nações, em nosso nome, sejam portadores das nossas simpatias, da nossa fraternidade e das nossas aspirações a praticar a Solidariedade com eles, e que não esqueçam que os seus irmãos na Espanha também estão com fome e com sede de justiça, de Ciência empírica e de Emancipação Universal.

Desejando-vos saúde e acerto nas vossas deliberações, enviam-vos um fraternal e carinhoso abraço ao brado de Viva a liberdade de pensamento!

Viva a emancipação social!

Abram alas ao progresso em todas as suas manifestações e com todas as suas conseqüências!

Pela C. O.

O Secretário de mesa,

J. Cuadrado.

Setembro 9 de 1888.

(Uma salva de aplausos acolhe a leitura da comunicação acima).

O Sr. Presidente. O Congresso Espírita agradece altamente esse tão valioso cumprimento, promete à Comissão organizadora do Congresso de Amigos do Ensino Não-Religioso tender sempre de completo acordo à conquista dos comuns e civilizadores ideais, e procurará enviar representação espírita a esse Congresso. O Presidente Sr. Leymarie dignar-se-á ocupar a presidência. (Dirigindo-se a ele:) *Je vous en prie.*

O Presidente, Sr. Leymarie (falando francês). Tem a palavra o Sr. Moreno Acosta.

O Sr. Moreno Acosta. Senhores: Nada mais longe do meu ânimo, que tomar parte nas transcendentais deliberações do

CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA. Tenho pouco hábito de falar em público, e por isso mesmo, fico perturbado, a minha imaginação fica entorpecida e os meus escassos dotes para a oratória enfraquecem; daí a falta de eloquência nas minhas palavras, e a imensa distância que me separar de vós; tudo isso faz ver claramente a necessidade de indulgência que precisa sempre a minha humílima personalidade.

Senhores: Seja o meu primeiro cumprimento para Allan Kardec, para esse Sol formoso e sempre radiante, que lá do alto emite os seus raios de luz em torrentes sobre nós, e muito especialmente sobre os beneméritos organizadores deste Congresso, dignos apóstolos da doutrina, esforçados campeões e entusiastas guerreiros do progresso, na sublime crença na imortalidade.

Outro cumprimento eu o devo também a todas essas damas que embelezam este recinto; que com só respirar perfuma este ambiente, e cujos rostos constituem as flores mais formosas da seara do amor, a seiva da árvore social, o néctar da família; e com elas cumprimento a humanidade inteira, unida a mim de um modo racional, perfeito, indissolúvel, e até irrenunciável, pelos estreitos vínculos da fraternidade universal.

Ultimamente, tirei o chapéu também diante desses luminares da ciência, que do estrangeiro vieram até nós, trazendo um cabedal de conhecimentos, um mar imenso de premissas, que sem dúvida saberão traduzir em conclusões os sábios delegados deste Certame internacional, dentre todos os quais eu, pobre átomo da terra, ocupo o último lugar no terreno das ciências, no mundo das ideias, e com relação à sublime, magnânima e sempre grande crença veneranda do Espiritismo.

Entretanto, divagando a minha inteligência, vacilante o meu cérebro, errante a minha inspiração neste momento, como

borboleta esvoaçante que de flor em flor liba as essências mais preciosas, quando já estou rendido a tanto discorrer, fixo a minha atenção em um tema bem conhecido, aliás, porém nunca suficientemente depurado; em um tema que em vão têm tratado de definir todas as filosofias e as escolas todas, sem que nenhuma, antes do Espiritismo, tenha colocado Deus no trono que corresponde a Ele por consciência e por justiça. Este é o meu tema: Deus, seu templo e seu altar.

Vou falar-vos, senhores, de Deus, como é reconhecido pela escola espírita; desse ente metafísico que as religiões positivas levam e trazem como se fosse um brinquedo para seus folguedos; desse ponto de partida de todas as religiões, de todos os tempos, de todas as gerações, das sociedades todas, e de todos os homens, desse Ser absolutamente infinito e infinitamente absoluto, Causa de todas as causas, Grande Arquiteto do Universo.

Vou falar-vos do próprio modo, do templo que é reconhecido por nós para Deus, muito mais suntuoso do que a mais elevada basílica ou catedral; e por último, do altar no qual ele é adorado por nós, que é bem diferente, aliás, daquele que lhe é consagrado pelas religiões positivas e pelos sectários do Papado; nós não precisamos dessas góticas catedrais, que servindo um dia para mesquitas, tão facilmente os romanos acomodaram para seus cultos, nem tampouco desses altares refulgentes, ornados de luzes e de flores tecidas pela mão do homem, ou fabricadas pelo artista, dirigido pelos partidários da idolatria moderna.

Antes, porém, de entrar em matéria, devo consignar aqui que em modo algum estou tratando de atacar nenhuma religião; não trato de ferir consciências, sempre livres, a meu modo de ver; também não quero interessar os sentimentos do indivíduo, porque a escola espírita, à qual me honro de pertencer, não busca

adeptos pela imposição; a escola espírita não é daquelas que lançam anátemas contra a consciência; a doutrina espírita é abraçada pelo convencimento, baseia-se no maior livre-arbítrio, e tem como limites os dilatados horizontes do pensamento humano, se possível fosse assinalar fronteiras para a razão, as ciências e o progresso indefinido.

O Espiritismo não aceita imposição de nenhuma escola, e também não se impõe a nenhuma religião, seita ou crença. O Espiritismo impõe-se por si só, como a gravidade se impõe aos corpos, qual lei moral necessária para as humanidades que já se foram como para as sociedades que conosco são coexistentes, e para as futuras humanidades que venham a nos suceder.

O Espiritismo tem como lema fundamental a Liberdade e o Progresso; e assim vive e se desenvolve ao amparo da razão; o Espiritismo nada admite que não esteja em harmonia, que não se encontre em idêntica e imediata relação e afinidade com as consciências das nações livres.

Conste, portanto, que não vimos aqui desembainhar espadas contra religião ou crença determinada; não precisamos de armas de combate, o Espiritismo não precisa de armas de defesa, quando a ciência o sustenta e a razão o confirma. Aquele ergo adulterado das antigas teologias, hoje é transformado em axiomas assentados pelas ciências exatas, físicas e naturais; aqueles dogmas de ontem foram hoje rasgados com o telescópio pela astronomia; a ciência encarregou-se de transmitir os nossos assertos, e de imortalizá-los diante da História.

Entro, pois, na matéria.

Deus, sob o critério racional espírita, é aquela causa primeira, criadora, origem das origens, ponto concreto, preciso e matemático, de onde partem e a onde se dirigem as espirais do progresso. Deus é o vértice superior do triângulo da criação; seja-

me permitida a metáfora: Deus é o pólen da criação universal.

Na ordem moral, Deus, é o que no físico a gravidade e o que no matemático a lei das forças; é a força primeira geratriz. Portanto, o Deus que o Espiritismo aceita é aquele que cria as almas para a evolução; não aquele Deus vingador que as lança nos infernos, o qual, para os romanos, é perfeitamente compatível com chamá-lo de Pai, depois e não obstante ter postergado seus filhos. Não, senhores, não; Deus é a síntese de tudo o que é grande, de tudo o que é belo, de tudo o que é sublime, de tudo o que é ideal, de tudo o que é exato; e sob estes conceitos é reconhecido como Arquiteto do Universo. Conste, portanto, que Deus não é aquele Deus terrível em cuja presença as colunas do firmamento tremem; Deus não é terrível, Deus não pode ser terrível, senhores.

Definido o Deus que os espíritas reconhecemos, passemos a ver em qual templo nós o adoramos. Sob um quádruplo embasamento elevam-se, graciosas e soberbas, quatro esbeltas colunas assentadas nos pontos cardeais da Terra; isto é, no Oriente e no Ocidente, no Setentrião e no Meio-dia; de onde resulta que a cúpula que coroa tão suntuoso edifício, é essa abóbada celeste recoberta de infinidade de mundos e de sóis, que em harmônicas constelações ou famílias, vêm um dia e outro dia e todos os dias de um modo tão regular, preciso e matemático, descrevendo as suas órbitas e regulando os seus movimentos, e essa exuberante vegetação universal, esses milhares de milhares de florzinhas que tapizam os distintos solos planetários, com sua variedade de aromas e essências, que elevam até o alto como incenso santo que a natureza inteira nas asas dos ventos transporta até o trono da divindade, velado para os olhares profanos dos homens por multidão de sóis, que por sua vez, presidem os sistemas planetários todos: esse é o nosso templo.

Por último; disse que falaria acerca do altar no qual adoramos nosso Deus. O altar destinado a Deus reside na consciência; ele reside lá onde faculdades do sentir, do pensar e do querer têm assentamento; lá onde a alma evolui impulsionada pelo amor e a ciência; lá onde os atos ficam todos fotografados, constituindo a história ininterrupta das sucessivas existências da alma. Nós entendemos como mais digno da divindade o altar que lhe é consagrado pela ciência, e não esses altares dourados, repletos de fendas dentro das quais se escondam figuras de santos e de santas em atitudes de piedade, todas interpretadas, mais ou menos acertadamente, pela inspiração escultórica do artista.

Estão sobrando também os atributos de que se supõe cercada a divindade, porque na verdade, a razão resiste a amalgamá-los; a razão não concebe como pode ser aceito Deus como Pai, e deixar de sê-lo para transformar-se em juiz dos próprios filhos, e pior, inexorável; a inteligência não compreende bem a sabedoria da divindade e esse código de penas futuras e recompensas do lado de lá do túmulo, com valor executivo segundo o capricho do representante de Roma. Pode Deus ser ao mesmo tempo Juiz e parte do litígio, que no terreno legal é perfeitamente contraproducente? E apesar de tudo trata-se de aceitar isso como lógico pelos sectários do romanismo. Poderia existir um absurdo maior do que aceitar como sendo boa e lógica a espécie de que os delitos e faltas cometidas são julgados aqui, de modo tão leviano, e que a sentença pronunciada pretende ter força executiva do lado de lá do túmulo?

Eu vim aqui falar-vos do Espiritismo, porque é crença que acho mais conforme com o meu raciocínio. E eu não poderia ser suspeito quando vos falo do Espiritismo, porque faz perto de vinte anos que aceitei esta crença como sendo boa e cada vez mais a encontrei dentro da ciência, dentro da moral e da fraternidade

entre as nações. E ainda mais: Eu fui teólogo, fui aprovado nos meus estudos de Teologia, que estudei com o célebre Padre Gago; porém logo que abandonei aqueles estudos, a que o autor dos meus dias me impulsionava, logo que percebi que as práticas de moral que tantas vezes tinha ouvido pregar do púlpito, não eram levadas à prática por aqueles que as pregavam, eu abandonei o romanismo, afastei-me do caminho que me fora traçado e vim me colocar frente a frente com as doutrinas do meu mestre.

Porém, eu não sou um apóstata; eu não posso ser um apóstata, já que não estava ligado por votos nem por promessas, e aquilo que foi aceito tendo por base uma imposição à consciência não pode obrigar ninguém. Eu aceito o Espiritismo porque com ele aceito uma liberdade absoluta, que reconhece o livre-arbítrio ao homem. Agora no terreno das conclusões, pergunto-vos: Qual Deus parece-vos maior, esse que do alto fulmina raios e centelhas, anátemas e postergações contra os seus próprios filhos, ou esse Deus todo majestade, todo grandeza, todo bondade, e que não se impõe às almas, antes ao contrário, abre a elas as vias da evolução, e busca somente para elas nas sucessivas existências o aprimoramento do espírito? Qual religião é a que poderemos aceitar como sendo melhor, aquela que tem por base a imposição, ou aquela que facilita com o livre-arbítrio, a ciência, a caridade e o amor, os roteiros para a evolução? Escolhei.

E se falamos de um templo para Deus, por qual dos dois vos inclinai, por aquele que é todo sacramental, todo arcano, todo dogma e todo misticismo, ou aquele outro que a ciência vos mostra, onde tudo é majestade e grandeza, templo de luz que se estende do Oriente ao Ocidente e do Setentrião ao Meio-dia?

Nós não temos preferências na humanidade; nós não temos concessões alcançadas com o ouro da Terra; para o Espiritismo

não existem fronteiras nem diques, não existem preferências de tipo algum: aqui só existe fraternidade e progresso, e do mesmo jeito cabem dentro dos nossos ideais o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, o grande e o pequeno; aqui não existem mistérios, aqui a ciência deixa-se ouvir em tons tão variados, que todos a compreendem; aqui só existe o que se vê; nada reservamos atrás da cortina.

E se já vos descrevi qual é o nosso Deus, e como é o seu templo, permiti-me que vos diga duas palavras somente do altar no qual ele é adorado por nós. O altar da divindade reside na consciência, na própria alma, no eu consciente e responsável. A evolução é uma lei moral que gravita sobre todos nós de um modo constante, preciso e uniforme, e ela nunca será pesquisada o bastante, apesar de estar baseada nos mais altos princípios de justiça, nos mais elevados princípios de sabedoria, constituindo por assim dizer o fiel da balança da criação, e, portanto, de indiscutível influência sobre as nações e as humanidades; nas sociedades e nos homens de todos os tempos, de todas as eras, das épocas todas e de todas as gerações; contrastando com as mil e mil concessões das religiões positivas em favor dos potentados, aos que prometem ulterior recompensa; assim, pois, sob este ponto de vista, não só é deficiente, mas também falsa de toda falsidade a lei, e do mesmo modo seus princípios religiosos e sociais.

Para concluir. Se o Deus que nós admitimos é o que fica descrito ainda que em largos traços; se o seu templo é a obra total da criação universal, e se o altar reside na parte essencial do ser, é preciso apagar para sempre aqueles lugares de postergação, temporal ou perpétua, que relegam as almas ao esquecimento do Deus verdadeiro.

Se o mais vulgar pai na Terra, tanto nos seres humanos como

mesmo nas bestas, daria a vida inteira pelos seus filhos, que Deus, que pai, que exemplo de bondade é esse que tão retamente quer administrar a justiça, não só postergando os próprios filhos, não só eliminando-os da casa paterna, como também impondo a eles os maiores tormentos, as punições mais atrozes, os suplícios mais enormes?

Este é o dilema. Vinde comigo a um lugar afastado, onde o sal não influa sobre o vosso cérebro, e nem os homens tratem de se impor sobre as vossas consciências; vinde comigo aos cumes da montanha mais alta da Terra, acompanhai-me até a crista mais alta dos Andes, e uma vez de posse daquele terreno virgem, onde o pé humano não deixou ainda a sua pegada, olhando para um lado e para o outro, para cima e para baixo, contemplando a natureza daqui e o quadro de mais adiante; lembrai então o Deus que eu vos descrevi, comparai-o com aquele que é dosado na Eucaristia, e com a mão direita sobre o coração, todo cheio de amor e de verdade, de grandeza e de ciência, inflamados de caridade... escolhei. Tenho dito. (Aplausos).

Um Delegado. Peço a palavra.

O Presidente Sr. Torres-Solanot. Não é possível conceder-se a palavra porque os turnos para a sessão de hoje já estão assinalados, segundo foi combinado pelo Congresso. Se o senhor delegado deseja usar da palavra em outra sessão, pode fazer o pedido na Mesa, que é a encarregada de formar os programas.

O Presidente Sr. Leymarie (em francês). Algumas palavras aos dignos representantes da imprensa que assistem a esta sessão. Apraz-me dizer-lhes que um dos diários que são publicados em Nantes, um dos melhores redigidos da França, defende a doutrina espírita. O seu diretor, Sr. Fauvety, homem eminente, de mais de setenta anos de idade, que estudou filosofia

com Sr. Gambetta, de quem era grande amigo e que lhe pedia conselhos, e a quem honra também o Presidente da República Francesa com a sua amizade, é um dos mais entusiastas da ideia liberal.

Respeitáveis jornalistas, vós podeis assim dizê-lo nos vossos diários da nobre cidade de Barcelona, hoje que merece tantas simpatias. E acrescentarei também, para a imprensa barcelonesa, que um dos homens mais eminentes da Itália, Tremeschini, já defendia o Espiritismo em 1848, quando aquela nação estava ameaçada pela Áustria. Aquele patricio encontrava-se na época em Veneza, onde morava desde alguns anos atrás, sendo muito respeitado pela classe popular, que era completamente adicta a ele. Hoje reside em Paris, trabalha em prol da causa geral, e é um dos mais corajosos defensores da democracia e do livre-pensamento. (Aplausos).

Com a palavra o Dr. Hoffman.

O Dr. Hoffman. (Lê o discurso seguinte em francês).

DA NECESSIDADE DE UMA FEDERAÇÃO ESPÍRITA UNIVERSAL E DOS SEUS OBJETOS MORAL, SOCIAL E POLÍTICO.

Senhoras e senhores, irmãs e irmãos de crença: Em nome da Academia Internacional de pesquisas espíritas e magnéticas de Roma, em nome dos espíritas italianos, eu vos saúdo, ao me unir a vós entre os filhos da nobre e generosa Espanha.

Perdoai queridos irmãos, se um dos mais humildes adeptos do Espiritismo vem elevar a sua voz dentre vós, ilustres e corajosos apóstolos da Doutrina; porém desejo expressar publicamente o meu respeitoso reconhecimento, pagar tributo de admiração à Junta Organizadora do Congresso Internacional; ao seu digno Presidente Visconde de Torres-Solanot, a quem especialmente dedico a minha sincera e calorosa homenagem; a todos aqueles, enfim, que se

dignaram a nos convidar para compartilhar os seus trabalhos, oferecendo aos espíritas o caminho mais seguro e natural para se congregarem sob as bandeiras do Progresso e da Caridade.

A Caridade! Mas essa não é a palavra última de todos os guerreiros ardorosos do Progresso sublime? Não é o grito de união de todos aqueles que compreenderam o objeto da vida, chegando como missionários da verdade para iluminar a nossa trilha? Eu poderia dizer como Rückert: *So stark ist Liebesmacht, dass selber Gottliebeigen Dahin, wo er geliebt sich mus neigen*. “É tão grande o poder do amor, que o mesmo Deus, amor supremo, fica obrigado a se inclinar para onde sente ser amado”.

Tudo, pois, nos convida a nos amarmos, a nos protegermos mutuamente: a necessidade do Progresso; a de abrir as nossas almas a toda aspiração grande e nobre; a solidariedade que nos une; a falta que todos fazem a todos; o nosso coração, a nossa razão, até o nosso interesse.

Oh! Que belo seria que, enquanto os adversários caçoam dos nossos esforços, da nossa tendência, viéssemos todos os espíritas de boa vontade nos dar as mãos, nos associarmos sincera e lealmente, sem segundas intenções, para trabalhar doravante com o mesmo ardor em idêntica tarefa: anunciar a Verdade àqueles que a ignoram, iluminar o caminho do porvir àqueles que não veem ainda em torno a si outra coisa além de abismos e trevas! Essa missão deve nos decidir a deixar o nosso isolamento, a nos agruparmos em apertado feixe, a trabalhar incessantemente, sem temor e sem desfalecimento, com amor e confiança; lembrai-vos, meus amigos, do apólogo do feixe de flechas. E a nossa labuta não terá adquirido o desenvolvimento esperado, até o dia em que todas as iniciativas hoje dispersas, tenham se associado para pretender, em comum acordo, idêntico triunfo.

Eis aí de onde nasce a necessidade de nos unirmos, de nos confundirmos num mesmo sentimento de concórdia e de tolerância: eis aí o dever mais estrito de todos os espíritas que amam verdadeiramente o Progresso e a Verdade, de todos os homens de coração que lastimam as penalidades da existência, dos filósofos, dos

filantropos, dos legisladores; eis aí também o desejo que o nosso venerado mestre Allan Kardec pedia sempre à Providência para ser cumprido.

União, Fraternidade, Solidariedade, Liberdade: essas são as nossas aspirações para o futuro da sociedade inteira; e nós, espíritas, devemos fazer o possível para a sua realização, imperativo dever nosso, com todos os recursos do nosso espírito, as forças da nossa inteligência, o calor dos nossos corações, e, acima de tudo, com o nosso exemplo.

Na luta do Progresso contra a ignorância, contra a superstição, contra o orgulho, contra o ceticismo, os bárbaros ataques de instituições caducas e putrefatas, o dogmatismo da Ciência oficial, a intolerância das Igrejas constituídas, as invectivas dos adversários da liberdade de consciência, os deboches dos ignorantes e dos invejosos, as artes vis dos infelizes que semeiam desconfianças e ódios entre nação e nação, entre irmãos e irmãos... Nós responderemos com o sublime e imperturbável exemplo dos nossos sentimentos de solidariedade fraternal, nossa tolerância, nosso amor inabalável a tudo que é belo, verdadeiro e bom. Entre espíritas não existem nacionalidades; não existem franceses, espanhóis, russos, alemães, ingleses ou italianos; para os espíritas não existem sequer selvagens, porque o nosso ideal nos faz dispensar limites e fronteiras, essas rêmoras para o cumprimento da grande obra começada um século atrás por nossos irmãos da França; todos nós nos sentimos filhos da grande nação terrestre, pátria grandiosa, mas que por sua vez, no grande Todo da Vida, é só uma humilde e pequena parte da República Sideral. (Aplausos).

Mas vamos ao que nos toca mais de perto.

Do que deve se ocupar este Congresso Internacional? De estabelecer, tal vez, o caráter científico do Espiritismo? De estudar tal vez os mais seguros e expeditos meios para espalhar as suas crenças?

Não; nem uma coisa nem outra.

No aspecto científico, o Espiritismo considerado como ciência positiva, já tem a aprovação oficial, graças aos trabalhos eminente e

rigorosamente experimentais dos nossos primeiros sábios. Os fatos não são opináveis, senhores, e as pesquisas especulativas de Wallace, de Crookes, de Zöllner, de Aksakof, de Flammarion, da Sociedade Dialética de Londres, etc., já conseguiram caráter como verdade axiomática. O primeiro ponto está, pois, fora de discussão.

Ocupar-nos-emos da segunda?

Porém, caros senhores e irmãos, “a nossa Doutrina que não admite como princípio nenhum outro além daqueles que foram demonstrados até a evidência ou aquilo que a observação mostra logicamente; que alcança todos os ramos da Economia Social, aos que proporciona o apoio das suas descobertas próprias; assimilar-se-á sempre, e esta é a ordem natural das coisas, a todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem, achegadas à verdade prática e desembaraçadas de utopias; sem isso, suicidar-se-ia; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu providencial objeto”.

“O Espiritismo — disse o Mestre — caminhando com o Progresso, nunca pode ser afastado, porque, se novas descobertas lhe mostrassem que estava em um erro, por qualquer detalhe, modificaria aquele detalhe; se uma nova verdade lhe fosse revelada, aceitaria aquela verdade.” O Espiritismo sempre estará à tona, brilhante e puro, porque foi semeado por Deus e essa semente jamais poderá ser destruída pela mão do homem. As grandes doutrinas, quanto mais verdadeiramente justas, mais verdadeiramente fortes.

Pois bem, caros irmãos, uma nova fase vai surgir para a nossa doutrina; novos horizontes vão brilhar aos nossos olhares. Quase acabada a fase experimental, de hoje em diante devemos nos preocupar pela fase social: é preciso edificar uma nação nova, é preciso reconstruir e regenerar o passado, trabalhar na renovação do mundo, no rejuvenescimento do organismo viciado e já quase caduco deste ser enfermo e fraco chamado de Humanidade; é preciso opor-se com coragem à correnteza que ameaça nos sugar para as profundezas do niilismo, do mais espantoso marasmo que combate a sociedade dos nossos tempos; é preciso derramar por igual, sobre todas as rodas da engrenagem social, a seiva ardente e fecunda que

destila a nossa doutrina. Eis aí o papel que nos é imposto neste momento.

“Este papel — diz Fauvety — quando nele chegamos a reparar e queremos desempenhá-lo com objeto definido, consiste evidentemente em introduzir na circulação social, seja pela educação, a imprensa, a tribuna, seja pela ação legislativa, administrativa e governamental, elementos orgânicos, princípios assimiláveis, dirigidos e apropriados para modificar as correntes das suas forças, o estado geral do seu organismo, de modo que possamos influenciá-lo em determinado sentido, que o encaminhemos por uma direção, de preferência a outra.

“Assim conseguiremos inclinar o equilíbrio para a hierarquia ou a igualdade, para a justiça ou a fraternidade; assim conseguiremos dar mais campo para a centralização ou o liberalismo, segundo formos mais adeptos da ordem ou da liberdade, segundo preferirmos esta a aquele, segundo saibamos arrastar a opinião para o nosso lado”.

É do caráter das leis da natureza e das leis da consciência, não daquelas chamadas de positivas e que foram decretadas pelos homens segundo as suas necessidades, paixões ou circunstâncias, ser universais na série de relações que abrangem; por isso, os princípios sociais que do Espiritismo como lei natural derivam, e que por sua vez abraçam o mundo moral e o mundo físico, são universais também.

Nós consideramos como essenciais para a vida social os seguintes princípios:

Ordem e Liberdade.

Hierarquia e Igualdade.

Justiça e Fraternidade.

Capital e Trabalho.

Propriedade e Mutualidade.

Solidariedade e Progresso.

Estes princípios são como a trama da qual é tecida o organismo social, e não somente podem resistir a prova da universalização sem

encontrar neles contradição lógica, sem tocar o niilismo, mas até poderiam ser elevados ao caráter de absolutos e constituir leis para a vida humana.

Porque conceber relações universais de ordem, de justiça, de trabalho, de liberdade, de solidariedade, de progresso, etc., é tanto como fixar princípios destinados a ser fonte dos direitos e dos deveres dos homens reunidos em sociedade.

E eis aqui a missão que a doutrina espírita deve cumprir em sua nova fase: esta fase, em suas aplicações práticas, deve ser eminentemente moral, social e política. É chegado o instante de mostrar a força da nossa união, dos nossos alentos, e com eles, da nossa crença.

Não somente devemos comover ideias, mas também sentimentos. É preciso primeiro que nos amemos todos, e ensinar àqueles que ainda debocham dos lirismos do coração, o quanto é verdadeira a alegria que constitui esse sentimento para o indivíduo, como a prosperidade para as nações; suprir todos os sistemas atuais de educação com sistemas novos, onde se faça predominar a lei do amor sobre todas as outras leis. É preciso falar dessas leis do amor aos nossos filhos, com os sentimentos que enobrecem, não com os preconceitos que rebaixam; é preciso habituá-los à franqueza, inspirando neles o horror a toda paixão vergonhosa; com bons elementos, não virão a serem sujeitos pervertidos. É preciso fazer as crianças compreenderem o quanto existe de verdadeiro e de bom na filosofia e na moral espírita; enquanto o homem não souber de onde vem, qual é a razão de sua existência nesse mundo e aonde vai, ou em outros termos, enquanto ele não tiver formado uma ideia verdadeira da ordem universal, não existirá sociedade realmente humana, nem nações que realizem com plena consciência o divino ideal da sua humanidade. (Aplausos).

Sob este ponto de vista, a nossa moral nos oferece grandes vantagens sobre todos os outros que a si mesmos proclamam como sistemas morais; porque aquilo que tem até hoje contribuído para conservar a moral no terreno puramente especulativo, é que as

teorias dessa ciência foram mais provas do talento dos filósofos do que deduções da demonstração de uma lei natural. Para dar à teoria moral o mesmo caráter de solidez que às teorias físicas, temos de construí-la com a mesma exatidão científica.

O método dos filósofos que fundaram teorias em Física é simples e evidente: começaram pelo exame exato dos fenômenos materiais, auxiliados pela experiência; essa foi a fase primitiva do Espiritismo. Quando Galileu descobriu que as leis dos corpos apresentavam superfícies diretas ou oblíquas, fez ver que estas leis eram princípios para as artes mecânicas e que podiam ser adotadas como teoria capaz de explicar aquilo que é observado nessa rama natural. Quando Newton descobriu a gravitação dos corpos pela atração terrestre e viu por experiência e evidência que era a lei universal da matéria, como também um princípio das artes mecânicas, veio a ser doutrina própria para explicar as aparências no sistema da Natureza, a partir daí chamada de “teoria da gravitação”.

Depois, se a análise e a indução filosófica nos autorizaram para afirmar que a probidade ou o reconhecimento de todos os direitos, a justiça ou reconhecimento desses direitos, como foi demonstrado pelo Espiritismo, são fatos que uniformemente impressionam a faculdade moral, que os aceita sem discussão, e são também como corpos tendendo ao centro da Terra que uniformemente os atrai.

Pois bem, senhores e caros irmãos, vós sabeis por acaso o que o Espiritismo significa na vida perfectível da humanidade? É justamente o centro da gravitação moral, ao que tendem a pesquisa do melhor e do mais perfeito, a incessante caminhada da humanidade terrestre para a universalização, para a comunhão das almas na santa harmonia e o concerto eterno dos seres e dos mundos. É preciso, pois, deste momento em diante, trabalhar sem temor e sem descanso, procurando realizar com todas as forças da nossa atividade moral e intelectual o *gutta cavat lapidem* de toda renovação: a transformação moral da humanidade. Trabalhar sem descanso, porque o tempo voa com a rapidez do relâmpago, e como diz a locução familiar aos nossos irmãos espanhóis: “Zamora não foi conquistada em uma hora”.

Dizer da influência que a nossa doutrina pode exercer em todas as questões sociais, seria tanto como: um *portar vasi a Samo*, ou *nottole ad Atene*. Todos os homens, quaisquer que sejam sua condição e suas relações recíprocas, podem encontrar na moral espírita regras de uma pureza e uma sabedoria excepcional. O nosso marasmo social é só uma consequência do mal-estar moral; não existem leis boas, a moral é só uma ficção, um artifício dogmático. Temos de nos apossar da instrução popular, comparecer diante de todos os governos pretendendo estabelecer cátedras de Filosofia Espírita em todos os centros universitários; facilitar a fundação de familistérios, segundo o notável sistema do nosso falecido irmão Godin; propagar a nossa doutrina nas oficinas, nos centros industriais, até nas mansardas dos pobres, temos de mover as massas a través da imprensa, de conferências públicas, de reuniões de toda espécie, onde a nossa doutrina seja exposta e praticada.

Também devemos secundar com todo nosso esforço a labuta iniciada por Fauverty, a fundação da Igreja Laica, a organização de uma Religião Universal, na qual todo homem adore a Deus segundo a própria compreensão, e pratique sua religião segundo a própria vontade; porém nunca esquecendo a tendência geral, o caminhar progressivo de todos e de cada um para a perfeição e a depuração da alma e do corpo espiritual da humanidade pelo amor, pela solidariedade e pela justiça.

É preciso transformar as penitenciárias em institutos de moralização; o culpado deve ser considerado como um doente que é preciso curar e reabilitar; o sistema cível e o penal devem ser inteiramente modificados no sentido da Caridade e da Justiça, porque uma sempre é completada com a outra. O coletivismo deve substituir o individualismo, opondo o poder do Direito e da Razão à aliança da força com a violência.

Por último, na ordem política, procurar que os legisladores das gerações futuras coloquem o selo dos nossos princípios no exercício das suas funções; porque também é um dever dos tempos a instituição permanente de uma arbitragem internacional para a

solução dos conflitos entre nação e nação, e a gradativa abolição dos exércitos permanentes e das fronteiras políticas.

Não mais louros aos homicidas que aumentam o bárbaro arsenal da morte, rebuscando na mecânica aplicada e na química, horríveis elementos de destruição, os quais colocam a dignidade humana por baixo dos mesmos antropófagos. A partir de hoje, o homem mostrará suas forças nos pacíficos e fecundos combates do amor, da inteligência, da caridade, das ciências e das artes. (Grandes aplausos).

* * *

Fomos passando uma superficial revista sobre o porvir do Espiritismo, considerando-o como o *Deus ex machina*¹⁰ da transformação moral, social e política: vou agregar algumas palavras a respeito da constituição de um centro consultivo. Onde existe dogmatismo, existe necessariamente restrição à liberdade de consciência: existe exclusivismo, e o exclusivismo leva fatalmente ao espírito de seita. Espiritismo é sinônimo de liberdade: liberdade em todos e para todo. Eu acredito que o único e verdadeiro centro de consulta só pode ser encontrado entre os espíritos superiores que deram impulso ao movimento espírita. Cada grupo espírita deve ser livre e pedir seus conselhos a quem lhe aprouver; com certeza poderão ser obtidos dos bons espíritos, se souber manter-se à altura das condições morais necessárias para obtê-los.

Já temos Base para o Espiritismo, que foi dada por esses mesmos espíritos nas obras de Allan Kardec, que reconhecemos como ponto de partida de todos os nossos esforços para o completo triunfo dos nossos ideais. (Abro aqui um parêntese para manifestar toda a minha fraternal simpatia ao Sr. Leymarie, o ilustrado e corajoso continuador das obras do Mestre). Admitido isto, fazemos

¹⁰ *Deus ex machina* é uma célebre expressão em latim, originária da tradição grega, cuja tradução literal é “Deus surgido da máquina”, que é aplicada extraordinariamente para representar, especialmente no teatro e na literatura, uma solução inesperada, mirabolante e improvável para fechar o enredo da ficção

sinceros votos para que o nosso modesto programa, sem pretensões de se impor a ninguém, seja serenamente examinado, discutido e modificado pelos nossos irmãos de crenças; e, acima de tudo, porque no Congresso vindouro o qual esperamos venha a se realizar em Paris ao tempo de solenizar o maior aniversário que registra a história humana, todos os espíritas unidos em fraternal abraço possam estabelecer o *modus agendi* iniciador da nova era da nossa Doutrina.

Senhores e caros irmãos:

Já vai fazer quatro séculos que o sábio, o imortal navegante genovês, Cristóvão Colombo, desfraldando o estandarte de Castela sobre os navios que a nobre Espanha tinha confiado às suas ordens, levou âncoras para partir intrepidamente para a descoberta de um novo mundo; pois bem, pela honra até dos meus irmãos espanhóis, eu desejo que dessa gloriosa terra parta hoje a faísca brilhante que comoverá o antigo mundo das ideias e nos conduzirá a descobrir outro novo: o mundo da Caridade, da Liberdade, da Fraternidade e da Solidariedade universais. (Estrepitosos e prolongados aplausos).

O Sr. Presidente. Suspende-se a sessão por dez minutos. Fica novamente aberta depois desse tempo.

O Presidente Sr. Leymarie. O Dr. Huelbes tem a palavra.

O Sr. Huelbes Temprado. Com o maior prazer darei leitura ao trabalho remitido para o Congresso pelo ilustrado e fervoroso espírita D. Félix Navarro, que diz assim:

TENDÊNCIAS DO ESPIRITISMO

Podem ser resumidas em uma só:

Espiritualizar o homem, elevando-o intelectual e moralmente. Intelectualmente porquanto abre horizontes novíssimos para a pesquisa, nem sequer imaginados.

A história deverá ser refeita com os esclarecimentos necessários

e autênticos dos seus próprios atores. Suas próprias imagens serão obtidas a través de fotografia direta. Os julgamentos das questões terão toda a augusta severidade da vida de além-túmulo, onde a enganação não pode prevalecer.

As ciências físicas e experimentais ganham novos conceitos da realidade, por quanto, estabelecido o contato consciente com os Espíritos, é possível começar a usufruir o fruto das sutis percepções que eles têm, muito mais completas do que as dos nossos limitados sentidos.

As pesquisas psicométricas esboçadas pelo Dr. Buchanam, de Boston, fazem ver que a alma humana pode conhecer por sensação direta todo o passado de um ser inorgânico, orgânico ou espiritual, desde que era seu coetâneo.

A fisiologia e a medicina entram certamente em um novo período. A vida, sadia ou enferma, é sentida pela alma, para a qual parecem não existir segredos de organismo se está com suficiente liberdade para examiná-los.

A astronomia, com auxílio dos Espíritos, já não terá distâncias intransponíveis para o nosso pensamento.

As ciências todas, com os auxílios da mediunidade, serão muito aprimoradas. Sirva de exemplo o razoável conceito da unidade da Matéria, avançada como hipótese por sábios audaciosos, e já afirmada por vários fatos da física transcendente.

A arte, ao ter noção clara das leis da inspiração, irá solicitá-la do melhor modo, purificando primeiramente a vida do artista. O artista do porvir será sábio e santo; um anjo neste planeta. A era espírita; a era da fraternidade de todas as nações; de todos os mundos!

Sejamos conhecidos na Terra pela excelência da nossa vida, ó espíritas! Como é conhecida cada flor por seu doce aroma! Amor e Ciência! Eis aqui as tendências do Espiritismo.

Irmãos todos, da Terra e do Espaço, assistentes ao Congresso de Barcelona, recebi com agrado o humilde óbolo da minha adesão afetuosa. (Grandes aplausos ao terminar a leitura)

Félix Navarro.

Zaragoza, 6 de setembro de 1888.

O Sr. Presidente. Com a palavra o Sr. Vives.

O Sr. Vives (D. Miguel). Senhores da mesa, senhores delegados: Antes de nenhuma outra coisa, seja-me permitido manifestar a minha gratidão a Deus, por ter criado este espaço infinito, cheio de sóis, de mundos, de satélites, de cometas e de maravilhas sem fim, que com a sua ordem, harmonia e previsão, constituem a expressão mais viva do grande poder do seu Criador e a admiração de todos os seres pensadores que povoam o Universo. Seja-me permitido manifestar a Ele a minha gratidão por esse eu que sinto dentro de mim mesmo, certo de que deverá progredir eternamente e encontrar novas manhãs, novos dias, novos espaços, novas famílias, novos progressos e novas virtudes, e que, seguindo pelo caminho do infinito, aprimorará todas as faculdades, até chegar a um grau elevadíssimo de perfeição; seja-me permitido ainda admirar esse poder divino, poder que vejo manifestado no ato que estamos realizando. Ah, senhores delegados! Há muitos anos, quando saudastes a revelação e pronunciastes a palavra Espiritismo, o mundo vos recebeu com uma gargalhada; e vendo que não conseguia vos derrubar, quando voltastes a pronunciar a palavra Espiritismo, então vos lançaram ao ridículo e ao escárnio; e vendo que persistíeis, levantou-se contra vós uma perseguição moral, que vos divorciou da sociedade e da família, até o ponto de vos tachar de loucos. Mas a opinião geral, tão poderosa quando trata de quebrar grilhões e estabelecer princípios de liberdade; quando se opõe à lei do progresso, quando se opõe à palavra de Deus, primeiro se agita, mais tarde cala-se, e por último, deixa-se convencer, e aquilo que ao princípio fora uma grande loucura, é então uma suprema verdade que vem a todos regenerar. (Ruidosos aplausos).

Cumpri um dever de gratidão ao meu Deus, ao meu Pai, ao meu Tudo, agora devo cumprir com outro dever de gratidão aos meus irmãos. Estou vendo, Sres. delegados, ao redor, insignes notabilidades do Espiritismo; estou vendo os filhos da França, representados pela pessoa ilustradíssima do Sr. Leymarie; eu o saúdo, e a todos os seus correligionários; saúdo os filhos da pátria de Vítor Hugo, de Thiers e de Gambetta, aos filhos dessa pátria, que depois de ter sofrido grandes catástrofes e grandes evoluções, içaram a sua liberdade ao pedestal das liberdades europeias e hoje são a esperança de todos os oprimidos do velho mundo. (Muito bem. Aplausos).

Saúdo os filhos da pátria de Bellini, os filhos dessa terra que tem enchido o mundo com a sua arte e a sua harmonia; os filhos dessa pátria que sofreram tantos séculos sob o poder teocrático, e que viram a liberdade justificada pela sentença de Tonetti, porém mais tarde souberam realizar a sua unidade, e como símbolo do livre-pensamento, erigiram a estátua de Giordano Bruno diante do mesmo Capitólio. (Estrepitosos aplausos).

Saúdo e admiro ainda mais os filhos de além dos mares, a estes insignes apóstolos da abnegação e do sacrifício, a esses homens que, em ouvindo o clarim com o qual eram chamados pelos espíritas espanhóis, sem temor aos perigos da viagem, apressaram-se a chegar pelo caminho traçado por Colombo. Posso garantir que este sacrifício ficará gravado na eterna memória de Deus e que servirá a eles de grande consolação na hora suprema da sua transformação. (Aplausos). Já cumpri outro dever; agora devo cumprir a obrigação que eu mesmo me impus, obrigação superior às minhas forças, como é a de desenvolver ante vós o tema: Tendências do Espiritismo na sua parte moral. Ah, meus senhores! Se eu pudesse conceber e desenvolver ante vós as impressões e alegrias que tomam conta do espírito desde quando

se arrepende até conceber a realidade de uma vida melhor; se eu conseguisse fazer-vos compreender a esperança e o gozo que sente o espírito quando, convencido da sua imortalidade, penetra na ciência psicológica e vê desenrolar-se ante si essa sucessão de mundos e de maravilhas que deve percorrer o espírito na sua progressiva elevação; se eu me considerasse digno, pediria aos espíritos puros do espaço que iluminassem o meu entendimento; se eu me considerasse digno, pediria ao espírito que sofreu no Calvário que por um momento iluminasse a minha razão, como iluminou os mártires do cristianismo; porém não me atreverei porque não sou merecedor de tal distinção; somente confio na lei do amor, que rege no espaço, e na vossa benevolência, que não me negareis, porque já sabeis que em mim não fala o talento, não fala a sabedoria; fala a convicção, fala o amor. (Muito bem!)

Qual é a tendência do Espiritismo? Ah, meus senhores!... É levantar o abatido, é fazer crer àquele que duvida, é levar à alma as maiores consolações e as mais supremas esperanças; é transformar vícios em virtudes, egoísmo em caridade, desespero em tranquilidade, é levar à humanidade a mais ampla tolerância, para fusionar todas as escolas e todas as religiões sob os grandes princípios da existência de Deus, a imortalidade da alma, o progresso infinito e a reencarnação. (Aplausos).

A existência de Deus e a imortalidade da alma foram princípios fundamentais de todas as religiões; sobre esses dois pontos assentaram os seus dogmas, a sua teologia e o seu poder; porém — causa desgosto dizê-lo! —, depois de tantos séculos de domínio teocrático, a humanidade é mais descrente que nunca, e sabem por quê? Porque as religiões sempre impuseram, nunca demonstraram; por essa razão, a fé cega perdeu-se e só ficou a fé especulativa. O Espiritismo não vem para impor esses dois

princípios, mas sim para demonstrá-los. E sabem como o Espiritismo demonstra a existência de Deus e a imortalidade da alma? Através da comunicação daqueles que viveram na Terra. Mas ah, meus senhores! Esta comunicação que tem nos dado tantas consolações, esta comunicação, que tem nos revelado tantas verdades, esta comunicação que tem nos explicado aquilo que até agora era somente mistério, esta comunicação que tem sido e ainda é testemunha da existência dos nossos pais, dos nossos filhos e de todos aqueles que desapareceram da Terra, esta comunicação foi recebida, no século XIX, do mesmo modo como foram recebidos em outra época os cálculos de Colombo, os trabalhos de Gutenberg, as descobertas de Galileu e as deduções de Newton. E sabem por quê? Porque a comunicação disse-nos que Sócrates, Platão, Aristóteles e Plutarco estão vivos; porque ela nos disse que todas aquelas raças que lutaram impulsionadas pela barbárie e a cobiça ficaram sujeitas à lei de perfeição e progresso infinito; porque ela nos disse que mesmo Cleópatra e os Césares daquela época sobreviveram àquelas catástrofes; porque ela nos disse que todos os heróis, todos os mártires, todos os grandes, como também todos os criminosos; que João Huss, Savonarola, Jerônimo de Praga, ressuscitaram das cinzas das fogueiras do Santo Ofício; ela nos disse que Guilherme Tell, Riego, Padilla e todos os mártires da liberdade estão vivos; que Franklin, Copérnico e todos os mártires da ciência estão vivos; como estão vivos também Joana d'Arc, Washington, Lincoln, Mazini, Gambetta, Vítor Hugo, Garibaldi, Prim, e todos aqueles que continuaram nesse grande curso das humanidades sucessivas, que existiram da Terra e em todos os mundos. (Estrepitosos aplausos). E a humanidade diz que não se comunicam aqueles que viveram antes de nós, e acredita que estas comunicações são ilusão da nossa imaginação exaltada, acredita que são fanatismos da nossa escola,

quando tantos milhões de espíritas são contados na Terra. Ah, meus senhores! É preciso assumir que aquilo que a humanidade acredita ser loucura é uma verdade bem sublime, ou então que uma grande parte da humanidade está realmente louca. (Aplausos).

Eu considero, porém, senhores, que o modo de raciocinar dos espíritas não é, nem a loucura, nem o fanatismo, nem a ilusão; acho que nem a loucura, nem o fanatismo, nem a ilusão poderiam trazer uma nova moral, uma nova revelação, uma nova ciência; por isso afirmo que a comunicação dos espíritos que vivem no espaço com aqueles que vivemos na Terra, é uma verdade apenas demonstrada pelo Espiritismo; e posso afirmar isso diante dos senhores catedráticos que me ouvem, posso afirmá-lo diante dos ilustradíssimos doutores, afirmo-o diante dos distintos médicos presentes neste Congresso; e tenho certeza de que nenhum deles vai me desmentir ou negar as minhas afirmações.

Como poderiam negá-las! O que eles eram, o que eu era e o que são todos aqueles que apenas esperam na matéria bruta? O que eram antes de conhecer a comunicação? Um conjunto de matéria sujeita ao acaso, que no momento parecia que podia elevá-los ao sublime, porém logo os afundava no abismo, acaso que não podiam explicar, e circunstâncias que não podiam definir. O que era o amor das suas esposas? O que era o amor dos seus filhos? O que significavam todos os esforços, todos os sacrifícios, todos os trabalhos feitos por aqueles que nos precederam no curso da vida? O que significa a caridade praticada por Vicente de Paulo, a oração de Teresa de Ávila? O que significavam aquelas lágrimas derramadas na Via Dolorosa, unidas àquelas sublimes palavras: Pai!

Perdoa-os porque não sabem o que fazem! O que significava

aquele sangue escorregando pela cruz, unida com as lágrimas da mãe do mártir do Calvário? O que significavam aqueles sacrifícios daquelas mulheres que foram arrastadas pelas ruas de Roma? O que significavam os sacrifícios daqueles mártires imolados nos circos, nas fogueiras e sob a espada do carrasco? O que significava a inspiração de Demóstenes, de Cícero e de Paulo apóstolo? O que significava a arte de Murillo, de Rafael e de Michelangelo? O que significavam as harmonias de Mercadante, de Rossini, de Donizetti? O que significava o gênio de Cervantes, de Lamartine, de Vítor Hugo? Se tudo devia perder-se, se tudo devia aniquilar-se, se a mesma recompensa aguardava o mártir e o criminoso, tudo teria sido uma fatal tragédia, cuja vítima seria a humanidade inteira. (Estrepitosos aplausos).

Porém vós já sabeis senhores delegados, vós já sabeis que não existe virtude sem recompensa, nem vício sem repreensão; vós já sabeis que a imortalidade está provada e que a comunicação com os seres que nos precederam é um fato prático; vós sabeis que a comunicação é altamente moralizadora, e que é testemunho indiscutível de todas as verdades da revelação espírita; por isso todos os sacrifícios, como todos os heróis, como todos os mártires, obedeceram a uma lei de progresso e aprimoramento, necessária para o desenvolvimento da humanidade. E fico feliz de poder afirmar isto diante dos sábios reunidos nesta assembleia; feliz de poder afirmá-lo diante dos senhores catedráticos, dos doutores e médicos, que é para ninguém dizer que no Espiritismo só militam pessoas ignorantes, a quem se engana com facilidade, mas sim que somos espíritas com conhecimento de causa e que afirmamos não somente pela revelação, mas pela ciência; e afirmo-vos, senhores, que se no século XIX um grande filósofo se levantasse para reformar o mundo, mas não tivesse comprovado a sua filosofia com fatos extraordinários, teria morrido quase no momento de

nascer.

Disse que queria demonstrar as tendências do Espiritismo na sua parte moral: permiti-me, então, que vos fale de casos práticos; permiti-me que me ocupe um pouco de mim mesmo e vos explique dois lances em minha vida, terríveis, aliás, porém passados de modo diverso. Faz 22 anos eu vivia em plena lua de mel; tudo sorria ao meu redor; a mulher que escolhi para companheira de minha vida, não era para mim uma mulher, era um anjo. A vida deslizava feliz e nunca pensei que aquela felicidade poderia ser interrompida. Mas ah, meus senhores! A mulher que eu tanto amava foi atacada por uma terrível doença; toda aquela felicidade desapareceu em um só momento; nunca acreditei que pudesse perdê-la para sempre, mas a doença adquiriu proporções alarmantes; chamei a ciência, chamei a todos aqueles que poderiam salvá-la, mas foi tudo inútil; aquele olhar tão expressivo ficou lânguido, indeciso; aqueles lábios tão rosados ficaram descoloridos; aquele corpo tão grácil ficou rígido, o coração deixou de bater, e todas as minhas esperanças, toda a minha felicidade, todo o meu amor, transformaram-se em um cadáver.

Ah, senhores! O meu desespero foi grande; amaldiçoei a minha existência, amaldiçoei tudo o que me cercava; e para que ninguém visse o meu desespero, fugi para a roça, e ali chorei e chorei amargamente. Tudo estava morto para mim! Enquanto eu chorava e me desesperava, as aves cantavam; então virei para elas e disse: Por que cantais? Não sabeis que perdi toda a minha esperança e todo o meu amor? Não sabeis que eu tenho um deserto no coração e que viverei morrendo? Vossos cantos são uma zombaria. E tu, rouxinol, por que trinas? Não sabes que até o ninho que acaricias é uma pura ficção? E vós, vales que pareceis

túmulos que sepultarão a humanidade; e tu, sol que me abrasas, que iluminas tanta tragédia, por que não acabas de uma vez com tantos males? Então uma horrorosa tempestade desencadeou-se no espaço, e vendo o fulgor do raio e escutando o barulho do trovão, achei que aquilo era justo, era o que devia ser. (Muito bem! Muito bem!).

Passei longo tempo cercado das mais funestas lembranças e pressentimentos, que se esvaíram depois da minha conversão ao Espiritismo, conversão que não detalharei diante de vós, senhores delegados, porque todos vós sabeis o que se sente, o que se passa; somente vos direi que faz seis anos que, das minhas segundas núpcias, tinha eu um filho de nove anos, formosíssimo, porque para os pais, todos os filhos são formosos: muitas vezes me acariciava e me beijava com um carinho especial, dizendo: Pai, quando tu ficares velho, eu também te darei a comida e te levarei para passear como tu fazes agora comigo. Deixo à vossa consideração pensar o que podia sentir a minha alma. Mas ah, senhores delegados! Uma terrível enfermidade apoderou-se também do meu filho; aquele corpo, tão vivo e tão gracioso ficou prostrado; aquele olhar cheio de viva expressão tornou-se lânguido, indeciso; então fui buscar o recurso das verdades espíritas; então lembrei-me de que o meu filho não morreria, só renasceria; e enquanto o meu filho exalava o último suspiro, eu contemplava a segurança da sua nova vida, do seu novo progresso. Então falei àqueles que me cercavam: no relógio da Terra soa a última hora da existência de um corpo, porém soa a primeira hora, no relógio do espaço, da existência de um espírito. Meu filho não morre, transforma-se; em breve brilhará no mundo dos espíritos. Vamos respeitar os desígnios de Deus. (Aplausos).

Então, um desejo agitou o meu ser. Que posição vai ocupar o meu filho no mundo espiritual? Terá de sofrer por alguma falta

cometida em anteriores existências? Mas não; dizia para mim mesmo, teu filho era bom, teu filho sentia um grande amor pelos pobres, porque sempre era o primeiro a pensar neles; então, pedi a Deus que me permitisse saber o estado do meu filho; então pedi ao meu filho para me dar uma prova do seu estado; mas queria uma prova extraordinária, para não haver substituição de espírito. Esta não se fez esperar; em uma das nossas costumeiras sessões aos domingos, o espírito do meu filho comunicou-se, e o fez de um modo tão especial, deu tantas provas, que a família o reconheceu muito antes dele dizer seu nome. Aquele espírito voltava a me chamar de pai, aquele espírito tornava a me oferecer proteção, aquele espírito dava-me novas provas de um amor bem grande, bem puro; aquele espírito decifrava-me as belezas da Criação, as belezas da natureza de um modo como nunca antes as tinha sentido; sua posição era tranquila, elevada, cheia de paz e de alegria. Ah, senhores delegados! Descrever-vos a alegria, a imensa alegria que se apossou de mim, seria tarefa impossível.

Então teria dito a todas as mães que perderam seus filhos: não choreis; vossos filhos não morreram, vivem com a vida do infinito; então teria dito a todos os filhos que perderam os pais: não choreis, porque vossos pais vivem e vivem na vida eterna. Minha casa era estreita para conter a minha alegria; precisava dar graças a Deus em meio à imensidão; por isso fui para o campo; ali elevei a minha prece ao Grande Criador, ali manifestei a minha gratidão ao Pai de todo o Universo, e enquanto meu espírito exalava aquele arranque de gratidão imensa, as aves cantavam, e escutando-as, lembrei que em outra ocasião as recriminara; então, disse-lhes: cantai aves minhas, cantai; vossos cantos são uma eterna harmonia que se une à beleza da Criação; trinais rouxinóis, trinais; o ninho que acariciais não é mais uma ficção, e sim uma

manifestação da vida infinita em suas múltiplas transformações: e vós, vales que em outros tempos afiguravam-se túmulos que deviam sepultar a humanidade, agora estou vendo que sois moradas onde se desenvolve a vida de multidão de seres, onde crescem se agitam e evoluem; e tu, Sol que iluminas um sistema de mundos e que és testemunha da grande potência de Deus, eu te abençoo; e enquanto estava entregue à minha alegria e à contemplação da Criação, vi ao longe que o arco-íris acabava de extinguir as suas belíssimas cores. Era o arco-íris que saíra logo após aquela terrível tempestade! (Estrepitosos aplausos).

E, poderão acreditar os senhores delegados, que essa comunicação dos pais com os filhos e dos filhos como os pais, não vai chegar a todas as camadas sociais? Podem acreditar senhores delegados, que a humanidade resistirá sempre à investigação dessas relações espirituais que oferecem tanta consolação? Ah, meus senhores! A comunicação dos espíritos chegará até os poderosos da Terra e lhes dirá: É verdade que em vossas mãos está o poder, porém ai de vós se fostes carrascos, em vez de protetores! Ai de vós se fizestes derramar sangue! No dia da vossa transformação, naquela hora suprema, encontrar-vos-eis baixo o poder daqueles que hoje oprimis, e o mesmo sangue que derramastes, rodear-vos-á, e não encontrareis lugar no espaço para ocultar o vosso horror e a vossa vergonha.

Porém, se sois o que se deve ser, se considerais que acima de vós está o Autor da lei, e amais e protegeis e tratais como deveis os vossos súditos, sereis grandes na Terra e no espaço, e quando a hora suprema da vossa transformação chegar, vossos agradecidos vos aclamarão, e a admiração e o gozo transbordarão na vossa consciência.

A comunicação chegará até a dama aristocrática e lhe demonstrará que não somente deve enfeitar seu corpo, mas

também deve enfeitar seu espírito; demonstrar-lhe-á que o ser que só pensa em si mesmo é o mais pobre no reino de Deus.

A comunicação dirá aos ricos: é verdade que vos tendes o poder do ouro, mas, ai de vós se não buscais ser úteis aos outros! Ai de vós, se vos esqueceis daquele grande mandamento: amarás teu próximo! Ai de vós, se tudo quiserdes para vós mesmos; estareis aprisionados com as mesmas correntes que forjastes! Porque quando a hora da vossa transformação chegar, vosso espírito estará sozinho, sem uma voz amiga, sem uma palavra de alento, sem uma esperança, submerso no espaço infinito, talvez cercado pelas mais densas trevas. Porém, se o bem geral é o que vos inspira e não esquece a solidariedade e a proteção mútua, se buscais o alívio e o conforto para os outros, se as vossas empreitadas têm um fim útil ao progresso humano; então a gratidão será o patrimônio que encontrareis no mundo espiritual, e vosso espírito ver-se-á aclamado e cercado por espíritos amigos, e maravilhas de luz sem limites serão as vossas moradas, e então compreenderéis quanto bem fizestes ao vosso espírito, praticando na Terra a lei da justiça e do amor. (Aplausos).

A comunicação chegará aos oprimidos e àqueles que sofrem, e lhes fará grandes promessas e lhes abrirá o caminho do conforto e da esperança; dir-lhes-á: bem-aventurados os que sofrem e os que têm fome e sede de justiça; demonstrar-lhes-á quanta liberdade alcançam no reino de Deus aqueles que foram oprimidos na Terra, e quanta angústia encontram aqueles que foram opressores; então a esperança e a resignação penetrarão no seu coração e sofrerão com calma os tormentos da vida.

O que vos digo senhores, é um fato prático; e para demonstrá-lo acrescentarei que eu, neste Congresso, tenho a honra de representar uma Sociedade Espírita que é constituída de 32

penados que estão sofrendo a sua condenação. (O orador toma de uma carta e dá leitura a ela).

Sr. D. Miguel Vives. Queridíssimo irmão:

Ficamos gratos pelas suas exortações e sentimos uma imensa alegria ao saber que vai acontecer o CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA. Sentimos muito não poder tomar parte nele; mas já que não nos é possível, suplicamos a V. S. tenha a bondade de nos representar e dizer em pleno Congresso que estes 32 indivíduos que foram criminosos, hoje eles estão arrependidos, perdoam os inimigos e desejam voltar à vida livre, para demonstrar a mudança que o Espiritismo tem operado neles.

Hoje só pensamos em nossa reforma moral e na reforma moral da humanidade.

Trinta e dois penados vos cumprimentam e desejam para vós a proteção de Deus.

(Continua o orador). Isto é o que dizem 32 homens que foram criminosos, 32 homens que tinham perdido a sensibilidade da consciência, 32 homens que odiavam a Sociedade, que abominavam dela, porque se consideravam sozinhos, completamente sós, porque pensavam ser detestados por todos, porque acreditavam ter perdido até as últimas considerações sociais. Pobres irmãos nossos! Eles também tiveram mãe que os acalantou no berço, que os amamentou, que tinha coberto com mil beijos as suas faces, naqueles arranques sublimes do amor de mãe... Porém depois de tantos anos de lutar com a vida, tinham caído na condição terrível, onde não só o peso da justiça faz sofrer, mas também o desprezo geral.

Porém a comunicação dos espíritos chegou a eles; ouviram nessa comunicação uma voz amorosa que vinha acordar neles esperanças perdidas; buscaram livros e jornais espíritas,

estudaram, indagaram, e por último, convenceram-se da existência de um além, onde para ninguém estão fechadas as portas da evolução; que um criminoso pode chegar a constituir-se em ser perfeito através do arrependimento e da prática do bem; que o infinito é eterno, como a vida é eterna, como é eterno o espaço, e que a lei que rege e domina o Universo é o amor. (Muito bem! Muito bem!).

E isto ficou provado para eles pelo Espiritismo de um modo tal, que aqueles homens caíram prostrados diante da grandeza de Deus, diante da magnificência daquilo que aguarda por eles e diante da evolução e da vida eterna prometida pelo Espiritismo e demonstrada pela comunicação dos espíritos; e aqueles homens que tinham perdido tudo, encontram um infinito de grandezas, onde existe um Pai que sempre aguarda o filho pródigo, e uma grande família que ama todos os seus irmãos, que só é regida pela lei do amor. Sendo assim, aqueles homens que odiavam e detestavam tudo, hoje perdoam, amam e esperam, sofrem resignados sua condenação, e somente aguardam o instante de poder evidenciar diante da sociedade que, de criminosos transformaram-se em apóstolos, apóstolos da verdade, da moral e do amor. (Ruidosos aplausos).

Acredito ter provado diante de vós as tendências do Espiritismo na sua parte moral; porém, com a finalidade de dar-vos mais uma prova, acrescentarei que, se nestes momentos sobreviesse para mim o último instante de vida material, não vos daria um adeus de despedida, não vos daria um adeus eterno, e sim, depois de abraçara minha esposa e minha filha, daria um... Até logo.

Agora só me resta parabenizar a todos vós pelo bom êxito dos vossos trabalhos, e digo: Se um dia meus irmãos da Itália me

chamarem, irei à Itália; se me chamarem da França, irei à França; se me chamarem de além os mares, lá irei; e penso que todos vós o faríeis, para dar mais uma prova, sobretudo, de que para os espíritas a pátria é o mundo e a família, a humanidade. Tenho dito. (Ruidosos e estrepitosos aplausos ecoam por longo espaço de tempo; muitos delegados e assistentes abraçam o orador).

O Presidente Sr. Leymarie (em francês). Por minha vez, parabenizo o Sr. Vives, orador inspirado que acabou de falar, que com justo motivo foi tão aplaudido, estando ainda sob a influência do encanto da sua palavra. Agradeço ao Sr. Vives o carinhoso cumprimento para os delegados de todos os países presentes neste Congresso, e as benevolentes frases que dirigiu a mim, sendo eu somente um humilde servo da Causa; em todo caso, o aplaudido orador rendeu um tributo de homenagem aos apóstolos do livre exame, cujo espírito está impregnado de justiça, que amam a nossa doutrina benfazeja e desejam que ela seja científica, para não se desviar do caminho da livre investigação traçado pelo venerável mestre Allan Kardec.

Irmãos e irmãs, nós estamos de parabéns pelos avanços que o tempo tem realizado, lentos, porém contínuos. Na Idade Média, e aqui ainda não transcorreram mais do que uns trinta anos, o obscurantismo católico devido à ignorância, todas as manifestações do livre-pensamento; e não obstante, aqui estamos reunidos e podemos nos expressar diante de um público sério, sem restrições, diante de todas as maneiras de pensar, políticas, sociais ou religiosas. Isto representa bem o triunfo da ideia moderna; não é mesmo?

Lamento muito sinceramente não poder expressar as minhas ideias em espanhol, servindo-me dessa harmoniosa língua. Oxalá os mestres do saber nos eduquem no sucessivo fazendo-nos aprender muitas línguas ao mesmo tempo! A criança que fala

corretamente muitos idiomas possui muitas existências simultâneas, porque vive com os gênios que honraram essas diversas línguas. Não possuindo ainda essa faculdade de linguista, e esperando que venha a se generalizar, abençoemos os inovadores, e amemos os nossos companheiros na Imprensa, esses amigos da verdade que nos reconhecem como pessoas de progresso e de estudo, e vão nos ajudar a espalhar as nossas ideias, tão práticas e de tanto alcance. Agradeçamos a eles a assiduidade na assistência a estas sessões, e a integridade e lealdade das suas resenhas.

Abençoemos Gutenberg, porque a sua invenção permite às nossas imprensas reproduzir o pensamento humano em todas as formas, para fazê-lo acessível a todas as inteligências.

Abençoemos Edison, o espírita e médium americano, eminente engenheiro que se utiliza da eletricidade para iluminar melhor as nossas residências e os nossos gabinetes de investigações científicas; que achou os meios de fazer eterna e sempre viva e vibrante a palavra humana tida como coisa fugidia.

Deste assento presidencial que o Congresso achou por bem confiar a mim, permiti-me oferecer o testemunho da minha profunda gratidão, e a dos senhores delegados, à bela Espanha, tão bem representada nesta assembleia, e especialmente à nobre e ilustre cidade de Barcelona. (Prolongados aplausos).

Amanhã, na nossa última sessão pública, outros oradores se ocuparão destes sérios assuntos, e convidamos a todos vós para esta festa do livre-pensamento espírita. Obrigado aos nossos convidados desta noite, que, ao nos honrarem com sua presença, ouviram-nos com tão respeitosa atenção, o qual não é frequente quando existem milhares de ouvintes. Até amanhã, às oito e meia da noite.

Pelo avançado do horário, levantou-se a sessão às onze horas e meia.

3^a sessão pública

(10 DE SETEMBRO DE 1888)

Teve início às nove horas e quinze minutos da noite.

Presidente Sr. Visconde de Torres-Solanot. Tenha a bondade, Sr. Secretário, de dar leitura à ata da sessão anterior.

O Secretário Sr. Sanz y Benito lê a ata, que é aprovada.

Presidente. O senhor Secretário servir-se-á dar conta das adesões recebidas.

O Secretário Sr. Moret lê uma lista de novas adesões, que constam na lista geral inserida em outro lugar.

Sr. Presidente. Peço ao presidente da Academia Internacional de Estudos Espíritas e Magnéticos de Roma, cavalheiro Ungher, que venha nos honrar ocupando este lugar. (Assim o faz).

O Presidente Sr. Ungher (em francês). Com a palavra o senhor Casanovas.

O Sr. Casanovas. – Senhoras e Senhores: Recebei o fraternal cumprimento que vos dirige o mais humilde obreiro da causa regeneradora, na ordem das novas ideias. Permiti que fora de espírito agradecido saudasse o de Allan Kardec, que sempre admirei, pela sua coragem e constância: coragem, pela sua profissão da fé espírita diante de uma sociedade altamente preocupada com as ideias tradicionalistas, e constância, com a

qual demonstrou na compilação de múltiplos dados e em diferentes ordens de ideias, os quais hoje formam um conjunto de obras que, buscadas e lidas pela humanidade, fizeram da família espírita uma daquelas que exploram as ideias do Porvir.

Saúdo também, aproveitando esta ocasião, o seu digno sucessor Sr. Leymarie e em sua representação todos os irmãos da França. Com o mesmo fim, dirijo-me à digna representação da Academia Internacional Romana e a todos os irmãos da livre Itália, fazendo extensão destas boas-vindas de amor a todos os seres, tanto aqueles que povoam a Terra, quanto aos que vivem nos espaços.

Depois de cumprir este dever e contando com a vossa indulgência, desenvolverei o seguinte tema: Dedução da imortalidade do espírito pelo estudo dos fatos.

Senhores: pesquisando os fatos históricos das antigas eras, e o seu caminhar progressivo, é preciso convir em que os nossos princípios não possuem nada de novo, visto que têm caminhado em relação com o homem desde a sua criação, mas que não foram antes admitidos por não estarem as inteligências preparadas, devendo esquadriñar pelo estudo aquilo que se encerrava nas leis da Natureza. Por isso, não admira que o Espiritismo, repudiado e censurado ontem, vá chamando a atenção, e encontre entre os seus adeptos pessoas de grande valia, para demonstrar que ele não é imposto, e sim que a inteligência estudiosa encontra uma comprovação maior, dentro da lei do tempo.

Muitas das escolas que nos têm combatido porque nos chamávamos de espíritas, faziam-no com propósitos ulteriores, porque se nós consideramos que fora das leis da matéria grosseira, existia uma força superior que chamamos de essência ou espírito, elas a chamaram de alma, e a adaptaram para fins nem sempre louváveis. Não obstante, o espírita amigo da verdade não

se deixou abater pelos epítetos que sobre ele têm recaído, muito pelo contrário, como pesquisador constante procurou a verdade, buscando o conhecimento de si mesmo, e conseguindo vê-la demonstrada nos diversos ramos dos conhecimentos humanos.

A divisibilidade dos corpos, todos, tem nos chamado a atenção muitas vezes, e tem obrigado a nos perguntarmos: Temos alma?

Seguindo o curso de antigas teorias, tem sido bem difícil respondermos; mas, amantes de toda tendência progressista, e de tudo aquilo que possa induzir a conhecer hoje aquilo que ontem ignorávamos, temos buscado, pesquisado e indagado em relação com a capacidade intelectual que possuímos, e em teoria filosófica alguma, em estudo científico algum encontramos uma explicação tão satisfatória como no Espiritismo. E sabem por quê? Porque não vemos esse divórcio entre a razão e o homem, não vemos o privilégio estabelecido na natureza, muito pelo contrário, encontramos uma lei de harmonia perfeita em tudo aquilo que determina vida, e mesmo que acidentalmente encontremos diferenças, no estado atual compreendemos que a inteligência subsiste para equilibrar as forças, e assim com igual vontade pode-se um dia chegar aos mesmos resultados, e isto nos satisfaz, porque vemos então que a lei dos privilégios não existe, sendo somente utopias criadas pelo homem para a ganância.

Se ouvirmos o químico, o físico, o astrônomo, eles preenchem melhor as nossas aspirações, porque a ciência nos diz: “A morte não existe”; a única coisa que podemos admitir é a lei da metamorfose, a lei da mudança; tudo é desagregado para voltar a se confundir em uma mesma ordem. Assim, por exemplo, se queimamos um papel para destruí-lo, o papel não terá desaparecido, pois os resíduos sólidos, as cinzas, confundem-se

com a parte sólida do planeta, enquanto a parte volátil, a fumaça, volta também aonde pertence, ao cosmos; a mesma coisa acontece com o mineral de onde é extraído o ouro, o verniz, a terra, etc., que são as partes sólidas, enquanto na sua trabalhosa desagregação desprende-se um fluido, que semelhante ao do papel, volta para o cosmos; e se estudamos o reino vegetal encontraremos a mesma subdivisão que nos anteriores; basta que tomemos uma rosa e a coloquemos em uma mesinha; e mais tarde, entrando na sala onde ela está não precisamos perguntar em quantas partes se divide aquele corpo, visto que em uma parte, a forma, nós a vemos; e em outra, o aroma ou essência, a aspiramos.

Agora, cabe-nos perguntar: Será que as criaturas seguem a mesma ordem do resto dos corpos? Assim deve ser, visto que se pela mudança atômica ou molecular os corpos tomam vida de idênticos corpos a través da renovação, a inteligência, essa diretora das humanidades, de quem poderia receber a renovação ideológica? E a ciência responde a esta pergunta dizendo que a inteligência renova a vida na sua mesma inteligência.

E deve ser assim, e assim é considerado pelo Espírita, visto que no corpo que é depositado na fossa não vê (porque não poderia ver outra coisa) nada além dos resíduos que acidentalmente lhe serviram de intermediário para a continuidade do estudo. Assim compreendemos perfeitamente o progresso, assim explicamos que os nossos antecessores (talvez nós mesmos), nos seus começos se manifestassem somente por um princípio compreensível que os distinguiu do instinto, sendo que hoje nos chamamos de civilizados. Isto nos é ensinado perfeitamente por todos os avanços, no comércio, artes, etc., etc., porque se não fosse assim, se existisse para alguns uma lei e outra lei para outros, poderíamos chamar a Natureza de mãe? Não, e mil vezes não; e se a chamássemos de madrasta, deveríamos dizer

madrasta malvada. Senhores: nós devemos convir em que a inteligência e o tempo caminham de comum acordo, visto que ambos são infinitos: se truncamos a vida de uma, devemos proceder igualmente com o outro, e está provado que isto é impossível, porque uma procura os dados e o outro lhos facilita; assim podemos apreciar o caminhar consecutivo do progresso; mas se matamos a inteligência, se a privamos do seu curso, matamos o progresso, e deveríamos dizer: daqui não passaremos.

Esta afirmação far-nos-ia recuar até aquelas escolas positivistas que por conveniência transformaram o homem em um se inconsciente de seus atos, precisando de outro ser que interceda por ele junto da causa criadora, e aquele ser intercessor devia dar glória, tranquilidade e boa ventura ao outro depois desta vida; porém as nossas ideias, elevando-nos acima destas preocupações, nos ensinam que a humanidade não precisa de redentores, que a criatura é a única responsável dos seus atos, visto que os redentores nunca existiram e jamais existirão para aquele que não deseja se redimir. (Muito bem. Aplausos)

A nossa sociedade atual é a mais fiel expressão destas deduções, porque ela a través de caminhos diferentes busca um só fim, e a palavra liberdade repetida em todos os âmbitos da Terra é que nos indica que vamos encontrando o que ansiávamos, e que ansiamos mais do que encontramos, visto que ainda estamos em busca da solução lógica da nossa divisibilidade e da sobrevivência das nossas inteligências.

Deixai o pensamento solto, não o traveis, não o encerreis no reduzido perímetro que marca uma escola, e ele, coletivamente unido, admitirá um dia a nossa ciência. E para vos falar neste sentido, remontarei até aquelas humanidades que, estudando a grandeza do firmamento não souberam compreender a lei que o

determinava, e fixando a vista nas estrelas, extraviaram-se as inteligências para vir a uma luta de ideias sobre a rotação e a gravitação da Terra em relação aos astros; e assim vemos Hiparco e Ptolomeu diante das concepções astronômicas atribuídas a Urano, Fohi, Zoroastro, etc., e vemos mais tarde que os gênios de Copérnico e Galileu fazem uma demonstração mais exata, mais concreta, sendo que através da ciência matemática acompanhada da investigação telescópica, Galileu conseguiu demonstrar que muitas estrelas nada eram além de mundos. Não obstante, Galileu é tachado de louco, é perseguido pela Congregação do Índice até conseguir o seu desprestígio, transformando-o em um apóstata das próprias ideias, até que verdadeiramente morreu louco de sentimento. Não obstante, os estudos de Galileu não morrem, porque ele os entregou à humanidade para que fossem continuados mais tarde, e lega a Kepler e a Newton o fruto das suas pesquisas, e o espírito analisa e mais tarde a humanidade dá-lhe a razão, porque estava escrito dentro da lei da imortalidade do espírito, que deve vir no amanhã recolher o fruto das pesquisas de hoje.

E o que aconteceu com Galileu aconteceu com Colombo, e tem acontecido e continuará acontecendo com todos os gênios que pesquisarem a caminhada progressiva do espírito em relação com a natureza. (Aplausos).

Porém as sucessivas gerações entesouram o fruto das pesquisas de ontem, e hoje admitimos a pluralidade de mundos, habitáveis e habitados.

Para quem são estes mundos? Devemos entrar em outra ordem de privilégios? Ah, senhores! Onde existem seres inteligentes devem ser abolidas as fronteiras, e sendo-nos permitido aqui estudar, não nos poderá ser negado em outra parte. Se é que queremos nos vangloriar de ser livres, devemos

dizer: Tudo que existe foi feito para o estudo pela inteligência, e se existe além do presente, é lá que devemos ir para indagar, saber, pesquisar, e a ciência nisto também nos ensina o que devemos deduzir em relação aos mundos.

Sejam, então, tolerantes, visto não serem suficientemente sábios, aqueles que não encontraram no Espiritismo outra coisa além de um motivo de caçada; aprendam das humanidades anteriores que não souberam dar valor aos fatos, pois que se tivessem sido críticas, teriam levantado as ideias ao seu verdadeiro nível; porém se eles não o fizeram, foi feito pelos mesmos seres em virtude da lei de imortalidade.

Sejamos críticos sempre que saibamos sê-lo, e teremos estabelecido o reinado da Justiça ensinando a lei do trabalho. (Muito bem. Aplausos).

É isto o que o Espiritismo nos ensina, e isto é o que sem dúvida alguma irão aprovar as gerações vindouras, que, mais sábias do que este que tem o prazer de vos falar, demonstrar-vos-ão a “Imortalidade do Espírito” pelo estudo das ciências. Tenho dito. (Aplausos)

Sr. Presidente. Com a palavra Sr. Leymarie.

Sr. Leymarie (em francês). Queridos irmãos: nada tão útil para afirmar a fé nas nossas crenças, quanto vos mostrar superficialmente aonde pode conduzir a vontade consciente e constante. Indicarei dois brilhantes exemplos.

Reuniram-se em 1862 o professor Sr. Juan Macé; Sr. Camilo Flammarion, astrônomo; Emmanuel Vauchez, filósofo; Delanne, negociante e P. T. Leymarie, publicitário, com o desejo de fundar bibliotecas populares em todos os municípios da França. Para tanto pediram aos amigos cotizações periódicas a partir de um franco anual, juntando no primeiro ano 10.000 francos, e

adotando o nome de Liga Parisiense para o Ensino.

Dirigiram então cartas explicativas a todas as Prefeituras, encorajando-as a juntar adesões pela soma de cinquenta francos, e em breve uma multidão respondeu à chamada da Liga, que então procedeu desta sorte: à soma remetida pelo Prefeito, acrescentou-se mais outra, dobrando-a; e tendo conseguido das livrarias uma rebaixa nos preços de um 35%, mandava para o município 135 francos de livros, pagando, além disso, os fretes e as embalagens.

A Liga não obrigava a escolher determinados livros, mas como regra geral era pedida a sua opinião; foi preciso formar um catálogo seletivo de livros práticos, científicos, liberais; todos os livreiros colocaram-se às suas ordens, conseguindo que durante os quatro primeiros anos a Liga não precisasse de local próprio, alojada e administrada gratuitamente pelo Sr. e a Sra. Leymarie.

Foi realizado também um pedido na *Revista Espírita* aos espíritas todos, e nos cinco primeiros anos, milhares de francos engrossaram os fundos da Liga. Em breve os melhor considerados homens da Ciência, da política, do Banco, quiseram pertencer a ela, elevaram-na até ser um poder respeitável, e mudou o nome para Liga francesa para o ensino. Todas as pessoas ilustradas foram delegadas pelos grupos Bibliotecários, e em 1873, no palácio do Trocadero, Gambetta presidiu 1500 primícias intelectuais da França, os homens do verdadeiro porvir.

Cada ano, quando a Liga para o ensino realiza as suas sessões, a Câmara dos Deputados apoia as suas decisões, porque sabe muito bem que o progresso intelectual, o mais nobre patriotismo e a moral mais elevada e republicana são as suas únicas tendências, com as quais já fundou mais de 20.000 bibliotecas em cidades e Regimentos.

Pois bem: o Sr. Juan Macé, senador, sábio ilustre, condecorado, é espírita; Sr. Camille Flammarion, o célebre

astrônomo, é espírita e médium; Sr. Emmanuel Vauchez, Secretário geral, operário da inteligência, universalmente estimado e respeitado, é espírita fervoroso; Sr. Delanne é um dos propagandistas mais entusiastas da nossa doutrina; eu, que vos falo, dirijo a *Revista Espírita* e presido a Sociedade Científica do Espiritismo. Então, cinco homens amigos do progresso e da República, fundaram a Liga para o Ensino, com um desprendimento perfeito, porque a filosofia que professavam ensinava-lhes que o homem é solidário de todos os outros homens, e que mais do que ninguém, o espírita é responsável pelos próprios atos. A responsabilidade é, bem entendida, o motor mais nobre dos nossos atos; por ela abrimos nosso coração e nossa alma para esta grande ideia: o amor da Humanidade como única e verdadeira família. Então o Espiritismo demonstra-se com atos e sabe criar nobres empreitadas.

Permiti-me recordar Sr. Jean Guérin, de Villeneuve de Rions, que realizou notáveis trabalhos e mais ainda teria realizado se a morte não o tivesse arrebatado jovem ainda, e vou ocupar-me de outro eminente espírita, do Sr. Godin, que, impulsionado por suas crenças resolveu uma questão capital interessantíssima para os trabalhadores de todas as classes.

Vós o sabeis muito bem: uma divisão profunda existe entre o Trabalho e o Capital, divisão que a cada dia acentua-se mais e que nos ameaça com revoluções e convulsões sociais. Desde 1789 o Capital chegou a ser Marquês e conde, nobreza do dia; dizima a produção, acha-se com todos os direitos e se opõe às reivindicações justas dos operários; enquanto o operário conhece os próprios direitos, lê, instrui-se e não quer ver morrer de fome a família; por isso tenta o assalto, valendo-se do número, contra as instituições carcomidas que nos cercam.

Eis aqui como Godin resolveu este conflito. – Filho de um infeliz trabalhador da aldeia de Esqueheries, aprendeu penosamente a ler e a escrever na escola, que frequentava descalço a través do barro ou da neve, pensando sempre: “seria preciso mudar este método de ensino”. Aprendiz de serrador, mais tarde veio a Paris, onde aprimorou o seu ofício, ganhando salários excepcionais por sua constância e sua habilidade, e aprendendo finalmente mecânica. Lia muito, frequentava o ensino noturno, conheceu muitos sábios da Escola Politécnica e acabou por adotar com ela a teoria de Fourier. Tendo conseguido juntar seis mil francos na poupança, retornou para Esqueheries, perto de Guise, onde criou uma nova indústria, substituindo o ferro doce pelo ferro coado na fabricação de utensílios de cozinha, começando por dobrar o salário de dois francos que antes ganhavam os quatro operários que ele empregava, associando-os aos seus benefícios e, além disso, oferecendo a eles um prêmio de cem a duzentos francos por cada aprimoramento que aplicassem na sua indústria.

Assim, pôs em exercício a iniciativa pessoal, e à prova o gênio humano; em breve Godin teve 100, 200 e, por último, 1700 operários na sua fábrica de Guise e 800 na sucursal que fundou em Laeken, perto de Bruxelas (Bélgica). O salário remunerador aos seus operários, a participação e o prêmio aos inventores, tinham-lhe feito adquirir milhões representados por estabelecimentos industriais da primeira ordem.

Em 1858 resolveu juntar seus operários dispersos por trilhas penosas e sujeitos a passar pela fascinação da taverna, em um palácio social que denominou “Familistério”. Nele a mulher devia encontrar vantagens preciosas, e, ao mesmo tempo, as crianças uma instrução e uma educação superiores. Construiu-se quadrado, com quatro andares, amplos corredores e escadarias

cômodas em todos os ângulos; alojando nele 560 famílias, com luz de gás, água, calor no inverno e refrigeração no verão; estabelecendo para elas armazéns onde encontrassem o necessário, que, adquirido de primeiras mãos, estava isento da carestia que promovem os intermediários; e por último, biblioteca, imprensa diária, salas de música, de bilhar e até teatro. Cada noite, os habitantes do Familistério reúnem-se em comissões para tratar das questões de seu interesse, como compras, contas, justiça familiar, sempre respeitada, porque o hábito de se interessar e vigiar os interesses comuns, evita toda a complicada legião de juizes, soldados, sacerdotes, administradores dos interesses públicos, desterrando os inúteis, os preguiçosos, só deixando os bons operários.

Desta forma, Godin conseguiu colocar a moradia perto da fábrica e ambos perto da escola; o pai, não entrava na taverna quando passava por perto dela, e a criança estava sob a vigilância da mãe e dos professores. As crianças de ambos os sexos estão juntos, recebem instrução igual, aprendem a se respeitarem mutuamente e jamais aconteceu uma desordem, desmentindo assim a Igreja Romana que sustenta que a mulher é inferior ao homem, e a embrutece e separa os sexos para dominá-los melhor. Godin sabia muito bem que a criança é a semente que é preciso velar quando se pretendem saborosos frutos. A nação será o que as crianças quiserem, quando chegarem a adultos. Hoje o palácio aloja 1700 famílias, demonstrando que a associação do Trabalho com o Capital resolve as questões pavorosas das suas relações recíprocas, porque destrói o pauperismo e dá às famílias operárias todos os prazeres do milionário.

Quando morreu, em 1888, Godin deixava a fortuna de milhões de francos para os associados todos do Familistério,

depois de manter uma luta de vinte anos contra sua esposa, influída pelos sacerdotes e os proprietários do seu país, que consideravam diabólica a tendência iniciada. Teve de travar um preito de 18 anos, que custou cinco milhões de francos, até conseguir a liberdade de encaminhar sua fortuna para tão dignos ideais, sendo doloroso que as autoridades do Império amparassem os adversários daquele espírita socialista tão sábio, tão honesto, tão humanitário, estimado e honrado pelo mundo inteiro.

Aquele aprendiz que entrava alguns anos antes em Paris com os pés descalços e cheios de barro, chegara a ser inventor, grande industrial, organizador, filantropo, físico, químico, mecânico, comerciante, deputado. Quem tinha lhe ensinado tanto?

Acontece que Godin sabia o bastante das suas existências anteriores e do seu futuro o suficiente para confiar em que o mais humilde dos operários carrega em seu eu consciente o meio de chegar a ser um gênio, e o mais valioso, um homem honesto. (Grandes aplausos).

Sr. Presidente. O Dr. Sanz y Benito com a palavra.

Sr. Sanz y Benito. Senhoras e senhores:

Queridos irmãos e amigos:

Lamento com a alma que a minha pobre inteligência e a minha humilde palavra sejam encarregadas de desenvolver este Congresso (onde vozes tão autorizadas e eloquentes ressoaram), um assunto muito superior às minhas forças: mostrar que a doutrina espírita não é somente religiosa e mora, mas também altamente científica; que dá solução a uma multidão de problemas até hoje não resolvidos, e que, racional em seus princípios e evidente em seus resultados, aspira a lançar as bases da Ciência universal.

Como a luz se desvia da sua direção primeira ao atravessar

um cristal, por causa da refração dos seus raios, as ideias afastam-se da sua primitiva pureza quando são interpretadas por inteligências toscas como a minha. No entanto, do mesmo modo como através de cristal podemos contemplar o panorama que à nossa vista se oferece, quisera eu também que, apesar da refração que por mim há de sofrer a doutrina espírita, vós possais contemplar a grandiosidade dessa doutrina.

Ah, senhores! Tão logo a mente repara no progresso das ideias através dos tempos, como fica assombrada de que o que foi tido por grande um dia, seja tido depois por pequeno, e que aquilo que antes foi desprezado por julgar-se insignificante, engrandeça-se em valor até o ponto de não mais ser reconhecido! Esta terra onde estamos embarcados, considerada por muitos séculos como imóvel no espaço, e cujo cortejo eram os luminares do firmamento, sendo assento do rei da criação, é hoje em dia com razão apreciada, em virtude das descobertas astronômicas, como uma gota d'água perdida na imensidão dos mares, qual grão de areia que o vento levanta no deserto, menos ainda, como um átomo no infinito; e daquela categoria onde fora elevada pelo erro geocêntrico, teve de se rebaixar à categoria de simples planeta, necessitado da luz e o calor, do movimento e vida de outros astros.

Do mesmo modo, a doutrina espírita, que não há muito era julgada como passatempo de ociosos ou como preocupação de ignorantes, vem hoje a ser o novo astro que há de iluminar o campo da investigação científica para conhecer um mundo sempre sonhado, porém nunca entrevisto, e que hoje aparece, aos nossos olhos, radiante de fulgor e de beleza; e de onde nada bom parecia sair, a não ser o movimento de alguns móveis, veio a surgir uma doutrina que pretende estabelecer as bases da ciência universal, fundamentada em princípios evidentes e derivada de fatos

singelos, como de fatos singelos derivou a descoberta da gravitação universal.

É impossível nos guiarmos nas investigações científicas pelo mero dado do sentido material, pois o seu alcance é muito limitado e a interpretação, errônea, se a razão não nos advertir com frequência da sua falácia. Esses astros com cabeleira, cometas errantes que à primeira vista nos maravilham, um dia terror de almas simples, fatídicos agoureiros de inúmeras calamidades, são, para a nossa razão, mundos em formação que, em vez de produzir males, parecem destinados pela Providência para ir reabastecendo de hidrogênio e carbono os outros mundos gastados na sua atividade vital. Assim também no fenômeno da morte, onde a vista nada percebe além do cadáver de um ser jazendo inânime e hirto, cujas forças se aniquilaram com a última batida do coração e o derradeiro estertor da agonia; ali onde tudo, ao parecer, nos infunde a ideia da morte como a perda da vida, como a cessação da existência, devendo dar seu último adeus ao ser que tanto se amou, a razão veio para nos demonstrar que essa morte não existe, e que o ser não interrompe a sua vida nem por um segundo, entrando somente em uma nova fase de vida e transformação, em uma nova etapa de sua evolução. Longe de ficarem esgotadas as suas forças e destruídas as suas faculdades, ele as apresentará maiores, atuando com mais energia em outro estado, onde as relações entre o ser e os seres, e da sua individualidade com a Criação, verificam-se de outro modo mais fácil e melhor. (Muito bem! Aplausos).

Mas ia dizendo, senhoras e senhores, que a doutrina espírita afirma e apresenta a solução de alguns problemas importantes no campo da pesquisa científica, e com isso faz ver que não pretende ser mais uma religião positiva, com novos dogmas, novos ritos e cerimoniais e um plantel de sacerdotes que prosperem à custa dos

outros, sob pretexto de abrir-lhes as portas de um céu extranatural ou com a ameaça de precipitá-los no fogo eterno se não obedecerem aos seus mandatos; a doutrina espírita vem juntar o seu grão de areia à grande obra da labuta humana que com o esforço de sucessivas gerações pouco a pouco foi conseguindo ampliar os seus limites. Um destes problemas tão importantes, tanto que dele depende a solução de muitas outras questões, é aquele que se refere à noção de força e matéria. São estas duas coisas diferentes, ou é uma só coisa? Depende da força da matéria ou é tão somente uma de suas propriedades?

A doutrina espírita faz ver que não existe tal dualidade de elementos ou distinção especial entre força e matéria; que todas as forças por mais sutis e etéreas que possamos imaginá-las, sempre se manifestam diante de nós como materiais, e por tanto, que a força é apenas um estado da mesma matéria em um grau maior de atividade, atuando sobre estados inferiores, e aquilo que chamamos de matéria é outro estado em um grau maior de passividade, existindo, por conseguinte, uma simples relação de causa a efeito, porém sem que jamais possam dar-se como elementos diferentes ou separados. As forças mais sutis e incorrigíveis são sempre as mais poderosas, com maior influência, aquelas que, compenetrando as outras, produzem resultados mais importantes, existindo uma série indefinida de estados materiais, do mais concretizado de matéria sólida, apreciável aos nossos sentidos, ao mais etéreo e dinâmico, que movimenta e anima muitos outros estados inferiores, porém escapando à nossa torpe percepção sensível. Por conseguinte, não é mais a unidade de forças e a unidade da matéria o que nós afirmamos, e sim a unidade de elementos cósmicos na Criação. (O público acompanha com grande atenção os raciocínios do orador).

Deste modo, mesmo o espírito não é um ser abstrato, vago, sem forma determinada, considerado fora do organismo carnal, mas sim um ser limitado e circunscrito pela matéria, da qual é a força animadora; e a matéria é o meio, o veículo do qual se serve para realizar seus atos e verificar suas operações, atuando sempre na matéria e pela matéria.

Então, se a força sem deixar de ser matéria, atua como elemento motor da matéria mais condensada, a força é um estado articular da matéria em atividade, e imaginando um volume qualquer de matéria atuando expansivamente, sem nenhuma força a se opor a ela, por pequeno que fosse chegaria a preencher o espaço infinito, e, pelo contrário, se atuasse somente a força centrípeta, por maior que fosse esse volume, ficaria reduzido ao ponto matemático, e o espaço, o tempo e a eternidade, tudo estaria compreendido nesse ponto matemático: porque o espaço, o tempo e a eternidade não têm realidade em si; são relações do infinito com o finito que nós estabelecemos.

Outro ponto importantíssimo, impossível de se resolver até hoje, é aquele relativo à união do espírito com o corpo. Considerados como dois elementos de natureza diferente, e, para alguns, como Descartes, de natureza incompatível, o homem era conceituado como o resultado da união de duas entidades opostas, a combinação bilateral de dois elementos diferentes, o espírito e o corpo, aceitando-se sem censura a definição aristotélica do homem como animal racional. Para o Espiritismo, o homem não é a união ou composição de dois elementos diversos, o homem é simplesmente um espírito encarnado, o espírito racional em funções orgânicas correspondentes ao seu estado, sendo o corpo um meio temporal de relação entre o nosso ser e o mundo externo, que serve para transmitir ao espírito as impressões que recebe do exterior, e para devolvê-las modificadas pela atividade

psíquica, atuando e tornando a atuar no exterior por meio dele.

Assim é explicada a diversidade de tendências, a amplidão no desenvolvimento de faculdades e a diferente intensidade na atividade que os seres exibem desde a infância, porque os pais não são, como se diz vulgarmente, aqueles que dão o ser, não são a causa geradora, e sim os intermediários geradores para que o nosso ser possa se manifestar em uma fase determinada de existência, que chamamos de encarnação, pois o nosso ser é preexistente ao organismo e é sempre uno, íntegro e total, individual e indivisível, anterior, por tanto, à natureza carnal.

Como os filósofos e os Santos PP. que desta questão têm se ocupado, tomavam a existência do espírito desde a fecundação e, alguns deles, de momentos posteriores, não podiam racionalmente explicar esta diversidade de aptidões e tendências que os seres humanos mostram entre si. Também não podiam explicar-se estas diferenças pela influência germinal, como queriam os materialistas, porque na reprodução orgânica somente são transmitidos movimentos e forças materiais cuja atividade persiste durante um tempo maior ou menor, porém sem produzir ou desenvolver o menor átomo de inteligência ou a mais humilde manifestação do instinto. (Aplausos).

Então, se nosso ser é anterior e superior ao organismo transitório que toma como meio de relação, a encarnação não consiste em que o espírito se una com um organismo já existente, nem o corpo precede a encarnação do espírito, e sim que a encarnação é um ato simultâneo do desenvolvimento do ser.

Além disso, sem admitir a preexistência do nosso espírito antes da vida carnal, seria preciso tachar a Causa absoluta de arbitrária, visto que começando a existir os seres no momento de nascer para a vida planetária, alguns deles possuíam grandes

faculdades e tendências para o bem, e em outros, as faculdades eram muito limitadas e as inclinações eram torpes, não demorando os primeiros em se manifestarem como gênios e benfeitores, e os outros como idiotas, loucos e malvados.

Relacionada intimamente com esta questão está aquela de saber se os seres evoluem pela virtude e eficácia dos organismos, ou pelo contrário a atividade psíquica é que imprime o desenvolvimento e amplidão de faculdades nos seres. Até o momento atual, a ciência parece se decantar pela tese darwinista que proclama a adaptação orgânica e a seleção natural como leis que determinam a mudança e modificação dos seres nos diversos pontos do globo. O Espiritismo pretende dar uma explicação mais racional do progresso sucessivo dos seres, não considerando essas leis como causa, e sim como efeito. Não são os organismos transformando-se e modificando-se e passando de umas espécies a outras a causa da evolução e desenvolvimento do espírito: é o espírito, pelo contrário, que se desenvolvendo e aprimorando em sua atividade essencial, adquire condições de vida cada vez mais perfeitas e adequadas ao estado em que temporariamente possa vir a se manifestar. A adaptação e seleção natural correspondem, por conseguinte, ao elemento inteligente que nos infinitos estados que vai adquirindo condiciona-se às formas orgânicas correlativas ao seu estado de aprimoramento.

Não quer isto dizer que os organismos não progridam. Toda função desenvolve o órgão, e é natural que, desenvolvendo-se e progredindo os seres nos organismos, os organismos por sua vez desenvolvam-se e progridam; porém é coisa muito diferente que este progresso seja devido à virtualidade do transformismo orgânico, ou à espontaneidade e atividade do ser que anima o organismo. Donde se deduz também que os seres não arrancam de um germe ou célula que contém em si as formas preestabelecidas,

virtualmente contidas nela e pelas quais o ser necessariamente tem de passar, desenvolvendo-se em virtude da eficácia orgânica e em tempo indeterminado: os seres são e existem independente das formas orgânicas (sem serem por isso independentes de forma material), e não estão submetidos a moldes determinados ou fixos; e sim que em virtude (do seu desenvolvimento essencial, maior ou menor, conforme a sua própria atividade), podem atuar em organismos diferentes, sem ter de passar por uma escala precisa de adaptação orgânica. Por isso a teoria celular não explica, e muito menos satisfaz, quando se trata de inquirir o início e desenvolvimento sucessivo dos seres. (Aplausos)

E visto que os seres preexistem à organização e por tanto o nosso espírito é anterior a esse momento de sua vida eterna que chamamos de vida planetária ou encarnação, cabe perguntar: onde está a sua origem?

Está na razão absoluta, na sua manifestação criadora; e tendo todos os seres igual procedência, nós não podemos admitir o critério de certas escolas filosóficas e religiosas que sustentam a criação de seres de distinta natureza, sendo uns superiores ou anjos, e os outros inferiores ou homens.

Não cabe esta dualidade de criação: os seres todos são iguais em essência ou em natureza e as diferenças neles existentes, por maiores que nos pareçam, são somente de estado, de grau, de evolução no seu eterno aprimoramento. (Aplausos).

Para esclarecer esta noção gostaria de colocar um exemplo; observai o diamante quando é extraído das entranhas carboníferas e vede que nenhum fulgor possui ainda; porém à medida que o lapidário vai burilando e lavrando as suas faces, vai começando a brilhar com fúlgidas nuances refletindo a luz que recebe. Será que a sua natureza mudou? Não, somente foi

burilado, mas depois disso continua sendo tão carbono como antes. Do mesmo modo o espírito, através das existências e pelo desenvolvimento essencial da sua atividade, vai se aprimorando, burilando a sua natureza, refletindo cada vez mais a luz da verdade que fulge no universo, sendo, porém, sempre o mesmo, essencialmente idêntico. (Grandes aplausos).

E como o ser participa da causa que o produz e esta causa é infinita, os seres todos possuem uma natureza a desenvolver até o infinito, ou, em outras palavras, a evolução não tem fim, não pode chegar a termo, porque o ser contém uma natureza essencialmente perfeita e infinita. Realmente o finito não existe como estado permanente: todos os estados no ser são transitórios e mudáveis, realizando o ser a sua natureza em uma série de estados sem termo que amplificam constantemente a sua atividade e ampliam a esfera da sua irradiação. Deste modo, a criatura é limitada na sua maneira de estar, tanto em suas propriedades como nas relações que mantém com o mundo exterior, e que se multiplicarão indefinidamente; mas é sempre infinita, no que se refere ao seu ser, eterno e progressivo.

Assim é possível compreender que, sendo de natureza análoga os efeitos e as causas, Deus, a causa absoluta do universo, tenha criado ou produzido os seres com uma natureza essencialmente perfeita, como germe passível de desenvolvimento pela própria atividade no infinito. As encarnações são apenas fases ou estados temporários da vida eterna do ser; e do mesmo modo que para estudar os movimentos do planeta é preciso relacioná-los com os movimentos do sol e dos outros astros do nosso sistema, para estudar a importância e valor da vida planetária é preciso se ter em conta a sua relação com outras fases anteriores.

A Criação não é, como se supunha, uma glorificação externa

do Criador. Deus não cria ou produz por necessidade nem para glória própria: a Criação, como expressão da vontade e inteligência divina, é coetânea de Deus na eternidade, e a sua lei é o amor infinito que preside todas as outras leis do universo, a lei suprema a que estão subordinadas as restantes leis da Criação. O herói e o mártir que se sacrificam em holocausto de uma ideia, a mãe que dá a vida para salvar a do filho, o sábio que dedica a sua a descobrir uma verdade que possa ser útil aos seus semelhantes, caminham todos reflexiva e instintivamente impulsionados por essa necessidade suprema de amor, que é a expressão mais sublime da vida do espírito. Deus também nos aparece aqui como Providência eterna velando pelo progresso das suas criaturas, não intervindo por capricho para outorgar curas milagrosas ou para variar as leis da natureza, mas sim incentivando todos os seres a amar mais, a se compenetrar mais, a unir esforços e desenvolver a própria atividade para sentir e participar melhor da sua natureza. De modo que se os seres evoluem não é somente em virtude de uma natureza ingênita no seu ser: é que são atraídos, movidos e impulsionados por essa força infinita de amor, em virtude da qual Deus se manifesta como Providência eterna de suas criaturas. (Estrepitosos e prolongados aplausos).

Outra questão grave, cuja solução por parte de filósofos e teólogos nunca satisfaz a razão, é a do bem e do mal. Se o mal existe, como é consentido por Deus, infinito amor? Não pode ou não quer evitá-lo? O primeiro arguiria impotência e o segundo falta de amor às suas criaturas.

Para o Espiritismo a solução é clara e terminante: o mal não existe. Não é uma menor quantidade de bem, ou coisa contrária ao que é bom: o mal simplesmente não tem realidade; as dores, as penalidades, as mágoas e desenganos, todos os sofrimentos que

nos atingem, tudo, absolutamente tudo, serve e é adicionado em maior ou menor medida ao bem. A mesma coisa que com o mal, acontece com o frio e a escuridão, que também não têm realidade, pouca ou muita que fosse, pois que, se a afirmação é exata, a negação é absurda: se o calor e a luz existem, não é possível terem realidade o frio e as trevas, somente terão existência subjetiva para o ser que o sentir assim ou assim o apreciar; porém lá onde se diz que existe escuridão por falta da luz que é necessária para ver, outros seres enxergam com mais claridade, e lá onde tomados de frio ficamos hirtos, pode haver outros seres que desfrutem de temperatura suficiente para viver. De igual modo, aquilo que chamamos de mal, só é mal se comparado com outro bem: esse mal tão grave que é a escravidão foi em tempos passados um bem, porque implicava o perdão da vida do infeliz prisioneiro, e os males de ordem física ou moral que nos afligem, devemos considerá-los depois como meios e instrumentos eficazes de progresso, porque sem sentir as necessidades que o mundo, a sociedade e a limitação da nossa vida nos oferecem, seria impossível a nossa evolução. (Muito bem! Aplausos).

A respeito da moral, a doutrina espírita, que deseja ser científica, não pode admitir o critério das religiões positivas que a fazem derivar do princípio de autoridade, devendo ser cumpridos os seus preceitos, não porque sejam ajustados aos princípios de bondade e de justiça, mas sim porque foram ordenados por Deus, Cristo ou Maomé. O Espiritismo fundamenta a moral no bem; e assim como não acreditamos que o princípio da atração universal, descoberto por Newton, tenha valor porque foi descoberto por este homem eminente, mas sim porque é verdade, também não acreditamos que seja obrigatório cumprir os princípios morais só porque foram formulados por Jesus ou Moisés, Buda ou Confúcio, mas sim porque são leis da nossa vida racional, que o bem, como a

verdade e a beleza, têm um próprio valor por eles mesmos, e não pelo mérito daqueles que vão revelando à humanidade estes princípios. Se os fiéis das religiões positivas devem obedecer ao que elas mandam, os espíritas não obedecem, e sim cumprem os preceitos de eterna moral e justiça. (Muito bem! Aplausos prolongados).

Por último, senhores, não somente na área da filosofia, da ciência e da moral o Espiritismo pretende esclarecer dúvidas e corrigir erros, mas há de estender a sua influência grandiosa até a esfera da Arte para que por sua vez possa influir também de um modo mais eficaz sobre a cultura dos povos. Com diferente critério e oposto sentido, duas escolas principais lutam no campo da Arte; o idealismo por um lado e o realismo por outro.

Para a primeira, a Arte deve exprimir aquilo que a vida deve ser, e não aquilo que é; para a segunda, o essencial é mostrar as dores e as misérias da humanidade, para que, diante do quadro sombrio que nos exhibe, procure o remédio. O Espiritismo, trazendo para a sua esfera a pluralidade de vidas da alma, fará que não se viole a natureza como o idealismo faz, apresentando nesta existência o malvado arrependido ou castigado e a virtude sempre triunfante; também não, como faz a arte realista, que seja o vício e a corrupção a preponderar, e sim que o artista, de acordo com a realidade, terá ao seu dispor todas as vidas que quiser e precisar para nos fazer ver, sem transições bruscas nem milagres inverossímeis, como aquele ser que antes aparecia réprobo e malvado, é depois o herói ou o mártir que dá a própria vida pelo bem da humanidade.

E se com a pluralidade de existências a esfera da Arte fica engrandecida, muito mais com a comunicação entre os seres encarnados e os desencarnados, que nos dará a conhecer novos

heróis, cujas façanhas serão cantadas pelo poeta e reproduzidas pelo pintor; heróis até hoje desconhecidos, cujas obras já começamos a conhecer, e que, mostrando-nos as suas dores e torturas, os seus trabalhos e vicissitudes, ao mesmo tempo em que nos consolam nesta luta de vida, nos servirão de incentivo para perseverar na obra de redenção da nossa própria consciência e na redenção dos nossos irmãos que sofrem (Aplausos).

Por tudo isso, meus senhores, e por outras coisas que também poderiam ser acrescentadas, podem compreender que a doutrina espírita, longe de ser desprezada, merece que nos ocupemos seriamente dela, e que se ao princípio parecia de pouca importância, hoje podemos vê-la com grandiosa influência, bem como essas faíscas que cintilam no firmamento e que os sentidos nos mostram como pequeníssimas, um melhor exame nos faz ver que são sóis gigantesco, diante dos quais o nosso mesmo sol é insignificante. Porém por grandes que sejam essas maravilhas estelares, ainda devemos considerar que nós somos muito maiores ainda. Já dizia o grande Vítor Hugo: “Existe uma coisa maior do que o mar, e é o céu, e existe uma coisa maior do que o céu: o interior da alma humana.”

Efetivamente, todos esses sóis que hoje resplandecem com fulgor, deverão ir se apagando com o tempo para emprestar os seus elementos a outros que novamente irão sendo formados; porém a nossa alma, o nosso ser eterno e imutável, permanecerá sempre através dos espaços e dos tempos, continuando a sua caminhada progressiva sem se apagar jamais a sua ardente sede de conhecimento e de amor na inesgotável fonte da verdade e da beleza do Universo. Tenho dito. (Ruidosos, repetidos e prolongados aplausos. O orador é cumprimentado).

Sr. Presidente. A sessão fica em suspenso por alguns minutos. Nesse intervalo o Sr. Torres-Solanot distribui a cada um

dos jornalistas um exemplar da obra de Delanne *O Espiritismo Diante da Ciência*, livro notável que amplia alguns dos pontos tratados pelo Sr. Sanz y Benito. Esses exemplares eram obsequiados com essa finalidade pelo presidente honorário do Congresso, D. José Maria Fernandez.

A sessão foi reaberta.

Sr. Presidente. O Dr. Huelbes com a palavra.

Sr. Huelbes Temprado. Tenho a honra de apresentar o doutor italiano Sr. Ercole Chiaia, que vai ler a sua carta inserida em um jornal de maior tirada da Itália, o *Fanfulla*, em 19 de Agosto, dirigida ao famoso alienista Dr. Lombroso, desafiando-o para um minucioso estudo dos portentosos fenômenos apresentados por uma médium napolitana.

Dr. Chiaia. (Lendo em italiano).

UM DESAFIO PELA CIÊNCIA

Egrégio professor: Em vosso artigo “Influência da Civilização sobre o gênio”, publicado no nº 29 do *Fanfulla*, encontro, depois de profundas considerações de lógica e de doutrina, um sentencioso e feliz período que considerarei como uma síntese do movimento científico humano, a contar do instante em que os homens adotaram o quebra-cabeça chamado de alfabeto e até a nossa venturosa idade. Nele, dizíeis: “Toda idade é igualmente refratária para as descobertas sobre as quais não temos, ou sobre as quais temos escassos precedentes; e por isso mesmo é incapaz de reconhecer a própria inépcia para adotá-los. A repetição das descobertas, preparando o cérebro para sentir o seu influxo, vai encontrando a cada dia os ânimos menos rebeldes para adotá-los. Por dezesseis ou vinte anos considerou-se na Itália completamente louca a pessoa que indicava a pelagroceína; ainda hoje o mundo acadêmico ri da antropologia criminalística, ri da homeopatia, ri do hipnotismo... Quem sabe se eu e os meus amigos, que rimos do Espiritismo, também não estamos em

grande erro! Porque tal vez, e graças ao período que ainda atravessamos, nos encontremos como aqueles hipnotizados, na impossibilidade de reconhecer o nosso erro; ou como muitos alienados, estando nós às escuras da verdade, rimos daqueles que não estão.”

Agora, incentivado eu pelo período transcrito, tão corajoso como profundo, e que também concorda com certos fatos dos quais faz tempo que me ocupo, recolho-o cheio de contentamento, e sem intermediários, sem mensageiros, que às vezes desfiguram o conceito, e ajustando-me à mais perfeita norma cavalheiresca, diretamente vos dirijo o presente cartel de desafio. Rogo-vos não vos assusteis: é um desafio que não terá consequências cruentas; cruzaremos a arena com armas corteses, e qualquer que seja o resultado do choque, tanto se eu sucumbir quanto se fordes vós a ceder, sempre será sem que o nosso sangue corra, mas fecundo em confissões preciosas da parte de um dos contendores e útil para a nobre causa da verdade.

Trata-se de outra espécie de pelagrocéina que uns poucos encontraram no humano organismo, enquanto os mais se obstinam ainda de modo impertinente em não reconhecer nem observar sequer; uma enfermidade que os menos registramos diariamente, cuja causa ignoramos, que nem ainda denominar sabemos, porém nem por isso menos evidente, menos patente para os sentidos todos, ainda para o tato, revisão geral do conhecimento, como o nosso século analítico o tem declarado; uma enfermidade para a qual os poucos chamamos constantemente a atenção da Ciência contemporânea, enquanto a Ciência por toda resposta ri com o trejeito de Pirro, tal vez porque a sua idade ainda a faz ser refratária. Mas vos, autor do portentoso período inserido acima, não escrito sem dúvida apenas por luxo de dicção, atrevo-me a esperar não riereis quando eu vos convide para observar um caso singular, digno da atenção e ainda da seriedade, da inteligência de um Lombroso.

A enferma é uma jovem de ínfima classe, robusta, de uns trinta anos, sem instrução, de vulgares antecedentes e sem outra coisa

nobre a não ser o brilho do olhar, fascinador, irresistível, como diriam os modernos criminalistas; jovem, enfim, que, quando seja do vosso agrado, de dia ou de noite, fechada em um aposento, é capaz, com os fenômenos que, pela sua doença produz, de divertir durante longas horas um exército de curiosos mais o menos céticos, mais ou menos difíceis de contentar.

Amarrada à cadeira e segurada pelos curiosos, tem a faculdade de atrair qualquer um dos móveis imediatos, levantá-lo e sustentá-lo suspenso no ar, como se conta do féretro de Maomé, fazê-lo descer ondulando ou em espirais que parecem efeito de uma vontade inteligente, aumentar ou diminuir seu peso; provoca pancadas nas paredes, no chão, no teto, com a força e o ritmo desejado pelos circunstantes; produz faíscas como de magnésio, em torno ao próprio corpo, e ao redor dos presentes; escreve sobre o papel, sobre as paredes, em qualquer parte, letras, cifras, números, desenhos, apenas dirigindo sua mão ao lugar que lhe for indicado; colocando em um canto argila úmida, em poucos minutos apresenta impressões de mãos grandes e pequenas, de rostos de perfil ou de frente, de precisão admirável; e no dia seguinte, dessas impressões podem ser feitos moldes de gesso, dos quais já possuo uma rica coleção, de tipo constante, porém de variado aspecto, onde, quem quiser poderá encontrar motivo suficiente para observações e comparações; eleva-se pelos ares, solta ou amarrada, tomando estranhas posturas, contra todas as leis da estática e até da gravidade; faz soar, enfim, pela sala, movidos por mãos ou soprados por lábios invisíveis, assobios, sinos, acordeões e pandeiros.

Direis: caso clássico de hipnose; é um faquir que vos faz acreditar nos seus fenômenos...

Mas rogo-vos, digníssimo professor, não prejudiqueis a questão: seria hipnose, se a ilusão resultasse do momento e depois tudo se apagasse; mas se no dia seguinte ainda existem rastros, documentos dignos de consideração, o que pensaríeis? Permitti-me continuar.

Esta moça tem, em ocasiões, a faculdade de prolongar-se e de crescer alguns decímetros sobre a própria estatura, como um boneco

de borracha que pudesse esticar-se por si mesmo, tomando caprichosas formas. Quantos pés ela tem? Nós o ignoramos... Quantos braços? A mesma coisa. A verdade é que, além das pernas dela, seguradas por alguns dos incrédulos presentes, destacam outra, outras, que não parecem dela, e sim uma intervenção estranha. E suplico-vos não rir ainda, senhor professor, por eu dizer que não parecem dela; eu nada afirmo, e, além disso, tempo haverá para rirdes mais tarde.

Estando ela amarrada e selada, para uma maior segurança, destaca-se às vezes um terceiro braço, que ninguém sabe de onde é nascido, que começa a brincar com os circunstantes: tira-lhes o chapéu, a gravata, anéis, moedas, y torna a colocá-los com uma leveza e suavidade pasmosas; descompõe o terno, procura nos bolsinhos, golpeia, escova, despenteia o cabelo (de quem tem, é claro), acaricia e aperta as mãos, quando não está de mau humor; e é sempre uma mão robusta (sendo que a da doente é uma mãozinha pequeníssima), com calos, pesada, de unhas largas, que por vezes é quente, e por vezes é fria como a mão de um cadáver, que estremece; deixa-se pegar, apertar, observar quando a luz do aposento permite, e termina por elevar-se para o alto com os dedos caídos e sem força, como uma amostra de luva.

Eu mesmo vos juro senhor professor, que uma vez estou fora do antro da Circe e livra da sua influência, a maior parte das vezes eu acabo por não acreditar em mim mesmo, ao recordar as minhas impressões; porém o testemunho dos meus sentidos e a minha consciência inteira afirmam que não se trata de enganações ou ilusões do mesmo jeito que uma centena de volumes de conspícuos pesquisadores antigos e modernos, cuja enumeração é inútil comprovam a existência destes fenômenos chocantes!

Depois... Depois desta série de fatos sempre novos e inesperados, de quando em vez vem cumprimentar-nos ou apertar a nossa mão uma figura coberta de flutuantes panos, que se apresenta e se evapora em breves instantes.

Apenas observarei que essas manobras, tão pouco comuns, não

podem pretender-se a seguir da nossa maga; ela diz estar sempre disposta para tudo, como sempre escrupulosamente vigiada e decorosamente revistada, *protentate siun*, como era uso na corte de Tibério; mas não sempre cumpre as suas promessas satisfazendo a inquieta expectativa dos presentes; o qual faz pensar àquele que bem o considerar, que não está no seu próprio arbítrio, e sim que precisa de um coeficiente desconhecido, um auxílio estranho, um favor ignoto, um... digamo-lo afinal... *Deus ex machina*. Do qual se desprende a dificuldade de surpreender em um só ato tão curiosos... engodos, e a necessidade de uma série de experiências para conseguir ao menos os mais importantes, e desmascarar assim os ilusos, os suspeitos de medievalismo, como dizeis primorosamente, àqueles que sabemos está negado o grande privilégio do equilíbrio mental, do reto critério; àqueles a quem basta um simples indício (provado até a evidência) para entrever a possibilidade de forças latentes na Natureza, para induzir, da queda de uma maçã ou da oscilação de uma lâmpada, as altas leis que regem os mundos.

Agora; o desafio que vos proponho é este: se o vosso parágrafo magistral não foi só escrever por escrever, se em realidade sentis amor pela Ciência, sem preconceitos, se sois em verdade o primeiro alienista da Itália, tende a bondade de descer à arena e não duvideis em vos medir com um adversário tão cortês como débil. Quando tiverdes algumas semanas de descanso, de férias nos vossos estudos prediletos, a modo de excursão, de veraneio, designai-me uma cidade onde vos encontrar, seja Nápoles, ou Roma se vos for mais cômodo, ou até mesmo Turim, e tratarei de vos apresentar a minha maga. Vós, senhor professor, escolhereis um aposento, no qual eu não entrarei até o momento de começar as experiências; ali, vós mesmo colocareis os móveis, os instrumentos que vos parecer melhor, um piano fechado se for do vosso agrado; eu nada mais farei do que vos entregar a moça em traje adâmico, não vá se pensar que debaixo das saias oculta seus auxiliares, nua como Eva, Eva também capaz de tomar sua revanche e vos seduzir!

Assistirão outros quatro cavalheiros como padrinhos, segundo o

uso cavalheiresco; os dois vossos, vós os designareis, e os dois meus... vós, também, sem que eu os conheça antes daquele instante. Melhores condições não poderiam ser oferecidas por um paladino da Távola Redonda!

Se a experiência resulta em um fiasco, faço questão de que publicamente eu seja declarado iluso que voluntariamente se entrega para ser curado da sua loucura; se, pelo contrário, obtemos o resultado que eu espero, vós, senhor, por dívida leal, em um artigo desses que escreveis tão admiravelmente, sem circunlóquios ou ressalvas, afirmareis a seriedade dos fenômenos maravilhosos e prometeréis pesquisar sua misteriosa causa.

É pouco o que peço, mas esse pouco bastaria. Se vos recusásseis ao encontro, dar-me-íeis ao menos motivo para vos dirigir a seguinte reconvenção formal: poderão os tempos não se acharem preparados para o vulgo, mas sim para homens da inteligência do Dr. Lombroso, ao qual não está permitido seguir o conselho de Dante: *Sempre a quel ver ch'ha faccia di menzogna de l'uom, chiuder le labbra quanto puote però che senza colpa fa vergogna*.¹¹

Com o mais profundo respeito e consideração.

C.

Nota do *Fanfulla*. – “Se o nosso distinto colaborador Lombroso se prontifica a aceitar este desafio, dignar-se-á combinar o encontro com seu cortês adversário.”

Sr. Presidente. O representante dos espíritas de Sagua la Grande (Cuba), D. Eulogio Prieto, com a palavra.

Sr. Prieto. Irmãos na Humanidade, irmãos no Progresso, saúde.

De além dos mares, das Índias ocidentais, daquelas terras

¹¹ Trecho do clássico *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, Canto XVI, 126, cuja tradução livre è: “O homem, enquanto puder, deve, fechando os lábios, sempre recusar-se a expressar aquela verdade que tem a face de uma mentira, visto que faria parecer mentiroso (vergonhoso) mesmo sendo sincero (sem culpa);” — N. E.

descobertas pelo imortal marinheiro genovês Cristóvão Colombo, venho cá entre vós, ainda que imerecidamente, honrando-me com a representação de três centros espíritas: El Salvador, de Sagua la Grande, cujos modestos trabalhos talvez conheceis; La Reencarnación, da Havana, e San Pablo, de Malpáez, cidade confinante com Sagua.

Em nome, pois, daqueles irmãos da América espanhola, recebi o abraço fraternal pela vossa iniciativa e o brilhante êxito conseguido neste primeiro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, piqueta demolidora do fanatismo e da ignorância dos povos.

Encorajados e firmemente convencidos de que em dia não longínquo a luz será espalhada pela Terra inteira, continuemos caminhando avante, desfraldando o glorioso estandarte do Espiritismo e as suas consoladoras doutrinas. (Nutridos aplausos).

Sr. Presidente. Com a palavra D. Pedro Fortoult Hurtado, representante da Venezuela.

Sr. Fortoult. (Lendo):

SR. PRESIDENTE: SENHORES DELEGADOS:

Caros irmãos: Lá, no outro lado do Atlântico, na nova região onde tremulara um dia a bandeira de Castela desfraldada pelo gênio de Colombo, está a Venezuela, a minha pátria, e venho dali para vos trazer o aplauso e o abraço daqueles irmãos, e para recolher para eles a migalha de luz e de amor que lhes corresponde neste banquete da fraternidade universal. “Centro Humildade” é o nome da Sociedade de pesquisas que represento; não estranheis, então, que tenham escolhido o mais humilde dos irmãos para cumprir esta honrosa encomenda.

Extraviadas andavam as nossas almas buscando a Deus por um caminho de sombras. Quantos tropeços, quantas quedas! Nós o chamávamos em nome da luz e as trevas nos respondiam, pedindo a nós miseráveis vermes, uma lâmpada de óleo para alumiar a Deus;

imploramos a Ele em nome da justiça: Pai! Dissemos, e respondeu-nos o desprezo dos escolhidos e os soluços dos desamparados; nós O buscamos pela caridade e o amor, em nome da fraternidade universal, e só nos responderam povos e raças que tinham jurado entre si eterno ódio, e os alaridos do inferno nos disseram: Aqui não existe misericórdia! E nossas almas continuavam extraviadas, buscando a Deus por um caminho de sombras.

Um dia, entre as ondas de luz que derramava aquela aurora, a mais formosa da nossa vida, chegou até nós essa nota dulcíssima de um concerto em que as almas cantavam o hino de boas-vindas ao reinado da razão, da caridade e do amor: Deus tinha saído dos pagodes e das mesquitas, para se mostrar aos olhos da humanidade, nas profundezas do infinito, no fulgor dos astros, na flor, no inseto, no átomo, em todas as pulsações da vida, em todos os voos do espírito, em todas as harmonias da matéria.

Deus mostrava-se já tanto ao judeu como ao muçulmano, ao católico como ao protestante, e abria o seio, todo amor, dizendo: — Existe uma família de irmãos, apenas; vinde a mim, que sou vosso Pai. A ciência já deixava de ser a obra de Satanás e transformava-se no fim único da inteligência. A liberdade e a razão deixavam de serem pecados contra Deus, para transformarem-se nos mais preciosos atributos do espírito humano.

Seguimos pela nova trilha aberta ao nosso passo e encontramos o Espiritismo, ou seja, o estudo do Evangelho de Jesus Cristo à luz da razão. Graças a ti, sublime mestre Allan Kardec!... Graças a vós, caros irmãos, que, com a perseverança e a fé dos verdadeiros apóstolos, fizestes chegar até nós a luz desta eterna verdade que se impõe e continua se impondo a despeito de todas as forças que tentam destruí-la.

Foi provado por nós, à luz da filosofia e da moral, quando respondemos as impugnações formuladas pelos cegos contra a pureza dos nossos ideais; e provamos e continuamos provando no campo das pesquisas científicas, no terreno experimental com demonstrações francas e precisas.

O inimigo mais formidável do Espiritismo é o materialismo, esse como ciclone devastador que arrasa tudo o que encontra ao passo e em cujo centro flutua sinistra a sombra da morte. Não é já a fé com seus pés de chumbo e suas órbitas sem olhos; não são já as pretensões absurdas de uma seita que luta por encadear ao poste dos seus mistérios e dogmas a razão dos povos; é qualquer coisa de mais horrível, se cabe; é o extravio da inteligência no estudo da matéria: El o fisiologista, é o naturalista, é o paleontólogo, que, armados de escalpelo, de microscópio, de proveta, pretendem cada dia encontrar uma nova resultante, prova concludente das suas teses. E como o Espiritismo rompeu essa camisa-de-força, esse grilhão antinatural que se chama fé, e baixa à arena do combate empunhando o estandarte da liberdade e coroadado pela esplendente auréola da razão, respondeu e responde aos erros do materialismo com a proveta e o microscópio, ou seja, com demonstrações palpáveis e concludentes, para provar a verdade indiscutível dos seus eternos princípios. Não há mais como pesar e analisar o nosso cérebro para demonstrarmos que o nosso espírito é a resultante necessária de moléculas e células em movimento; não há mais como nos falarem de seleções para nos explicar o porquê da nossa consciência, porque o Espiritismo, respondendo aos fatos com os fatos, opõe às teses materialistas, entre outras verdades, a verdade das faculdades mediúnicas, por muito que o estudo que se tem praticado sobre estas faculdades ainda não dissesse a sua última palavra.

Temos lutado e vencido, pois, em todos os terrenos, e se algum inimigo fica ainda em pé, é a ignorância, a cegueira ou essas aberrações dos homens, pelas quais fecham os olhos para não ver, com medo de encontrar uma nova luz que destrua neles aquilo que no íntimo da sua alma acariciavam como verdade incontroversa. A estes nós os combateremos com a caridade, e eles virão até nós pela força do progresso. Temos lutado e vencido, porém falta-nos ainda a coroação da obra.

O espírito da fraternidade está em todos os povos onde a luz do racionalismo cristão tem chegado, e a este primeiro Congresso

corresponde avançar o primeiro passo no caminho para por em prática esse ideal, e propomos a Federação Universal Espírita como o único meio de que o Espiritismo ocupe definitivamente o lugar que lhe é assinalado pela razão e a justiça no concurso das ciências positivas. Caros irmãos: Não devo abusar da vossa benevolência, e termino parabenizando-vos com toda a alma e em nome daqueles irmãos da minha pátria, à mui honorável Comissão organizadora deste Congresso, ao seu digníssimo presidente, Sr. Visconde de Torres-Solanot, a todos os irmãos aqui reunidos e à culta cidade de Barcelona, cujos filhos aquilatam cada dia as suas glórias com admiráveis conquistas, nas lides do Progresso. — Tenho dito. (Entusiastas e repetidos aplausos).

Sr. Presidente. O senhor Visconde de Torres-Solanot com a palavra.

Sr. Visconde de Torres-Solanot. Senhores:

Depois dos discursos aqui pronunciados, ricos em eloquência e repletos de doutrina, e quando o doutor Huelbes Temprado vai pronunciar o da despedida, não irei eu fazer um novo discurso; porém permiti-me que vos leia as sínteses espíritas, que expus nas minhas obras. (Começa a leitura).

FUNDAMENTOS DO ESPIRITISMO

Existência de Deus. Imortalidade da alma. – Preexistência: Reencarnações. Pluralidade dos mundos habitáveis e habitados. Evolução indefinida. A prática do Bem, e o Trabalho como meio de realizá-la. Recompensas e expiações futuras, em razão dos atos voluntários. Reabilitação e felicidade final para todos. Comunhão universal dos seres. – Comunicação com o mundo dos Espíritos, provada por fatos que são a demonstração física da existência da alma. A Deus pelo Amor e pela Ciência. Fé racional. – Esperança e Resignação. – Caridade para com todos.

CARACTERES DO ESPIRITISMO

Representa uma grande aspiração que responde a uma necessidade histórica. É um passo no caminho do progresso. Não impõe uma crença; convida a uma pesquisa.

É doutrina, é filosofia, é ciência.

Eleva a razão e o sentimento, e satisfaz a consciência.

Resolve os mais importantes problemas morais e sociais; harmoniza a Ciência com a Religião, e dá uma fé racional.

Suas conseqüências alcançam todas as esferas da vida, sua influência é altamente consoladora e moral.

É o Positivismo espiritualista, que contribui à psicologia com os elementos de um estudo propriamente experimental.

É uma nova Revelação.

Será a Religião do futuro.

CREDO ESPÍRITA

Creio em Deus, a inteligência suprema, causa de todas as coisas, o Ser eterno, imutável, único, onipotente, infinito em perfeições. Creio na existência imortal da Alma ou Espírito, livre e responsável, perfectível através do fruto do próprio trabalho.

Creio na evolução constante do Espírito e da Matéria, e no Progresso indefinido.

Creio na Pluralidade dos mundos habitáveis e habitados.

Creio na Reencarnação do Espírito, trazendo para cada nova existência o cabedal de inteligência e moralidade adquirido nas existências anteriores, assim como os germes e as imperfeições de que não se tenha despojado.

Creio nos castigos e nas recompensas futuras, segundo as obras ruins ou boas.

Creio na Solidariedade universal, na Comunhão dos seres e na Comunicação com os Espíritos demonstrada experimentalmente pelos procedimentos da ciência positiva.

Creio que o Amor e o Trabalho, a Caridade e a Ciência nos aproximam de Deus.

(Prolongados e nutridos aplausos).

Sr. Presidente. O Dr. Huelbes com a palavra.

Sr. Huelbes Temprado. Quanto prazer eu teria, irmãos, senhoras e senhores, quanto prazer eu teria em vos fazer agora um discurso, se o tempo não nos urgisse! E não um discurso, porque eu não sei fazê-los, mas sim deixar fluir minha alma através da palavra acanhada e escura, em busca de outras almas que sintam como ela, almas irmãs que vibrem em uníssono, e que assim aspirem e esperem. E isso é o que farei, brevemente, agora que me é outorgada a alta honra de fechar as sessões, buscando antes amistosos acentos de despedida com profundos conceitos.

As conclusões do Congresso serão publicadas oportunamente, quando sejam assentadas nas suas sessões particulares. Permitti-me também um leve protesto, observação somente, porém necessária. Foi dito que o Espiritismo, que os oradores deste seu Primeiro Congresso Internacional, exageravam a nota mística, a tendência religiosa da doutrina nova, e isto, a meu entender, não é exato. É verdade que somos religiosos, porque entendemos ser impossível e absurdo penetrar nos campos da Ciência, nos mares luminosos da Verdade augusta, sem render tributo de admiração entusiasta, de adoração constante, ao Ser de toda realidade, à Inteligência Suprema. (Aplausos).

É verdade também que nós nos consideramos, que aspiramos a ser considerados por todos, como a agrupação mais religiosa possível, porque entendemos conhecer a Deus como nenhuma religião positiva o conhece, e quanto mais e melhor for conhecido, por força será mais adorado a cada dia. (Aplausos). Mas justamente por isso não podemos ser místicos do modo que são essas religiões; por isso não aceitamos os seus paraísos, prisões eternas das almas; por isso, justamente, todas elas combatem contra nós, conhecendo que trazemos a morte para elas e o seu

desaparecimento como aresta seca no vendaval; elas estancam-se, petrificam-se, e nós somos em tudo e sempre seremos eminentemente progressivos na ideia religiosa. A religiosidade é uma tendência natural de todo ser finito em busca de cumprir a própria essência, uma aspiração ao Infinito de que participa; a religião, em geral, deve responder ao mesmo tempo a essa aspiração permanente e à depuração progressiva dessa mesma aspiração; em se detendo, morrem, e isto é o que está acontecendo com elas agora, isto é o que nunca poderá acontecer com o Espiritismo, porque ele tem asas para se elevar e para se sustentar por evoluções e por eras indefinidas. (Grandes aplausos).

E o Espiritismo, aliás, sabeis que não é apenas religioso, ele é total, ele é revolucionário, mais revolucionário do que muitas doutrinas que se têm por revolucionárias nesse mundo, porque ele compreende todas. Pacífica, sim; incruenta, é verdade; porém profunda, demolidora deve ser a ação do Espiritismo em todas as esferas da existência que ele abrange; gostaríamos de pulverizar a sociedade presente e tornar a organizá-la de novo.

Por isso, quando, fora daqui, encontro os anarquistas, fenianos, niilistas, em vez de combatê-los, digo a eles: “vinde a nós; em nós encontrareis a força que vos falta, a única ponte lógica entre a razão abstrata que vos movimenta e a prática aplicação dos vossos desejos.” Por isso falei mais de cem vezes aos nobres corações que se ufanam com o ditado de Filhos da Viúva: vinde a nós; nós temos a palavra que procurais há séculos, através do sangue e das lágrimas. Os vossos vigilantes entendem que é meia-noite; nós sabemos que já está amanhecendo; que a corrente de união foi soldada; que aqueles que são, dão o ósculo da paz a aqueles que foram, e uns e outros esperamos fraternalmente aqueles que serão. A ignorância é a escravidão mais horrível; nós

trazemos a luz da liberdade. Por isso, enfim, a todos os humildes, a todos os deserdados, a todos os proscritos, a todos os sonhadores abrimos os nossos braços; para nós, aquele que sofre mais é sempre o mais necessitado da nossa doutrina, porque é aquele que carece mais de amor e de consolação. (Grandes aplausos).

E agora entro no objeto das minhas curtas frases. Vamos nos separarmos e vamos nos derramarmos pelo Orbe inteiro, depois do nosso fervoroso alarde; no ano que vem reunir-nos-emos em Congresso Universal, talvez, na época da Exposição de Paris; a vitória está próxima, aliás, nós já vencemos... Não vedes como vencemos?... Pois bem, levai vós todos, no fundo das vossas lembranças, a certeza de que aqui deixastes consignado o primeiro ato solene e público das vossas aspirações, e com ele a certeza do bem da Terra... (Aplausos).

Depois... até breve, até logo: o que vale para nós o tempo, o que vale a distância, se sabemos sermos donos da eternidade e desses espaços coalhados de constelações e de mundos que giram ao parecer silenciosamente sobre as nossas cabeças, mas dos quais nós ouvimos o hino eterno da Humanidade universal? Até lá, então, se aqui não tornam a se encontrarem as nossas humildes existências, até que neles possamos trocar o beijo puríssimo das almas; e se a minha palavra difícil, mas o meu desejo ardente e constante tivesse algum valor para vós, saí de aqui sendo irmãos, não somente de palavra, mas de fato e de coração. Tenho dito. (Nutridos e prolongados aplausos, repetidos por bastante tempo).

O Sr. Visconde de Torres-Solanot. Os senhores delegados servir-se-ão comparecer amanhã às dez horas da manhã neste local, para solenizar a primeira das sessões particulares.

Foi levantada a sessão.

Eram doze horas e meia da madrugada.

* * *

Durante as três sessões, foram distribuídos entre o público, jornais espíritas, folhetos e folhas de propaganda, entre elas, alguns milhares de exemplares que a Federação para a propaganda gratuita do Espiritismo, *La Solidaridad*, estabelecida em Zaragoza, remeteu para tal fim, da 2ª das suas Folhas, a qual contém duas preciosas comunicações, que são reproduzidas no final deste livro.

Atas das sessões privadas

1ª SESSÃO

Foi aberta às 11 horas da manhã, sob a presidência do Sr. Visconde de Torres-Solanot, no Salão da Ronda de São Pedro.

O Sr. Presidente expôs o objeto da reunião.

O Sr. Diéguez propôs um voto de agradecimento à Mesa e esse acordo foi tomado.

O Sr. Huelbes manifestou que a Mesa nada mais fez do que cumprir o próprio dever, e acredita que é preciso quanto antes dar as Conclusões do Congresso, e para isso em breve os trabalhos estarão no prelo, podendo cada Sociedade pedir os exemplares que quiser.

O Sr. Presidente propôs nomear uma comissão composta pelos senhores Huelbes, Sanz e Torres-Solanot, os quais, associados a outros irmãos que pudessem ajudar, revisariam os trabalhos que restam por terminar.

O Sr. Moreno disse que recebeu uma carta de D. Eugenio López Aróstegui, de Buenos Aires, com saudações para o Congresso.

O Sr. Usich saudou também o Congresso em nome do Centro de Orizaba.

O Sr. Vives perguntou se poderia ter permissão para publicar discursos soltos dentre os pronunciados.

O Sr. Huelbes disse que entende que quanto maior a publicidade dada aos discursos e acordos do Congresso, maiores vantagens poderão ser obtidas.

O Sr. Ozcáriz agradeceu à Comissão, por ter-se lembrado dele convidando-o para comparecer no Congresso; disse que estava pensando publicar fotografias de um quadro espírita seu e outras obras, se o Congresso podia apoiá-lo na empreitada.

O Sr. Huelbes manifestou que achava que, melhor do que publicar fotografias era fazer cartões litografados, e que, a respeito das obras do Sr. Ozcáriz, o Congresso faria o possível para a sua publicação.

O Sr. Moret deu as boas-vindas ao Congresso em nome dos seus representados de Gerona.

O Sr. Presidente anunciou que haveria outra sessão à noite, às 9 horas, no local do Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos e a sessão foi levantada.

Barcelona, 11 de setembro de 1888.

Visto e Aprovado.

Presidente,
Visconde de Torres-Solanot

Secretario,
Sr. Sanz Benito

2ª SESSÃO

Aberta a sessão às 9 horas da noite, e lida a ata da sessão anterior, esta foi aprovada.

O Sr. Presidente, (Visconde de Torres-Solanot) propôs que os senhores delegados estabelecessem a ordem da sessão.

O Sr. Moreno solicitou lhe fosse concedida autorização para ocupar-se das sessões do Congresso, nas colunas de vários jornais onde ele é redator e colaborador.

O Sr. Nicolau disse que se a Comissão estava pensando em publicar os documentos para extrair um produto moral e material, devia compilar os dados e fazer uma tiragem de folhetos.

O Sr. Presidente manifestou que a Mesa estava a se ocupar de fazer primeiramente um relatório, e depois um livro que contenha os discursos e documentos das sessões públicas e aquilo que fosse conveniente publicar das sessões particulares.

O Sr. Moreno disse que não pensava em publicar documentos nem atas do Congresso, e sim em facilitar a propaganda do livro.

O Sr. Chinchilla manifestou que sendo assim não precisava da vênua do Congresso.

Este tomou o acordo de agradecer ao Sr. Moreno pelo oferecimento.

O Sr. Presidente manifestou que o nosso presidente honorário D. José Maria Fernández colocou à disposição do Congresso as 32 páginas da *Revista de Estudos Psicológicos*, para o relatório das sessões.

O Congresso tomou o acordo de agradecer ao senhor Fernández.

O Sr. Presidente deu leitura a uma carta do Presidente da Sociedade de Estudos Psicológicos de Zaragoza, cumprimentando o Congresso, que ouviu com muita satisfação a leitura da referida carta.

O Sr. Vives perguntou se a Mesa já tinha redigido algumas Conclusões.

O Sr. Huelbes expôs que, a seu ver, o Congresso devia fazer uma afirmação geral da Doutrina espírita, não a impondo, mas sim a apresentando como a sua bandeira; que seja tão evidente que nem os nossos inimigos possam combatê-la, e tão compreensiva que não tenhamos temor de que no futuro o próprio progresso da nossa Doutrina possa fazer vacilar ou destruir alguns dos princípios que sustentamos. Que constituímos o primeiro Congresso Internacional Espírita e, por conseguinte, somos o mais importante de todos aqueles que possam ser realizados. Que se este Congresso determina bem a Doutrina, mas sem a dogmatizar, todos os Congressos que vierem depois não terão que se ocuparem disto, e entrarão desde já na questão da conduta; disse que, como segunda parte, deveria ser tratada a organização espírita; e que esta organização não podia ser uma imposição, porque não estão representadas todas as Sociedades e individualidades espíritas e deve ser uma organização tão suave que nenhuma Sociedade, organizada ou não, possa ter inconveniente algum em admiti-la. Inspirado nestas ideias deu leitura a umas propostas que, segundo disse, iria denominar Conselhos.

Mr. Ungher, em nome da Academia Internacional de Estudos Espíritas e Magnéticos de Roma, e de acordo com o exposto pelo Dr. Hoffman no folheto lido por ele no Congresso, propôs a federação de todas as associações espíritas, a instituição de

familistérios, de estabelecimentos de moralização de penados e a arbitragem internacional da paz.

Sobre este último assunto, o Sr. Ungher apresentou depois um projeto de estatutos.

O Sr. Huelbes manifestou que devíamos começar dizendo que o Congresso aceitava todas as Conclusões e apenas que estas não deviam ser entendidas como mandatos.

Sr. Leymarie expôs que se deveria nomear uma comissão que examinasse todos os documentos achegados ao Congresso.

O Sr. Nicolau disse que essa comissão deveria ser composta de representantes do estrangeiro, de províncias e da América.

O Sr. Vives disse que agora não é possível improvisar uma Federação em poucos dias, porque a maior parte dos delegados está para ir embora de Barcelona e que não deveria ser nomeada uma comissão, e sim que o próprio Congresso reunido examinasse todos os documentos.

O Sr. Casanovas disse que o congresso deveria tomar em consideração a opinião do Capitão Volpi.

O Sr. Huelbes propôs não levantar a sessão até acabar a leitura dos documentos.

Depois de fazerem uso da palavra vários oradores, a Mesa perguntou se proceder à leitura contínua de todos os documentos ou então nomear uma Comissão para examiná-los, e por votação nominal foi acordado dar leitura a cada um dos documentos diante do Congresso.

E a sessão foi levantada às doze horas e meia.

Barcelona, 11 de Setembro de 1888.

Visto e Aprovado,

Presidente,

Secretário,

Visconde de Torres-Solanot.

M. Sanz Benito.

3ª SESSÃO

Foi aberta às 10 horas da manhã, tendo estado reunida desde as 8 horas uma comissão composta dos Sres. Leymarie, Ungher, Chiaia, Prieto, Fortoult e Huelbes.

Foi lida e aprovada a ata da sessão anterior.

Foi dada leitura a uma carta-ofício do fundador das escolas leigas, Sr. Tudury, na qual cumprimentava o Congresso.

Continuou a sessão dando conta de uma carta e portaria de adesão enviada pela Solidarité Spirite, a sociedade de socorros mútuos estabelecida em Paris, propondo a constituição de associações com esse fim.

A seguir, comunicou-se o recebimento, do senhor D. C. Bonfiglioni, de um livro intitulado *Lo Spiritismo nella Umanità*, e o Congresso acharam por bem agradecer ao autor.

Deu-se leitura a uma carta da Sociedade Sertoriana de Estudos Psicológicos, de Huesca, na qual manifesta não estar de acordo com a ideia do Consultório, como antes estava pensado.

O Sr. Presidente perguntou se o Congresso aprovava que La Solidaridad de Zaragoza, publicasse uma das suas Folhas dando conta das Sessões do Congresso. Foi aprovado.

Da mesma forma, o Congresso tomou o acordo de que veria com grande satisfação que as outras nações dessem a maior publicidade ao resultado dos trabalhos.

A seguir, a ordem do dia.

O Sr. Presidente perguntou se todos os documentos a que não foi possível dar leitura no Congresso devem ser publicados, seja em extrato, seja por extenso, segundo a sua importância. O Congresso aprovou.

Continuou com a leitura de uma carta do capitão Volpi, de Vercelli (Piemonte), onde diz que não acha conveniente estabelecer o Consultório, e que o Congresso deve, a seu ver, proclamar as obras de Kardec como base da doutrina, sem dar a elas caráter dogmático e acordar a celebração de outro, em outra cidade, transcorridos cinco anos do atual.

Deu-se conta de outra carta do Sr. Banchieri Pantaleo, de Gênova, pedindo ao Congresso para comunicar a ele o resultado das Conclusões.

Deu-se leitura a uma carta da Sociedade Espírita de Liège, pedindo ao Congresso a publicação de pequenas edições das obras de Kardec.

Deu-se leitura a um trabalho de D. Vicente Torres, da *Espírita Espanhola*, sobre a organização e federação espírita, e o Congresso disse tê-lo ouvido com o maior agrado e mandou publicá-lo.

O Sr. Presidente deu conta de um projeto de associação filantrópica de socorros mútuos para a velhice, invalidez, orfandade, e doentes pobres, intitulada “Caixa Allan Kardec”, remetida pelo Centro espírita de Andújar, cuja delegação tem, para apresentá-lo ao Congresso. Este tomou o acordo de passá-lo a uma comissão para exame, por não ser possível no momento ocuparem-se do assunto com a minúcia requerida.

Por último, tomou-se o acordo de nomear uma Comissão Franco-Belga, outra Italiana e outra Hispano-Americana; a primeira composta dos Sres. Leymarie e Nicolau, a segunda dos Sres. Ungher e Chiaia, e a terceira dos Sres. Huelbes, Sanz, Vives, Chinchilla, Prieto e Fortoult, para redigirem as propostas ou relatórios que seriam apresentados para deliberação ao Congresso.

E a sessão ficou levantada às 11 e meia. Barcelona, 12 de

Setembro de 1888.

Visto e Aprovado.

Presidente,
Visconde de Torres-Solanot

Secretario,
M. Sanz Benito

4ª SESSÃO

Aberta às 9 horas da noite, sob a presidência do Sr. Visconde de Torres-Solanot, deu-se leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada.

Continuando a revisão de documentos, deu-se conta de certos apontamentos, que foram remetidos ao CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA de Barcelona, *La Religión Laica*, por D. Manuel Navarro Murillo; de uma carta do Diretor de *La Religión Laique*, P. *Verdad Lessard*, de Nantes, e dos trabalhos seguintes: um intitulado *O Progresso do Espiritismo*, remetido por D. Buenaventura Grangés; outro dos membros do grupo Poulain, de Paris; outro do Sr. Henri Sausse, informando sobre os fenômenos espíritas observados no groupe Amitié, de Lyon; outro da Societé fraternelle, de Lyon, expressando suas aspirações, e outro do Sr. E. Streif de Marsttat, de Paris, acompanhado da carta correspondente.

Informou-se sobre um trabalho enviado pelo Círculo de Isabela acerca da organização das sociedades espíritas. O Congresso tomou o acordo de tê-lo presente quando da formulação dos projetos de federação.

O Sr. Presidente manifesta ter lido minuciosamente todos os

documentos remetidos ao Congresso, escutando a leitura daqueles escritos em espanhol e confiando o estudo daqueles que estavam redigidos em francês à comissão franco-belga; tomou-se o acordo de, sendo possível, informar sobre eles na Resenha do Congresso.

O Sr. Presidente mostrou ao Congresso a obrinha manuscrita remetida por D. Manuel C. Ares, de Lugo, *O Pióisfa*, que é um novo idioma.

Resolveu-se agradecer ao Sr. Ares a atenção, devolvendo-lhe como deseja, o original, por não ser assunto da competência do Congresso.

Foi apresentado ao Congresso um projeto de Associação cooperativa universal, formulado por D. Juan Francisco Miranda. O Congresso decidiu ter em consideração esse projeto e examiná-lo para propagar a ideia e ver o melhor meio de realizá-la. O Congresso tomou conhecimento da nova adesão do Sr. Charles de Nozeran, de Nice, contemporâneo de Allan Kardec e colaborador em seus escritos, e também da de sua senhora. O Congresso decidiu manifestar a satisfação com que recebeu essas adesões.

O Sr. Presidente apresentou um quadro a carvão desenhado pelo Sr. Henry Terry, pintor de gênero e retratos, figurando a vista do Congresso na inauguração das sessões públicas. Por acordo resolveu-se agradecer ao autor e que a Comissão organizadora se entendesse com ele, com o fim de ver a possibilidade de que tal quadro aparecesse no livro que o Congresso está pensando em publicar.

O Sr. Chinchilla propôs que os delegados que concorram ao próximo ou executem trabalhos de certa importância, sejam convenientemente indenizados. O Sr. Burguês falou também sobre as mesmas ideias do Sr. Chinchilla. O Sr. Nicolau disse que não considerava conveniente o Congresso tomar essa decisão. O Sr.

Chiaia manifestou que isto era da incumbência dos Comitês locais.

O Sr. Huelbes disse que, a seu ver, o Congresso devia aprovar era que seria visto com agrado que no sucessivo fossem indenizados os trabalhos feitos em favor da doutrina pelas Sociedades que os ordenassem. Assim foi decidido.

O Sr. Leymarie apresentou uma proposição acerca das Conclusões que a seu ver deve tomar o Congresso. O Sr. Huelbes apresentou outra, sobre o mesmo assunto. O Congresso resolveu que as duas fossem tomadas em consideração.

O Sr. Sanz disse que achava conveniente nomear uma Comissão para redigir as conclusões e apresentá-las depois ao Congresso. Ficou decidido, designando a Mesa para isso.

E a sessão foi levantada às onze e meia.

Barcelona, 12 de setembro de 1888.

Visto e Aprovado.

Presidente

Visconde de Torres-Solanot.

Secretário

M. Sanz Benito.

5ª SESSÃO E ÚLTIMA SESSÃO

Aberta às 9 horas da noite sob a presidência do Sr. Visconde de Torres-Solanot, deu-se leitura à ata da sessão anterior, que foi aprovada.

Fez-se a leitura das proposições apresentadas pelos Relatores Franco-Belga-Italianos, e das proposições apresentadas pelos Relatores Hispano-Americanos.

Depois foram lidas as Conclusões do Congresso apresentadas pela Mesa, que foram aprovadas por unanimidade e com aplauso.

O Sr. Presidente propôs nomear uma Comissão permanente para executar os trabalhos deste Congresso, que devia funcionar até ser nomeada a organizadora do próximo. O Congresso decidiu que a Mesa designasse essa Comissão permanente.

O Sr. Prieto manifestou que, tendo de se retirar em breve, desejava saber se os Sres. Delegados estrangeiros sabiam se o Livro com os trabalhos do Congresso vai ser publicado e se os discursos em francês e italiano vão ser publicados traduzidos.

O Sr. Chiaia manifestou que esse livro podia ser publicado em espanhol e francês.

O Sr. Prieto agregou que para os gastos da publicação o Congresso podia dispor de cem pesos em nome dos seus representados de Sagua la Grande, que achava que os gastos devem ser partilhados por todos, e que devia ser comissionado O Sr. Leymarie para ver o modo de publicar em francês, e os Sres. Ungher e Chiaia para a publicação em italiano.

O Sr. Huelbes disse que considerava fácil a publicação nessas três línguas, pois o produto da venda da publicação espanhola poderia ser empregado para imprimi-lo depois em francês e com o produto da edição francesa, obter recursos para a italiana.

O Sr. Prieto disse que o livro não devia render produto material, e sim circular, e para isso devia ser distribuído gratuitamente às Sociedades e principalmente àquelas que falam a nossa língua.

Sr. Leymarie falou que assume a publicação em francês, desde que receba o livro já traduzido. O Congresso decidiu fazer desse modo e enviar outra cópia também em francês ao Sr. Ungher, para tradução em italiano.

O Sr. Presidente expôs que mesmo não estando presente o Sr. Tesoureiro, como acabava de lhe manifestar o Sr. Vice-Presidente da Comissão organizadora, existe déficit, e informava sobre isso aos Sres. Delegados para conhecimento das Sociedades.

Tomou-se o acordo de a Comissão organizadora fazer uma lista das despesas e os ganhos, para remetê-la às Sociedades.

O Sr. Prieto manifestou a conveniência de que no Livro fosse publicada a lista das Sociedades espíritas da Espanha, e das obras espíritas, pois isto facilitaria ter conhecimento dos Centros, e a propaganda da nossa doutrina.

O Sr. Chinchilla manifestou concordar com o Sr. Prieto, acrescentando que devia publicar-se a lista de todas as adesões.

O Sr. Sanz disse achar que o Congresso devia resolver sobre a maneira de se formar o Centro nacional.

O Sr. Vives (D. Augusto) falou que a Sociedade do Vallés foi quem tratou essa questão e achava que a Federação do Vallés era quem devia resolver.

Tomou-se o acordo de ser a Comissão permanente, unida aos jornais e Sociedades que achar conveniente, a encarregada de dirigir convites às Sociedades espíritas, para elas designarem o Centro nacional.

O Sr. Huelbes expôs que a Academia Internacional de Pesquisas Espíritas e Magnéticas de Roma deseja receber adesões de toda a parte, e que advertia do fato para que os Sres. Delegados pudessem se cadastrar.

O Sr. Prieto propôs acunhar uma medalha como lembrança deste primeiro Congresso, oferecendo para isso, em nome do Centro El Salvador de Sagua la Grande, a quantia de cem pesetas.

O Sr. Roquet propôs nomear uma Comissão, composta dos Sres. Usich, Huelbes, Prieto e Nicolau, para ver o modo de realizar esse pensamento.

Decidiu-se um voto de agradecimento para a Comissão Organizadora e a Executiva.

Finalmente, o Congresso decidiu, como último de seus acordos, a celebração de outro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, em Paris, nos primeiros dias do mês de setembro do próximo ano de 1889, com ocasião da Exposição Universal em projeto.

O Sr. Presidente saudou Allan Kardec, agradeceu a todos os irmãos que compareceram e àqueles que enviaram trabalhos ao Congresso, e exprimiu um testemunho de gratidão profunda aos bons Espíritos que tão diretamente auxiliaram para o brilhante êxito do Primeiro Congresso Internacional Espírita.

(Prolongados Aplausos e demonstrações de viva satisfação).

A sessão foi levantada às 12 horas.

Barcelona, 13 de Outubro de 1888.

Visto e Aprovado.

Presidente,
Visconde de Torres-Solanot.

Secretário,
Manuel Sanz Benito.

Proposições

Os Relatores Franco-Belga-Italiano, unidos, têm a honra de apresentar à aprovação do Congresso as seguintes Conclusões:

O CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA afirma e proclama a existência real e indiscutível das relações que existem entre almas encarnadas e desencarnadas; e considerando estas relações nas suas fases diversas, declara:

- 1º Que o Espiritismo é uma ciência positiva e experimental, confirmada pela História e as constantes investigações metódicas.
- 2º Que o Espiritismo é uma ciência filosófica superior que satisfaz, mais do que nenhuma outra, a inteligência, a consciência, a razão e a justiça.
- 3º Que o Espiritismo, como ciência psicológica, prova a existência da alma e dá a explicação mais lógica e racional das relações mútuas que existem entre alma e corpo.
- 4º Que o Espiritismo leva racionalmente à unidade da crença em Deus, à segurança em uma vida futura, à convicção da responsabilidade dos nossos atos e da necessidade da

reencarnação, como meio de evolução indefinida, bem no nosso planeta ou nos mundos siderais.

- 5° Que o Espiritismo chegará a constituir uma ciência social, destinada a resolver os problemas humanitários da educação e instrução integral para ambos os sexos; da legislação, da propriedade, da mutualidade, de associação e de fraternidade.
- 6° Que todos os homens devem respeitar os investigadores da verdade, mesmo aqueles não adeptos da escola de Allan Kardec.

O Congresso admite as proposições seguintes, e os Delegados que as formulam propõem-se a colocá-las em prática nos respectivos países, logo que permitido por circunstâncias favoráveis.

- 1° Disseminar os elementos da Doutrina no ensino popular e tender ao estabelecimento de cátedras da filosofia Espírita nos colégios superiores.
- 2° Propagar a Doutrina entre as massas, nas oficinas, nos centros industriais e as mais humildes moradias, a través de folhetos, palestras gratuitas e jornais.
- 3° Buscar a maneira de publicar todas as obras espíritas em Edições populares baratíssimas.
- 4° Lembrar as Sociedades Espíritas que o mestre Allan Kardec nos tem advertido para não aceitar sem um severo critério todas as comunicações, pois que a absoluta credulidade desacredita o Espiritismo.
- 5° Recomendar pesquisas imparciais e racionais da Doutrina, porque se é necessária uma federação geral dos Espíritas, não é menos preciso que cada um possa ter liberdade

- absoluta para buscar a Verdade filosófica segundo o próprio talento e inclinações.
- 6º Ensinar que não faz falta usar o ostracismo nem sequer com os Espíritas dissidentes; as nossas fileiras devem ficar livre e amplamente abertas.
- 7º Interessar os Espíritas na Cooperação, na Associação, segundo a forma criada pelo Sr. Godin em Guise (França) com seu Familistério. *Maneira de irmanar o Capital com o Trabalho.*
- 8º Transformar as prisões penitenciárias em institutos de moralização, de sorte que seja possível, como na Sociedade de mulheres libertas de São Lázaro (Paris), a reabilitar o homem caído no crime; e trabalhar para que todos os sistemas cíveis e penais sejam modificados no sentido da Caridade e da verdadeira Justiça.
- 9º Substituir o Individualismo pelo Coletivismo, e opor o Direito e a Razão à força e a violência.
- 10º Instituir a arbitragem internacional permanente, para evitar os conflitos de nação a nação.
- 11º Pela palavra e pela imprensa chegar progressivamente a desarmar as nações e a abolir as fronteiras.
- 12º Tender continuamente a unir e federar os Espíritas de um país, bem como a federar todos os Centros nacionais da nossa terra.
- 13º Trabalhar para destruir sobre o Planeta os últimos resquícios da escravidão em todas as suas formas.

12 de Setembro de 1888.

P. G. Leymarie, publicitário. – Doutor Giovanni Hoffman. – Major – Cavalheiro Efisio Ungher. – Professor Doutor Ercole

Chiaia. – Professor José Nicolau Bartomeu.

A Proposição Hispano-Americana tem a honra de submeter à aprovação do Congresso as conclusões seguintes:

- 1º Declaração de princípios (Vide síntese)
- 2º Normas de comportamento.
- 3º Bases de organização geral.
- 4º O Congresso proclama a necessidade da livre emissão do pensamento, de palavra e por escrito, na Imprensa, na Tribuna, na Cátedra e por todos os meios que forem lícitos.
- 5º A absoluta liberdade de professar e praticar toda doutrina segundo os princípios da Moral Universal.
- 6º A liberdade de associação para constituir Sociedades de propaganda da nossa Doutrina.
- 7º A formação de Ligas contra a Ignorância para difundir a instrução entre as classes populares.
- 8º O ensino íntegro e laico para ambos os sexos, como meio para evitar a autoritária imposição de crença religiosa determinada.
- 9º A elevação do sentimento pela educação artística.
- 10º Registro cível de nascimentos, único obrigatório; matrimônio cível e secularização dos cemitérios.
- 11º A Justiça como princípio na resolução dos problemas sociais e econômicos.
- 12º Formação de Sociedades de Socorros mútuos, Cooperativas e outras que tendam a proteger a vida e a facilitar o bem-estar material e moral.
- 13º Moralização do penado. Abolição da pena de morte e das perpétuas.
- 14º Criação de Ligas da Paz para difundir a ideia da Arbitragem Internacional, com a finalidade de evitar conflitos que levem

a uma intervenção da força armada. Desarme dos exércitos permanentes.

15° O Cosmopolitismo presidindo a todas as relações sociais.

16° União fraternal ibero-americana. Relação íntima entre as suas Sociedades espíritas.

17° Organização de todos os Espíritas pelos princípios de autonomia e federação.

Dr. Manuel Sanz Benito. – Eulogio Prieto. – Pedro Fortoult Hurtado. – Miguel Vives. – Juan Chinchilla.

Conclusões aprovadas

O primeiro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA afirma e proclama a existência e virtualidade do Espiritismo como a Ciência integral e progressiva. São seus fundamentos:

FUNDAMENTOS

Existência de Deus.

Infinidade de mundos habitados. Preexistência e persistência eterna do Espírito.

Demonstração experimental da supervivência da alma humana pela comunicação mediúnica com os espíritos.

Infinidade de fases na Vida permanente de cada ser.

Recompensas e penas, como consequência natural dos atos.

Evolução infinita.

Comunhão universal dos povos. Solidariedade.

CARACTERES ATUAIS DA DOCTRINA

1º Constitui uma Ciência positiva e experimental.

2º É a forma contemporânea da Revelação.

3º Marca uma etapa importantíssima na evolução humana.

4º Dá solução aos mais árduos problemas morais e sociais.

5º Depura a razão e o sentimento, e satisfaz a consciência.

6º Não impõe uma crença, convida para um estudo.

7º Realiza uma grande aspiração que responde a uma necessidade histórica.

Como consequência e desenvolvimento lógico dos seus Princípios, o Congresso Espírita entende que toda Associação e todo adepto devem, por todos os meios lícitos que estiverem ao seu alcance, dar apoio e cooperação a todas as individualidades, coletividades ou empresas civilizadoras venha a conhecer e, portanto, aconselha:

- a) O estudo da Doutrina, na multiplicidade total do seu conteúdo.
- b) A sua propaganda incessante por todo meio lícito.
- c) A sua constante realização pela prática das mais severas virtudes públicas e privadas.

Para conquistar seus fins, o Congresso Espírita entende que toda Associação e adepto deverão considerar sempre o resto dos homens de boa vontade como irmãos para combater o vício, o erro e os sofrimentos humanos.

Como consequência disso, aconselha:

- d) O respeito profundo por todos os pesquisadores ou propagandistas da verdade, mesmo se não forem espíritas.
- e) O esforço constante para difundir o Laicismo por todas as esferas da vida. A absoluta liberdade de Pensamento, o Ensino integral para ambos os sexos e o Cosmopolitismo como base das relações sociais.
- f) Federação autônoma de todos os espíritas. Todo adepto pertencerá a uma Sociedade legalmente constituída;

toda Sociedade manterá relações constantes com o Centro da sua cidade; todo Centro local deverá sustentá-las com seu Centro Nacional, diretamente ou por intermédio de Centros Regionais; cada Centro Nacional deverá sustenta-las por sua vez, com os restantes. Todos sempre sob a única lei do amor mútuo, para obter um dia a fraternidade universal.

Finalmente, o Congresso Espírita deve fazer constar que não convém aceitar sem prévio exame nenhuma solidariedade doutrinal com indivíduos ou coletividades que não derem ouvidos aos conselhos acima.

Deve lembrar também que Allan Kardec já apontava os perigos da excessiva credulidade nas comunicações mediúnicas: “Devem ser submetidas ao crisol da Razão e da Lógica”, visto que o fato da morte, por si só, não garante uma evolução.

Barcelona, 13 de Setembro de 1888.

Presidente honorário, *José María Fernández* — Presidentes: *Vizconde de Torres-Solanot. – P. G. Leymarie. – Efisio Ungher. – Dr. Huelbes Tenprado.* — Vice-presidentes: *Amalia Domingo y Soler. – Facundo Usich. – Juan Hoffman. – Pedro Fortoult Hurtado. – Dr. Hércules Chiaia. – Edward Troula. – Miguel Vives.* — Secretários: *Dr. Manuel Sanz Benito. – Eulogio Prieto. – Modesto Casanovas. – Narciso Moret.*

Adesões pessoais ao Congresso Internacional Espírita

DA ESPANHA

D. José María Fernández Colavida. — Fundador e diretor da *Revista de Estudos Psicológicos*, de Barcelona. Membro honorário de várias sociedades espíritas espanholas e estrangeiras (Presidente honorário do Congresso).

Sr. Vizconde de Torres-Solanot — Jornalista. Autor de várias obras espíritas. Presidente honorário de vários Centros da Espanha e membro honorário de outros no estrangeiro. Diretor de *La Solidaridad*, de Zaragoza e fundador de *El Iris de Paz*, de Huesca. (Presidente do Congresso).

Dr. D. Anastasio García López. — Médico diretor das caldas de Ledesma. Publicitário. Presidente da Sociedade Espírita Espanhola.

Dr. D. Joaquín Huelbes Temprado. — Doutor em Direito e em Medicina. Publicitário. Ex-deputado em Cortes. Vice-Presidente da Sociedade Espírita Espanhola. (Presidente do Congresso.)

Dr. D. Manuel Ausó. — Catedrático. Fundador da Sociedade Espírita de Alicante e diretor de *La Revelación*.

D. Manuel Navarro Murillo. — Ajudante de Obras públicas. Publicitário. Colaborador em grande número de jornais espíritas.

Dr. D. Víctor Ozcáriz. — Catedrático. Publicitário. Doutor em Direito, Graduado em Filosofia e Letras, e outros títulos Acadêmicos.

D. Vicente Torres. Advogado. Diretor de *El Criterio Espiritista*.

Dra. Amalia Domingo y Soler. — Publicitária. Fundadora e diretora de *La Luz del Porvenir*. (Vice-presidente do Congresso.)

D. Miguel Vives. — Presidente da Federación del Vallés e diretor de *El Faro Espiritista* (Vice-presidente do Congresso.)

D. Salvador Sellés. — Literato.

D. Félix Navarro. — Arquiteto. Ex-presidente da Sociedad de Estudios Psicológicos de Zaragoza.

D. Fabián Palasí. — Professor do ensino primário laico. Presidente da Sociedade de Estudios Psicológicos de Zaragoza.

D. José Agramonte. — Advogado.

Dr. D. Jaime Feliu y Goday. — Catedrático.

D. Angel Baixeras. — Arquiteto.

Sra. Marquesa viúva de Nevaes.

D. Juan Juste. — Farmacêutico.

Dr. D. José Sanfeliu. — Médico.

D. Bartolomé Castellví. — Mecânico. Vice-presidente da Sociedad de Estudios Psicológicos de Zaragoza.

Dr. D. Manuel Sanz y Benito. — Catedrático. (Primeiro Secretário do Congresso.)

Dr. D. Juan Durán. — Catedrático.

D. Dolores de Murga. — Vogal da Casa Lactância y Cuna de Barcelona.

D. Miguel Escuder. — Fabricante. Vice-presidente da Casa Lactancia y Cuna de Barcelona. Vice-presidente do Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos, membro de várias Sociedades filantrópicas.

D. Ricardo de Castro. — Ajudante de Obras Públicas.

D. José Maynou. — Livreiro. Vice-presidente da Sociedad de Estudios Psicológicos de Zaragoza.

D. Domingo Monreal. — Diretor de *El Iris de Paz* de Huesca.

D. Severo Laín. — Industrial. Presidente da Sociedad Sertoriana de Estudios Psicológicos.

D. Juan Torrens. — Livreiro-editor. Impressor de muitas obras espíritas.

D. Sebastián Roquet. Diretor de *La Unión de los Pueblos* de San Martín de Provensals.

D. Diego Ponce de León. — Funcionário público. Presidente do pequeno grupo Marietta Amor y Caridad, de Santa Pola.

D. Fermín Sánchez Dotor. — Coronel graduado, comandante de Infantaria.

D. Quintín López. — Caixista. Colaborador em vários jornais espíritas.

D. Facundo Usich. — Proprietário. Presidente do Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos (Vice-presidente do Congresso.)

D. Narciso Moret. — Empregado. (Secretário do Congresso.)

D. Modesto Casanovas. — Comerciante. Presidente e membro de várias Sociedades benéficas. Fundador e diretor da Escola primária do Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos (Secretário do Congresso.)

D. Telesforo Romero. — Capataz de Obras Públicas. Expresidente de la Sociedad de Estudios Psicológicos de Zaragoza.

D. Benigno Pallol. — Literato. Ex-diretor de *Un Periódico Más*, de Zaragoza.

Dra, Cándida Sanz de Castellví. — Escritora.

D. Florencio Pol. — Notário.

D. Manuel C. Arés. — Mecânico industrial.

D. Miguel Ruiz Matas. — Jornalista. Presidente do Centro espírita La Luz, de Alcalá la Real.

D. Juan López Viedma. — Colaborador de *La Luz del Cristianismo*, de Alcalá la Real.

D. Eduardo Moreno Acosta. — Escritor. Colaborador em vários jornais spiritistas.

D. Antonio Arroyo. — Proprietário.

D. Bernardo Centeno. — Secretário do Centro Espírita La Esperanza de Andújar.

D. Buenaventura Grangés. — Publicitário. Redator de *El Faro Espiritista*.

D. Eduardo Dalmau. — Industrial. Colaborador em várias Publicações espíritas.

PROVÍNCIAS DE ULTRAMAR

D. Eulogio Prieto. — Proprietário e comerciante. Presidente do Centro El Salvador, de Sagua la Grande (Cuba). (Secretário do Congresso.)

D. Tomás de Oña. — Proprietário e comerciante. Ex-presidente do Centro El Salvador.

D. Juan J. Garay. — Publicitário. Diretor de *La Alborada*, de Sagua la Grande.

D. Mariano Martín. — Professor de Ensino Primário. Id.

D. Jesús Lorenzo Díaz. — Comerciante. Id.

D. José R. Montalvo. — Professor de Ensino Primário. Id.

D. Hilario Aldaz. — Comerciante. Secretário do Centro El Salvador. Id.

D. Celestino Puente. — Comerciante. Id.

D. Jaime A. Bonet. — Médico. Id.

D. Dolores Bonet. — Id.

D. Nicolás López. — Comerciante. Amazo.

D. José Aboal. — Industrial. Sagua.

D. Francisco Cabrera. — Industrial. Id.

D. S. Tró. — Tenente de infantaria. Id.

D. S. Junol. — Mecânico. Vice-presidente do Centro El Salvador. Id.

D. Miguel A. Chomat. — Advogado. Expresidente do Centro La Reencarnación, de Havana.

D. Justo Muñoz y Montoya. — Empregado. Id.

D. José Lorenzo Díaz. — Proprietário. Rauducelo.

D. Eulogio Horta. — Publicitário. Cienfuegos. Cuba.

D. Eustaquio Delgado. — Proprietário. Santo Domingo, Cuba.

D. Doroteo Valle. — Funcionário público. Guanabacoa. Cuba.

D. J. Quintana. — Funcionário público. Havana. Cuba.

D. Teodoro Venero. — Havana. Cuba.

ESTRANGEIRO

Sr. Pierre-Gaëtan Leymarie. — Publicitário. Administrador da Sociedade científica de Espiritismo em Paris, representante da *Revue Spirite*. (Presidente do Congresso.)

Sr. G. Delanne. — Publicitário. Diretor de *Le Spiritisme*, de Paris.

Cavalliero Efisio Ungher. — Publicitário. Presidente da Academia Internacional de Estudios Espiritistas y Magnéticos de Roma. Diretor do jornal *Lux*. (Presidente do Congresso.)

Dr. Giovanni Hoffman. — Filólogo. Secretário daquela Academia de Roma. (Vice-presidente do Congresso.)

General Refugio I. González. — México.

Dr. Damiani. — Professor e publicitário. Florença.

Capitão Volpi. — Publicitário. Vercelli. (Itália).

Coronel Dufour. — Ostende. (Bélgica).

Capitão Beneventano. — Palermo.

Sr. Courtepee. — Jurisconsulto. Paris.

Dr. Giovanni Succi. — Viajante e jejuador célebre. Diretor de *Il Corriere Spiritico*. Florência.

Sr. Lietaut. — Publicitário. Diretor do Colégio francês do Rio de Janeiro.

D. Cosme Damián Lagos. — Livreiro editor. Diretor de *El Pan del Espiritu*, de Santiago de Chile.

Sr. Griffon. — Orã, Argélia.

Sr. Emmanuel Vauchez. — Secretário geral da Ligue de l'enseignement. Paris.

Sr. P. Verdad Lessard. — Publicitário. Nantes.

Sr. Víctor Levasseur. — Capitão reformado. Cavalheiro de várias ordens. Notável magnetizador. Primeiro discípulo do Barão Du Pôtet. Autor de obras militares e de trabalhos sobre magnetologia.

Sr. E. Streiff. — Publicitário (Paris).

Sr. Mertian. Ostende — (Bélgica).

Sr. B. Martin. — Publicitário. Id.

Sr. Laurent-de-Faget. — Publicitário. Id.

Sr. Van-de Ryst. — Lieja.

Madame Godin. — Guise (França).

- Madame la Comtesse Barbault de la Motte** — (França).
Coronel Mallet (Engenheiro). — Id.
Sr. Henri Sausse. — Publicitário. Lyon.
Sr. Thibaud. — Bordeaux.
Sr. Barão de Boscq. — Id.
Sr. Amy. — Historiador. Ardeche (França).
Sr. Marius Georges. — Publicitário. Marselha.
Sr. Besançon.
Sr. Julien.
Sr. Vincent. — Jornalista. La Rochelle.
Sr. Davin. — Orã (Argélia).
Sr. Poulain. — Paris.
Sr. Boyer. — Id.
Sr. Bellemare. — Empregado. Id.
Sr. Tournier. — Publicitário. Tours.
Sr. Jaubert. — Presidente do tribunal. Carcassone.
Sr. Cephass. — Juiz. Landes.
Sr. Evette. — Professor de magnetismo. Paris.
Sr. Panenuves. — Literato. Id.
Sr. Lomon. — Poeta trágico. Id.
Sr. Camille Chaigneau. — Id.
Madame Leymarie. — Id.
Doctor Flccschoen. — Id.
Doctor Conon. — Id.
Sr. Vautier. — Id.
Sr. Denis. — Tours.
Professor Bertinaria. — Da Universidade de Gênova.
Sr. Charles Nozeran. — Nice.
Sr. Gamondés. — Marselha.
Dra. Sebastiana M. de Lana. — Publicitária. Diretora do jornal *Luz del alma*, de Buenos Aires.
D. Juan A. del Carrel. — Presidente da Sociedade Espírita La Revelación, de Buenos Aires.
D. Manuel Bajo. — Secretário da dita Sociedade.

D. Antonio Domínguez. — Presidente da Sociedade Espírita La Esperanza, de Buenos Aires.

D. José M. Míguez. — Secretário dessa mesma Sociedade.

D. Rafael Hernández. — Senador e notável orador parlamentar. Buenos-Aires.

D. Mariano Lana y Sarto. — Engenheiro. Id.

D. Agustín Rolland. — Presidente da Sociedade Espírita *Luz del Alma*. La Plata.

D. José Meana. — Vice-cônsul da Espanha em Gibraltar.

Sr. Henry Terry. — Pintor de gênero e retratos. Gibraltar.

Sra. H. Terry.

D. Eugenio López Aróstegui. — Buenos Aires.

Sr. Casimiro Mattea. — Engenheiro. Áquila (Itália).

General de Bouligny. — França.

Comandante De Primos. — Lyon.

Capitão Viola Edoardo. — Terni (Itália).

Sra. Condesa Lea de Magny. — Turim.

Sra. de Pozzi. — Id.

Cavalliero H. Dalmazzo. — Id.

Sr. Enrico Dalmazzo. — Id.

Engenheiro Filippo Parato e família. — Florença.

Sr. Fenzi Sebastiano. — Id.

Sr. Gino Fanciullacci. — Id.

Sr. Parrnenio Bettoli. — Roma.

Sr. Conde e Sra. Condesa Cresci. — Id.

Sra. Adela Bergamini. — Poetisa (Id).

Sra. Condesa Brenda. — Id.

Sra. Condesa Naselli. — Id.

Sra. Condesa Balzani. — Id.

Sr. Conde Tognola Giuseppe. — Id.

Sr. Francesco Benicelli. — Id.

Sr. Giuseppe Raffo. — Id.

Sr. Conde Freschi. — Casalle (Itália).

Sr. Phocas. — Conselheiro da Corte (Corfu).

General Ghyca. — Romênia.

Reschim Pachá. — Governador de Trípoli.

NOTA — É fácil se ter esquecido consignar na anterior lista alguma das numerosas adesões pessoais recebidas. A Comissão permanente do Primeiro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA, suplica desculpas pelas involuntárias omissões em que poderia ter incorrido.

Adição

Aos Centros representados no Congresso

Sociedad espiritista *Luz del Alma* (recentemente formada).
— La Plata.

N. B. — O resultado é, então, terem estado representados no primeiro CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA:

Noventa e cinco Sociedades, Centros e grupos.

Oitenta grupos da Girona.

Trinta do Charente.

Os grupos espíritas do Flandres belga.

Doze grupos federados à Sociedade de Zaragoza.

Os da Federação do Vallés.

E todas as seções da Academia Internacional de Roma, estabelecidas nos principais centros da Itália.

Comissão Permanente

PRESIDENTE HONORÁRIO

D. José María Fernández.

PRESIDENTE

Sr. Vizconde de Torres-Solanot.

VICE-PRESIDENTES

D. Joaquín Huelbes Temprado.

D. Facundo Usich. — D. Miguel Vives.

VOGAIS

D. Miguel Escuder. — D. Eduardo Dalmau. — D. Valentín Vila.

— D. Augusto Vives. — D. Ezequiel Martín Carbonero. —

D. Eulogio Prieto. — D. Tomás de Oña. — D. Juan José Garay.

— D. José Cembrano. — D. Rafael de Zayas.

SECRETÁRIOS

D. Modesto Casanovas (Contador). — D. Sebastián Roquet.

— D. José María López. — D. Eduardo Moreno Acosta.

Esta Comissão constituiu a sede no local do Centro Barcelonés, já celebrou várias sessões para cumprir as

encomendas confiadas pelo Congresso, e continua constituída até terminar a obrigação.

Suas principais tarefas foram: Revisar e ordenar todos os documentos referentes ao Congresso, para arquivo; responder as cartas e comunicações; arbitrar recursos para cobrir o déficit; imprimir e distribuir para a imprensa espírita nacional e estrangeira as Conclusões do Congresso; realizar o Relatório oficial das sessões, publicado pela *Revista de Estudios Psicológicos*, de Barcelona; mandar gravar o desenho do Congresso feito pelo Sr. Terry; facilitar fotografias do grupo tomadas no salão de sessões públicas a todos aqueles que as pediram para obtê-las a preço reduzido; imprimir o livro *Resenha Completa Do Congresso*, encomendado ao Presidente; e levar a efeito os acordos da Assembleia nos seus próprios termos.

Quando concluírem as poucas pendências restantes, a Comissão, posta em acordo com a Mesa do Congresso, com as principais Sociedades e com a imprensa espírita da Espanha, dirigirá uma Portaria aos Centros espíritas do mundo, participando a eles o acordo de celebrar outro Congresso Internacional no mês de Setembro próximo vindouro em Paris, e convidando-os encarecidamente para responderem à convocatória que a seu devido tempo será feita pelos nossos irmãos da capital da França, com a finalidade de que o Congresso de 1889 seja outro grande acontecimento para o Espiritismo.

Documentos

O Congresso resolver publicar, na íntegra, se possível, ou em resumo, os documentos remetidos, que não foram lidos nas sessões públicas, mas sim nas particulares.

A Direção vê-se impossibilitada para cumprir aquele acordo, porque o espaço disponível no Livro não o permite, se ele deve se ajustar ao tamanho e condições que foram marcadas. Temos de nos limitarmos então, a apenas fazer menção dos ditos documentos, reproduzindo somente dois trabalhos cuja leitura constava na ordem do dia na última sessão pública, e sendo muito tarde da noite, não foi possível: o “Projeto de Associação para Arbitragem e Paz”, e os apontamentos acerca da Religião Leiga; fechando a *Resenha Completa do Congresso* com as duas preciosas comunicações inseridas na Folha de propaganda de *La Solidaridad*, distribuída entre o público que assistiu às sessões.

Eis aqui a lista desses documentos, na ordem em que foram apresentados:

- Ofício do iniciador e fundador da Instituição das Escolas Leigas na Espanha, D. A. Tudury Pons, cumprimentando o Congresso.
- Comunicação da Solidarité Spirite, Sociedade de socorros mútuos fundada em Paris, remetendo alguns extratos impressos dos seus Estatutos.

- Comunicação da Union Spiritualiste, de Liège, manifestando que “o Espiritismo pretende o melhoramento do estado social moderno, por meio de uma Constituição democrática da sociedade, baseada na instrução e moralização dos indivíduos”, e que, nesse senso, é uma das primeiras necessidades a propaganda ativa do Espiritismo, com a publicação de numerosos folhetos que possam ser vendidos a preços ínfimos.
- Cópia de uma proposta apresentada à Sociedade Sertoriana de Estudos Psicológicos” por um dos seus membros, combatendo a ideia do Consultório.
- Carta do Sr. Banchieri Panteleo, de Gênova, pedindo a remissão da resenha das sessões do Congresso.
- Notável trabalho de D. Vicente Torres, diretor de *El Criterio Espiritista*, sobre Organização e federação do Espiritismo.
- Projeto de Associação de socorros mútuos para a velhice, invalidez, orfandade e doentes pobres, intitulada Caixa Allan Kardec, apresentado pelo Centro Espírita de Andújar.
- Trabalho de D. Buenaventura Grangés, intitulado O Avanço do Espiritismo.
- Carta do diretor de *La Religion Laïque*, de Nantes, M. P. Verdad Lessard, cumprimentando o Congresso, fazendo votos pela união dos espíritas, pela propaganda, pela solidariedade universal e pela Religião viva, filosófica e igualitária.
- Saudação do Grupo familiar de Saint Génis Laval, afirmando suas ideias, conformes com a grande filosofia do mestre Allan Kardec.
- Carta do Sr. C. Bonfiglioni, de Bolonha, remetendo seu livro *Lo Spiritismo nella umanità*.

- Comunicação dos espíritas de Rouen, manifestando que a sua crença está baseada nos preceitos evangélicos, explicados e desenvolvidos nos livros de Allan Kardec.
- Id. do Grupo espírita de Nimes, presidido pelo Sr. Domergue, formulando as suas crenças, conformes com as ideias filosóficas expostas por Allan Kardec.
- Id. do Grupo Poulain de Paris, cumprimentando os irmãos espanhóis. Rejeita os dogmas e quer a união universal através da federação, com liberdade absoluta para praticar o Espiritismo segundo entendido por cada um. Abriga a persuasão de que seguindo os prudentes conselhos de Allan Kardec evita-se a queda em erros e fanatismo.
- Carta do Sr. Nozerari, de Nice, afirmando as suas crenças espíritas segundo Allan Kardec.
- Id. do Grupo de Duai, manifestando-se conforme com a doutrina dos Espíritos formulada por Allan Kardec.
- Relatório sobre os fenômenos espíritas obtidos com a médium Sra. Louise e observados no Grupo Amitié, de Lyon. Esse relatório vem dirigido ao Congresso pelo Sr. Henry Sausse, colaborador nos jornais *Le Spiritisme*, de Paris, *Le Moniteur Spirite*, de Bruxelas, e *La Chaine Magnétique*.
- Comunicação da Societé fraternelle, de Lyon, manifestando a sua oposição à regulamentação doutrinária e moral do Espiritismo, e apoiando um estudo minucioso, imparcial e raciocinado. Deseja reunir em um só feixe todos os membros da família espírita, e que seja elaborado um programa comum de propaganda.
- Carta do Sr. Martin, diretor de *Le Moniteur Magnetique et Spirite*, belga, expondo a própria opinião segundo a qual

devem ser aceitos como base da Doutrina espírita os princípios consignados por Allan Kardec, com todos os desenvolvimentos que a ciência possa trazer, e profundas pesquisas, ajudadas pelos reveladores de além-túmulo.

- Id. da Sociedade Union Spirite, de Chênée, manifestando o desejo de que o Congresso firme o seu programa: Espiritismo Kardecista; culto sem sacerdotes nem cerimônias; necessidade de uma loja em cada país; Congresso em Paris no mês de Setembro de 1889.
- Id. do Grupo de Montmartre (Paris) enviando sua adesão e declarando-se partidário das ideias filosóficas expostas nas obras de Allan Kardec.
- Id. do Grupo Bisontin. Id., id.
- Carta do jurisconsulto M. Courtépée, de Paris, combatendo a ideia do Consultório e o dogmatismo.
- Id. do Sr. A. Laurent de Faget, de Paris, em seu nome e no nome de grande número de amigos seus, no mesmo senso da anterior, manifestando aquilo que a seu ver deve ser afirmado no Congresso, e fazendo votos pela união.
- Id. do Grupo La Prosperité, de Schaerbeek (Bruxelas) exprimindo o desejo de que a fraternidade tome assento entre os homens, as nações e as raças que povoam a terra.
- Id. do Sr. Gamondés, de Marselha, em nome da Sociedade Union Spirite Phoceene, afirmando suas crenças e desejando sucesso completo ao Congresso.
- Id. do Grupo de Bucareste enviando sua adesão e cópia de uma comunicação mediúnica conforme com as ideias de progresso e purificação que o Espiritismo proclama.
- Id. do Sr. Ernest Brisse, presidente do grupo Sainte Luce em nome deste e da Sociedade dos grupos Girondinos

autorizados, parabenizando o Congresso e afirmando sua doutrina, conforme com os ensinamentos do mestre Allan Kardec, que se resume na máxima cristã: Amai-vos uns aos outros.

- Trabalho do Sr. E. Streif de Marstadt, de Paris. Afirmando a doutrina exposta por Allan Kardec, postula pela união espírita; faz uma exposição dos princípios que adotou depois de trinta anos de perseverantes estudos sobre Espiritismo, que não é uma religião; deseja uma história bem feita e que inclua a vida de Allan Kardec; expõe o que é e o que deve ser esta racional e consoladora crença, e reconhecendo o importante papel que no seu desenvolvimento está reservado para as raças de língua espanhola, termina Sr. Streif o seu notável trabalho com esta invocação: “Honra e glória a ti, bela e nobre Espanha, alegra-te e faz ouvirem-se os cânticos de alegria. Grandes, maiores do que tudo aquilo que até agora foi conhecido, são os destinos que na hora presente são preparados para ti nos divinos Conselhos, nos decretos eternos”.
- Projeto de Regulamento ou Constituição para organizar a Sociedade Espírita universal, ditado com o auxílio do benéfico espírito de Manuel Corchado y Juarbe, e remetido ao Congresso pela Junta diretora do Centro Fraternidad, de Isabela (Puerto Rico).

Opinião do Capitão Volpi

“Não creio que possa ter uma solução prática a ideia de estabelecer um Consultório espírita universal. Poderíamos cair no erro da velha igreja, os antigos dogmas e os pontífices. A este propósito, não posso menos do que aprovar o que foi dito na *Revue Spirite* de 10 de Agosto de 1888 na epígrafe: NOTA DA REDAÇÃO.

“Acredito que o único e verdadeiro centro de consulta, no tocante à doutrina, devem ser os Espíritos elevados que deram o primeiro impulso ao movimento espírita. Todos os grupos, assim como todos os indivíduos, colocando-se nas condições morais necessárias para isso poderão obter sempre deste Centro espiritual todos os conselhos que desejarem. Por outro lado, a base do Espiritismo experimental e sua doutrina já foram expostas por estes mesmos Espíritos, nas obras de **Allan Kardec**. Verdadeiramente, nelas existem pontos que precisam ser esclarecidos e outros que precisam de um desenvolvimento maior; mas, em essência, as obras de Kardec, eu acho que deveriam ser solenemente declaradas pelo Primeiro Congresso Espírita como farol luminoso em torno ao qual gravitassem os espíritas, sem que por isso sejam erigidas em dogma *sine qua non*.

“Além disso, acho que seria extemporâneo e pouco prático, criar um Conselho Universal consultivo. Acredito que seria, no

entanto, muito fácil e de grande utilidade, uma Confederação livre de centros espíritas, comunicados entre si através dos seus respectivos jornais, aceitando *ab initio*, por base, as obras do venerável Allan Kardec.

“Depois, acho que o primeiro Congresso Espírita não deveria ser dissolvido sem marcar o seguinte em outra cidade, não devendo acontecer antes de cinco anos de transcorrido este primeiro. No estado atual do Espiritismo, isto seria um grande resultado para o Congresso de Barcelona.”

Associação internacional para a arbitragem e para a paz

PROJETO APRESENTADO PELOS DELEGADOS DE ROMA NO CONGRESSO

(TRADUÇÃO DO ITALIANO)

ESTATUTOS

CAPÍTULO I

ARTIGO I. — A Associação Internacional para a Arbitragem e para a Paz é constituída pelos Comitês nacionais autônomos dos países onde forem formadas. As finalidades a que se propõe essa Associação são as seguintes:

- A. Examinar as causas ocasionais das dissensões entre os Estados e as Nações, tratando de preveni-las e de eliminá-las com o restabelecimento da verdade dos fatos, e direcionar a opinião pública do próprio país para uma reta reflexão.
- B. Promover o concurso das pessoas competentes dos diversos Estados para a redação de um Código e a fundação de um

Tribunal Internacional.

C. Difundir as ideias que tendem à substituição da guerra pelas soluções pacíficas, através da arbitragem e os tratados internacionais.

ART. II. – A Associação é alheia a todo espírito de partido político e crença religiosa; não impõe opinião alguma e mantém-se afastada de toda crítica das formas de governo estabelecidas.

ART. III. – Se surgir causa de dissentimento entre duas Nações, os Comitês nacionais interessados buscarão a investigação e o estudo racional das circunstâncias e dos fatos, redigindo relatórios exatos que serão comunicados a uns e outros com a troca de recíprocas considerações. Caso de persistir o dissentimento e tratar-se de assunto que possa ser resolvido através de uma arbitragem, a Associação constituir-se-á em funções.

ART. IV. – Para isto usará os meios seguintes:

- A. Correspondência entre os Comitês nacionais interessados e com as pessoas autorizadas que possam auxiliar a obra comum.
- B. Reuniões e decisões dos delegados dos Comitês das nações interessadas e mesmo dos delegados de todos os Comitês.
- C. Comunicações aos respectivos governos, aos Comitês e aos subcomitês, e à imprensa, conforme o artigo seguinte.

ART. V. – Serão comunicadas à imprensa todas as decisões e os atos da Associação e dos Comitês nacionais que possam ilustrar e corrigir a opinião pública, no tocante aos objetos da dita Associação.

CAPÍTULO II

ART. VI — Os Comitês Nacionais serão compostos de um presidente, dois vice-presidentes e seis conselheiros, além do número de estrangeiros que eles julgarem oportuno convidar para a investigação e estudo das causas que puderam originar o conflito.

ART.VII – Esses Comitês, para uma maior eficiência na gestão, poderão constituir-se sob a direção dos Comitês e subcomitês provinciais e locais.

ART.VIII. – Cada Comitê poderá estabelecer como julgar melhor as eleições dos cargos, sua duração, nomeação de secretários, etc., com artigos adicionais a estes Estatutos.

CAPÍTULO III

ART. IX. São sócios efetivos todos aqueles que pagarem uma quota anual não inferior a uma lira (peseta).

São sócios beneméritos aqueles que derem de uma só vez uma quantia não menor de cem liras.

São sócios honorários aqueles que, por sua profissão, trabalhos ou serviços possam favorecer ou tenham favorecido a consecução dos fins da Associação. Estes têm a consideração de nominais do Comitê nacional.

A Religião Laica

APONTAMENTOS REMETIDOS AO CONGRESSO INTERNACIONAL ESPÍRITA DE BARCELONA

I

Os alicerces sólidos da religião são as leis naturais e aquelas da nossa própria psicologia: a relação precisa entre a Suprema Causa Criadora e a criatura criada; o enlace necessário entre tudo aquilo que existe produzido pelas admiráveis leis da Solidariedade e a Harmonia; a série da evolução moral infinita nos mundos; o sentimento estético do Sublime; o ideal de perfeição, de justiça de fraternidade, de ordem, de deveres; o afã, jamais satisfeito, de progresso em direção ao Absoluto; o humanismo ingênito e crescente; o conhecimento sucessivo das harmonias, que nos é dado pelas leis para a vida pessoal e pública, e para o desenvolvimento físico, intelectual e moral nas suas aplicações individuais e sociais; a consciência, juiz das nossas ações; e ainda relativamente também os órgãos cerebrais, instrumentos de manifestação da teosofia, a justiça ou o amor; bem entendido que nisto comete-se uma figura retórica tomando-se o instrumento por quem o maneja, o signo por aquele que o faz, e o fruto pela árvore.

A raiz do religioso está bem assegurada nas leis naturais e na

consciência. A sua manifestação é um fato universal. Jamais houve povos nem homem algum sem religião, porque ninguém pode esquivar os deveres, as leis morais, os gritos da consciência ou os mandatos imperiosos da honra e da justiça.

As diversidades de manifestação das ideias e sentimentos religiosos são, ao fundo intrínseco deles, o que o idioma inglês, alemão, francês, russo, hebreu, grego, latino, ou qualquer outro, são ao pensamento; quer dizer, que não alteram a essência motora e formadora do signo, origem de infinita variedade. Essa base indestrutível, que as leis do elemento espiritual dão à religião, desafia o tempo e as ciências que nada farão a não ser robustecê-la e sancioná-la.

II

A religião laica, não-sacerdotal, ou anticlerical e antissectária, baseia-se em todas as leis morais, e principalmente para o atual período histórico, nas leis do livre-pensamento e da igualdade. Cada um é chefe, rei, sacerdote, presidente e mestre de si mesmo; e ao mesmo tempo é servo e subalterno da própria consciência. Cada um governa-se a si mesmo em toda esfera de atividade, sem padres nem pastores, sem donos do seu pensamento, sem autocracias: tanto na religião como na política ou nas finanças.

Essa é a emancipação do insuficiente, que foi posta em prática por todos os chamados de santos, os profetas, apóstolos, mártires, hereges, reveladores, filósofos, legisladores, cientistas, reformistas sociais, políticos e todos aqueles que falam do progressivo, do novo ou do melhor; bem sozinhos, para se socializarem depois, bem reunidos em conclaves, congressos, lojas, cortes, academias, escolas, clubes ou assembleias de todo tipo.

É a religião da consciência;

A emancipação daquilo que não basta;

A evolução e a liberdade;

E é o que pratica cada homem e cada grupo, grande ou pequeno, a respeito do vizinho de perto ou de longe, no lugar ou no tempo histórico.

É possível uma religião sem padres ou diretores?

Perguntai-o às mutações da História.

Já podeis ver que sim, vós, que não tendes por guia de vossos atos outros homens, pastores, mestres ou como quer que sejam chamados. E já vedes também vós, que não construís igrejas ou capelas; e todos os outros, que passais bem sem pagodes, mesquitas, sinagogas, capelas protestantes ou casas modestas de oração, nem tendes pastores marionetes, anglicanos, quakers ou batistas.

Passais bem sem todos, menos um. Generalizai o fato: aumentai um dado a mais na emancipação, microscópico diante do conjunto, e tereis resolvido o problema, substituindo com a vossa consciência o lugar que declareis como vaga de salário e emprego.

É questão de lógica, de confiar os nossos interesses morais e materiais à nossa própria direção, e de saber que a evolução histórica é uma série de protestantismos que matam o velho erro e trazem a Boa Nova.

É também questão de não se deixar enganar pelos políticos e comerciantes, que traficam para o próprio lucro com direitos e deveres que não são suscetíveis de serem comprados ou vendidos.

III

A religião laica é a harmonia das antinomias.

Quer ordem e liberdade; o progresso e a conservação daquilo

que é legítimo; a autonomia e a solidariedade; a ação espontânea e a federação; a propriedade legítima e a mutualidade em uma só palavra, o equilíbrio de todas as antíteses; a harmonia sucessiva e evolutiva. Sabe que a unidade e a variedade são leis naturais; e para esclarecer os deveres e não se deixar adiantar pela ciência, ficando esta harmonizada com o sentimento, aspira a constituir uma síntese própria do nosso tempo. Assim faz mais do que a ciência, porque impõe o dever ao sábio de viver em contato com o ignorante e o pobre, e manda que o eleve e o eduque. É, pois, uma garantia de ordem social; uma aliança da religião com a ciência, harmônicas nas suas verdades; um baluarte da consciência e o livre-pensamento. Não somente nos dirige rumo a uma autonomia individual, como também a um autonomismo corporativo ou associacionismo independente e solidarizado, assim como em outras ordens de fatos existem lojas, academias e outras iniciações especiais, fundadas por si, com vida própria e logo federadas. Combate o sectarismo intolerante.

Na série ou escala moral do mérito não confunde os papéis como aconteceu com os cegos do entendimento em tempos de Cristo e Herodes, os Imperadores e as vítimas do Circo, ou os carrascos da Inquisição e seus mártires. Aqui não é possível escalar postos através de declarações oficiais, decretos de parlamento, congressos, concílios, comitês de saúde pública ou influência de jornalistas, pró ou contra, e sim através da abnegação e o sacrifício, sendo o mais principal um servo de todos e o mais libertador por suas obras, ou aquele que, como Cristo, combater melhor todos os Rabis. É a religião de elevar o espírito e regenerá-lo, e não senta as suas bases em interesses transitórios de partidos, verdadeira peste que corrompe a religião.

Outra das suas bases firmes é a fraternidade, incompatível com o espírito de seita, sinônimo de opressão ou despotismo.

A liberdade sem fraternidade, sem evolução moral, é a permissão para todas as más paixões, frequentemente com capa de sabedoria e de bom governo.

Exige, portanto, como condição necessária instruir-se, melhorar-se, despojar-se pouco a pouco dos vícios, adquirirem virtudes e abandonar o orgulho e o egoísmo, e acima de tudo, o ódio, que envenena e censura tudo, e acha tudo ruim, menos o que é seu. Quem tiver ódio no coração não é dos nossos.

Ao mesmo tempo, deve fazer seus irmãos participarem dessas benesses, sob o tríplice aspecto do progresso aplicado ao físico, financeiro, intelectual, artístico e moral; porque o renascimento religioso traz consigo todo o bem, e nele estão encarnadas todas as reformas sociais. Estas reformas são o fruto de uma nova seiva. O avanço do progresso é: involução ou levedura; elevação do sentimento; amplidão de escopos; anteposição do bem coletivo ao próprio; vida ajustada à nova lei, ou formação do homem novo; exteriorização ou socialização do ideal superior, e, por último, associação ao congênere ou similar, e crescimento federativo. Assim é conquistada a unidade na regeneração moral, e a liberdade nos detalhes. A aspiração à perfeição pelo progresso indefinido, praticando o amor e a tolerância com as diversidades de culturas.

Todos somos irmãos e ramos de uma só videira.

V

Qual será o templo da religião laica? A consciência, o universo

com suas miríades de mundos, a ribeira do mar, o lago, o prado de flores, o bosque, o areal, o regato, a oficina, o lar, o laboratório, a cátedra, a imprensa, a câmara secreta, o hospital, o tribunal, todo lugar onde alguém se sacrifica pelo irmão, pelo bem da verdade, e onde se adora a Deus em espírito e em verdade, como Cristo disse à samaritana; todo local onde se cultua a fraternidade, o progresso e a liberdade, sentidos e praticados para todos os homens sem fazer exceção de ninguém.

Isso é barato, belo e bom; e progredirá que será uma bênção de Deus.

(Extratos em tradução livre da escola de Fauvety. Vide *La Religión Laique*, revista mensal publicada em Nantes (Loire Inferieure), e custa 6 francos por ano para os países da União Postal.)

Manuel Navarro Murillo

Considerações sobre as vantagens e fundamentos do Espiritismo

**Comunicações obtidas na
Sociedade Progresso Espiritista de Zaragoza.**

Médium Daniel Suárez

I

Ouvi e vós sabereis tal qual eu poderei dizer, e tal qual vós podereis compreender, as vantagens do Espiritismo.

No infinito repleto de matéria e espírito, nada morre.

Aquilo que chamais de morte na matéria, é somente a decomposição de um ser para mais se aperfeiçoar.

Aquilo que chamamos de morte no espírito, é somente a sua decomposição na matéria, para melhor se depurar.

Quando dizeis que a matéria morre, não percebeis que um espírito recupera a liberdade; quando dizemos que um espírito morre, quase não lembramos que ele anima a matéria.

A decomposição da matéria dá vida ao espírito, e a encarnação do espírito na matéria dá vida a ela. E esta ação e reação da matéria e espírito resultam na verdadeira vida, a melhor maneira

de ser, a perfeição e a evolução.

Os mundos, o homem e todos os outros seres morrem, ao parecer; o espírito sujeito à matéria parece asfixiar-se dentro dela.

Não. A matéria e o espírito precisam um do outro, procuram-se, encontram-se, combinam-se, saem de si mesmos, e separam-se para buscar seus centros e chegar até eles mais depurados, mais perfeitos.

O espírito aprimorado busca matéria aprimorada à altura.

O ser orgânico que se chama de homem, tem espírito perfeito que responde à perfeição do seu organismo.

O espírito que vive no homem encontra nele condições para desenvolver e colocar em atividade a ideia que ele faz de Deus. O homem foi rude nos primórdios, mas aprimora-se de geração em geração; rudes foram também as suas noções; rude a noção de Deus; porém, como a cada século se aprimora mais e mais, hoje a noção de Deus é, no homem, muito mais verdadeira, mais digna, mais elevada.

A uma noção tal de Deus, tal culto e tal religião.

A noção rude e mesquinha de Deus produziu deuses rudes e mesquinhos que se relacionavam com os homens, deuses à altura do homem, deuses que ele via e tocava, e que sendo feitos por suas próprias mãos tinham, para sua desdita, todas as suas paixões e nenhuma das suas virtudes.

Porém, aprimorando-se o homem e elevando mais e mais o pensamento, seu Deus também foi subindo até ficar sentado no Céu.

II

Esse céu, do qual apenas percebeis alguns pontos luminosos, todo ele é matéria. E se adquirindo a extraordinária velocidade do raio de luz, fosse fácil para vós ir além das suas distâncias imensas,

por muito que pudésseis subir, sempre veríeis um céu suspenso a incalculável distância: matéria sobre as vossas cabeças, matéria e matéria a vossos pés.

O céu dos vossos olhos materiais, matéria é.

A matéria é uma verdade que sentis palpitar em vós mesmos e que vedes girar no infinito.

O espírito é outra verdade que sentis pensar em vós e que pressentis na eternidade. Porém não basta pressentir, é preciso ver. Se vos é possível sentir a matéria em vós e vê-la no infinito, também é possível sentir o espírito, mas não o ver na eternidade.

Aquilo que é sentido, porém não é visto, não satisfaz à compreensão; não basta, então, pressentir; é preciso ver.

O Espiritismo tende a mostrar o céu do espírito com a sua luz essencial, que é a inteligência, como a luz essencial da matéria vos mostra o céu material que vos cobre.

Por isso o Espiritismo é luz.

Luz que ilumina um céu onde, por muito que possa subir o pensamento, sempre encontrará céu eternamente acima, e, em baixo, eternamente céu.

Vós sentis, mas não vedes o céu do espírito; o Espiritismo o mostrará e vós o vereis. Mas vereis, e não como os olhos materiais, que veem apenas aquilo que podem alcançar, mas sim como a inteligência, que vê aquilo que sabe penetrar.

Tendes inteligência, ou seja, luz; aplicai-a, e vereis.

III

Todas as religiões acreditaram ter falado a sua última e primeira palavra: o Espiritismo falou a sua primeira e sabe que jamais vai falar a última.

Todas as religiões vingam e castigam o mal; o Espiritismo não vinga nem castiga, corrige e emenda.

Todas as religiões têm filhos privilegiados; para o Espiritismo nenhum ser deixa de sê-lo.

Todas as religiões têm céus, além dos quais nada melhor existe; o Espiritismo tem um céu para cada céu.

Todas as religiões são exclusivas, nenhuma outra crença cabe dentro das suas; o Espiritismo não rejeita nenhuma, para corrigi-las.

Muitas religiões castigam a matéria como desprezível; o Espiritismo ensina a conservá-la como coisa digna.

Muitas religiões brigam com a ciência; o Espiritismo faz dela o seu assento.

Todas as religiões dão ao Espírito apenas uma morada: a Terra entre dois limites, um de prazer e outro de tristeza eterna; o Espiritismo dá a ele por morada o Universo sem limites de felicidade e glória.

Todas as religiões maldizem quem as afronta ou contradiz; o Espiritismo não tem motivo para isso, e garante felicidade para todos.

Todas as religiões definem o seu Deus, de onde resulta uma definição humana; o Espiritismo não o define, porque nada humano pode definir aquilo que está fora da humanidade.

Todas as religiões prometem; o Espiritismo promete e garante a todos.

As promessas de muitas religiões são limitadas; as promessas do Espiritismo, não.

Os adeptos de muitas religiões obedecem; os adeptos do Espiritismo cumprem.

Muitas religiões castigam aquele que não obedece aos seus mandatos, que, apesar do castigo, podem não serem cumpridos; o

Espiritismo obriga a cumprir, e faz ver a falta cometida.

Muitas religiões fazem-se obedecer muito mais pelo terror; o Espiritismo, sempre por amor ao bem.

Muitas religiões preenchem; o Espiritismo transborda.

Todas as religiões possuem vácuos lá onde o desconhecido está; o Espiritismo vê tudo cheio, e espera algum dia chegar a conhecer.

Para abraçar muitas religiões é preciso fechar os olhos e cruzar os braços; para abraçar o Espiritismo é preciso estender os braços e abrir os olhos.

Para ouvir a verdade de muitas religiões, é necessário inclinar a frente e cegar a razão; para ouvir as verdades do Espiritismo, é necessário olhar o céu e desdobrar a inteligência.

Muitas religiões falam; o Espiritismo faz falar.

Muitas religiões, ao adorar, pedem, porque acreditam no bem e no mal; no Espiritismo a adoração é gratidão, porque apenas acredita no bem.

Muitas religiões rejeitam aquilo que não é obra sua; o Espiritismo recebe para corrigir.

O paganismo embrutece, o judaísmo humaniza, o maometismo embriaga, o cristianismo civiliza, e o Espiritismo eleva.

O pagão toca seu Deus, o judeu sente-o, o maometano sonha com Ele, o cristão ama-o, o espírita louva-o.

Para o pagão qualquer coisa é Deus, para o judeu é Senhor, para o maometano é Dono, para o cristão é Pai, para o espírita é Deus.

O paganismo obscurece e o judaísmo faísca, o maometismo reflete, o cristianismo ilumina, e o Espiritismo alumia.

Adeus.

Tudo aquilo que eu pudesse dizer, o qual é muito, a ciência o dirá, porque busca a verdade em todas as suas manifestações.

Dizei a todos aqueles que não estiverem convosco, que se a virtude é o seu norte, vós estais com eles.

Dizei a aquele que for virtuoso, que mesmo que ele não nos reconheça, nós o conhecemos.

Dizei, enfim, que amamos o bom, e que procuramos corrigir o mau.

Nada mais. Espíritos virão para melhor vos convencerem; eu apenas sei oferecer-vos esta nova prova do muito que vos amo.

Marietta

I

O homem vê o homem, ouve-o e toca-o. Não pode duvidar de que o homem existe: mesmo quando duvida, mesmo quando ele fecha seus olhos, tapa seus ouvidos e esconde suas mãos, uma voz interior levanta-se e lhe diz: Eu sou.

O homem não pode negar-se, não pode negar o homem.

O homem sabe que perto dele e fora dele existe alguma coisa. Sabe que um mundo, do qual depende, sustenta-o.

O homem vê além do mundo onde ele habita milhões de mundos, estuda seus movimentos, revoluções e leis que os regem, e observa a grande harmonia e a influência que têm sobre o seu.

O homem vê no espaço um além grande, imenso, e pressente um além mais gigantesco e incomensurável, e de além em além, pressente o infinito.

O homem vê em si mesmo algo de verdadeiro; vê perto algo também de exato; vê no espaço muito mais de verdadeiro, e

presente além e além, muito mais de exato, o qual, na medida em que se dilata, é mais e mais verdadeiro; e assim, de verdade em verdade, presente a única e exata verdade.

O homem vê em si mesmo algo de belo, vê belezas que o cercam e vê no espaço muito mais beleza, e remontando de beleza em beleza, presente muito além da grande beleza.

O homem sente em si algo de grande, algo de exato e algo de belo, que o guia rumo a esse além imensamente grande, completamente exato e enormemente belo.

O homem vê-se obrigado a caminhar rumo a esse além, impulsionado pela força da sua inteligência rumo ao grande, na medida da sua razão rumo ao exato, e rumo ao belo pelos movimentos do seu próprio coração.

Mesmo quando o homem se detém um instante e duvida, a sua inteligência fala, sua razão mede e seu coração bate. É que o grande, o exato e o belo existentes lá no além, fora do olhar do homem, o atraem e o chamam; e a inteligência, a razão e o sentimento para o belo, faíscas desprendidas daquele grande Todo, respondem.

II

Todas as crenças inventaram um além absurdo, um além mesquinho para a inteligência, para a razão e o sentimento.

Todas as crenças combatidas pela inteligência, negadas pela razão e censuradas pelo sentimento têm tentado deter a inteligência que voa, a razão que reflete e o sentimento que cria.

Todas as crenças impulsionadas também rumo a esse além escondido antes e depois do tempo e do espaço, disseram que quando é encontrado, o além foge mais longe ainda, por muitos

esforços que a inteligência faça, e mesmo que pense tê-lo encontrado.

Esse além se apresenta a nós de algum modo; corremos a buscá-lo, chegamos a encontrá-lo e ele se apresenta muito mais longe ainda, a uma distância incalculável; corremos de novo, chegamos e mais longe o vemos. Assim, de além em além o Universo caminha para onde?... Deus o sabe.

Deus, ah! Quanto mais pensamos nele, mais inacessível ele fica para a inteligência. Deus está além de quanto mais além nós formos.

Todas as crenças disseram: Deus está ali; chegou a hora em que baste dizer: por aqui se vai a Deus. E quem o diz? O Espiritismo.

Todas as crenças pensaram achar a finalidade, o objeto e destino da Criação; o Espiritismo somente tenta buscar o princípio da trilha que leva a tudo o que é grande, belo e verdadeiro.

Todas as crenças têm sido audazes nas suas pesquisas, que deram como resultados finais limitados; o Espiritismo, modesto nos seus começos, terá finais grandiosos, ilimitados.

Todas as crenças têm pretendido saber o princípio e o fim; o Espiritismo pretende começar e sabe que concluir não é dado.

Todas as crenças chegaram a um limite, além do qual supõem, no princípio, a Deus entre o vácuo e o nada, e no final, Deus entre uma Criação limitada; o Espiritismo pressente Deus no passado entre uma obra sem princípio, e no futuro, cada vez mais longe, sobre aquilo que é maior, mais belo e mais verdadeiro.

Pretender de um só golpe descrever o passado, tocar o presente e saber o objeto do porvir, é pretensão apenas de antigas preocupações.

O Espiritismo descreve o passado segundo aquilo que vê com a inteligência; toca o presente segundo aquilo que alcança pela razão; e conhece o objeto do porvir pelo que sente no coração. A inteligência, a razão e o sentimento unidos, enxergam a grandes

distâncias e com olhar seguro no tempo e no espaço. Entender, raciocinar e sentir devem estar unidos, para enxergar com segurança e clareza.

A inteligência, sem a razão, perde-se; sem o sentimento, afadiga-se; a razão, sem a inteligência, torce-se; sem o sentimento, desvaira; o sentimento, sem a inteligência, confunde-se; sem a razão, precipita-se.

Todas as crenças, por não terem unido estas três grandes faculdades do homem, viram-se obrigadas a encerrar-se em estreitos limites para deter o seu voo, que tende a remontar-se por toda a parte; o Espiritismo, unindo-as, não encontra limites, e vai medindo a grandeza infinita da obra de Deus em razão do quadrado das distâncias que vai descobrindo.

III

É lei imposta a todas as coisas caminhar por diferente via, segundo as suas funções, rumo a um único e grandioso fim.

É fácil deter-se, é difícil deter-se muito tempo, deixar de avançar é impossível.

Todas as crenças detiveram-se, mas já estão detidas demais, e chegou a hora em que precisam avançar. O Espiritismo é a vanguarda de todas as crenças que a caminhada rompe; a humanidade vem depois.

O Espiritismo é a continuação do princípio que ao além conduz.

Quem quiser, dando asas à inteligência, ser operário razoável da continuação de um princípio, que do passado vem sendo trabalhado, verá muito antes o primeiro além que se apresentar.

A humanidade veio subindo trabalhosamente pela ladeira dos tempos: Moisés, com a lei na Mão, levou-a até o pé da grande montanha sobre a qual se estende a abóbada do desconhecido;

Jesus, com a sua moral inabalável, conduziu-a até o cume, e mostrou-a no céu. Que a humanidade obedeça a sua voz e siga o seu caminho lançando-se ao espaço.

Adeus. Não foi meu propósito ferir a inteligência; é impossível; apenas tento demovê-la com a razão, em vista de que Marietta soube fazê-lo tão admiravelmente com o sentimento.

Cervantes

Obras de Allan Kardec

COMPÊNDIOS

O Que é Espiritismo? — Introdução ao conhecimento do mundo invisível ou dos espíritos.

O Espiritismo em sua expressão mais simples. — Exposição sumária dos ensinamentos dos espíritos e de suas manifestações.

Resumo da filosofia espírita.

Resumo da lei dos fenômenos espíritas.

Caracteres da revelação espírita. Coleção de orações espíritas.

LIVROS FUNDAMENTAIS

O Livro dos Espíritos (Parte filosófica) — Contém os princípios da doutrina sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, segundo os ensinamentos dados pelos espíritos superiores com auxílio de diferentes médiuns.

O Livro dos Médiuns — (Parte experimental) — Contém a explicação em especial dos espíritos sobre a teoria dos tipos de manifestação, os meios para comunicar com o mundo invisível e para desenvolver a faculdade mediúnica, e as dificuldades e obstáculos que poderão se apresentar na prática do Espiritismo.

O Evangelho segundo o Espiritismo — (Parte moral) — Contém a explicação da doutrina moral de Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diferentes posições da vida.

O Céu e o Inferno, ou a justiça divina, segundo o Espiritismo. — Contém um exame comparado das doutrinas sobre a morte, o céu, o inferno e o purgatório, dos anjos e dos demônios, e numerosos exemplos das diferentes situações felizes ou infelizes dos espíritos no mundo espiritual e na Terra.

A Gênese, os milagres e as profecias, segundo o Espiritismo. — (Aspecto científico da doutrina)

Obras póstumas de Allan Kardec. — Interessantes estudos onde são desenvolvidos diferentes pontos da doutrina espírita, publicados depois da morte do seu autor na *Revista Espírita*, de Paris.

(Edições francesa, espanhola, inglesa, holandesa, italiana, alemã, brasileira, grega, portuguesa e russa).

